

INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA
MESTRADO EM PSICOPATOLOGIA E PSICOLOGIA CLÍNICA

TESE DE MESTRADO

Entre a Realidade e a Fantasia

Isabel Maria Correia Carvalho – N° 857

ORIENTADOR:

Eduardo Sá

Instituto Superior de Psicologia Aplicada



2004

ISPA Instituto Superior de Psicologia Aplicada
 Centro de Documentação

Registo: 15729
 Data: 13/4/05

Tel.: 21 631 17 50 • bibliopa@ispa.pt

À Inês

e

À Margarida

... que sonhem muito ...

Índice

PARTE I – Revisão Teórica.....	6
Introdução.....	7
Do símbolo à função simbólica.....	9
Linguagem como comunicação e significado.....	10
Dinâmica das Imagens Mentais.....	12
Ilusão.....	15
O papel da ilusão na formação do símbolo.....	15
O Objecto Transicional.....	16
Objectos Transicionais e Fenómenos Transicionais.....	18
Ilusão – Desilusão.....	21
Fantasia.....	25
Espaço Potencial.....	34
Espaço Potencial e Processo Dialéctico.....	38
Psicopatologia do Espaço Potencial.....	45
Realidade Submetida pela Fantasia.....	48
Realidade como Defesa contra a Fantasia.....	51
Dissociação dos Pólos da Fantasia e Realidade no Processo Dialéctico.....	54
Exclusão da Realidade e da Fantasia.....	55
Símbolo Simbolizado e Subjectividade.....	57
Empatia e Identificação Projectiva.....	60
Fantasia e Metáfora na Relação Analítica.....	64
Ilusão e Fusão.....	75
Imaginação, Símbolo e Percepção.....	77
No Reino das Fadas.....	78
Objectivo.....	84
Problema	84

Método	85
Sujeitos	85
Procedimento	85
Instrumento.....	88
Categorizações.....	90
Parte II -Apresentação dos resultados	94
Apresentação e Interpretação dos resultados	97
Análise e Discussão de Dados	111
Parte III – Conclusões Finais	117
Conclusão Geral	118
Conclusão Final	121
Aplicação Prática.....	123
Referências Bibliográficas	124
Anexos	127
Anexo A: Instrumento	
Anexo B: Entrevistas	

Agradecimentos

À Inês e à Margarida por me permitirem sonhar e por terem tido paciência.

Ao Rui por ter ajudado quando foi preciso e por ser uma “trave mestra”.

Aos amigos pelo reforço durante a “travessia no deserto” e pelo incentivo na “corrida contra o tempo”.

Ao meu pai por fazer questão de lembrar “o mais importante”.

À Dra. Etelvina, a pessoa certa na hora certa.

Ao Professor Eduardo Sá que orientou esta tese por indicar novos caminhos.

A todos eles que me ajudaram a sonhar e a viver melhor, o meu obrigada.

Isabel Carvalho

Nota Introdutória

Este trabalho passou essencialmente por duas fases distintas de sonho e fantasia. Entre uma fase e outra atravessámos um verdadeiro caminho de conhecimento e crescimento. Talvez daí a dificuldade em transcrever para o papel a fantasia sonhada e vivida. Iniciou-se com a ilusão de que talvez fosse possível realizar um trabalho sobre o sonho e a fantasia, com crianças pequenas. Posteriormente a descoberta de posições sustentadas pelos principais autores nesta temática mostrou que este não era um terreno seguro, mas sim mais do tipo “pantanal”. Contudo, a vantagem apresentada, era ir confirmando que através dessa fantasia construíamos a realidade e a teoria apresentada neste trabalho.

No decurso deste trabalho surgiram-nos várias questões, algumas das quais foram sendo verificadas à medida que a pesquisa bibliográfica aumentava outras ainda estão no ar. A maior parte delas não pretendia aqui ser demonstrada, uma vez que o nosso objectivo prende-se com o estudo exploratório com crianças em idade pré-escolar, verificando se perante um estímulo diferente de outro qualquer antes apresentado, uma imagem não sujeita a qualquer estudo psicológico, seria o suficiente para a criança entrar nessa imagem e projectar a sua fantasia. Ficamos com a certeza que é um assunto que certamente vai continuar a ser explorado pelo mundo psicanalista.

PARTE I – REVISÃO TEÓRICA

INTRODUÇÃO

Entre a Realidade e a Fantasia pretende estudar um espaço potencial ilusório, em que a fantasia pode entrar e mediar este caminho até à realidade. A fantasia como a procura de um caminho para a vida. A criação da ilusão abrindo um espaço para a projecção da fantasia. É um estudo exploratório que assenta essencialmente nos conceitos de símbolo e função simbólica, ilusão, fantasia, espaço potencial, passando pela análise dos contos de fadas.

A fantasia desempenha um importante papel na construção do nosso mundo, na condução das escolhas e adaptações que fazemos e das relações que formamos.

Person (1996) escreve um livro “para demonstrar que as fantasias não são mero fruto da ociosidade, mas que estes produtos da alquimia da mente são fundamentais na modelação do nosso comportamento e da nossa personalidade e, em última instância, do caminho que trilhamos ao longo da vida.”

Um primeiro elemento da escolha do outro, adianta Person, está relacionado como a imagem do outro ideal. Vamos crescendo e criando uma série de qualidades do outro ideal; começando por ser o príncipe ou princesa, o herói, temos os nossos modelos, quando confrontamos as fantasias criadas com a realidade vivida, conseguimos adaptarmo-nos à realidade, pela experiência, e aceitamos o outro tal como é, ou não, e ficamos presos na fantasia do outro ideal.

Este trabalho de pesquisa tem por base os contributos de Donald Winnicott, Melanie Klein, Susan Isaacs, Hanna Segal, Thomas Ogden, Masud Khan e Bruno Bettelheim. Inicia-se com a importância do símbolo e a questão da função simbólica.

Explora-se a teoria de objecto transicional e de fenómenos transicionais de Winnicott, a importância do jogo e do brincar, assim como da ilusão e desilusão. No berço da fantasia; analisa-se a importância da fantasia e do segredo como espaço potencial. A fantasia como a possibilidade criadora de um espaço de renovação. A fantasia como um espaço de recriação que possa permitir ao paciente “continuar a ser”.

No seguimento das ideias introduzidas por Winnicott analisa-se o conceito de espaço potencial e os seus contributos para a psicanálise, nomeadamente os textos de Thomas Ogden (“*On Potential Space*” e “*Reverie and Metaphore*”) e de Masud Khan (“*Hidden Selves - Secret as Potential Space*”). Tendo em conta a psicopatologia quando algo falha no processo dialéctico (função simbólica); as considerações relativamente à relação analítica e ao papel dos seus intervenientes, fazendo uma abordagem sobre o papel do analista e ao papel do paciente e o desenvolvimento de uma relação analítica – “o terceiro analítico”.

Um especial destaque para a análise dos contos de fadas de Bruno Bettelheim surge no final da primeira parte.

Do Símbolo à Função Simbólica

Definições

Fantasia, segundo o Vocabulário de Psicanálise, é uma “encenação imaginária em que o indivíduo está presente e que figura, de modo mais ou menos deformado pelos processos defensivos, a realização de um desejo e, em última análise, de um desejo inconsciente. (...) O termo *Phantasie* designa imaginação (...). O mundo imaginário os seus conteúdos, a actividade criadora que o anima (*dasphantasieren*).” (...) “O mundo das fantasias, a actividade imaginativa em geral”. “Vários níveis de fantasia definidos por Freud e as relações entre esses diferentes níveis; inconsciente (sonho diurno), subliminar e inconsciente (desejo inconsciente) ”.

Imaginário, segundo o Vocabulário de Psicanálise, “na acepção dada a este termo por Lacan: um dos três registos essenciais (o real, o simbólico e o imaginário) do campo psicanalítico. (...) Caracterizado pela preponderância da relação com a imagem do semelhante”. Noção de imaginário como a fase do espelho. Lacan distingue a oposição entre imaginário e simbólico. Simbólico é introduzido por Lacan designando a ordem de fenómenos de que trata a psicanálise, na medida em que são estruturados como uma linguagem.

Representação, segundo o mesmo Vocabulário, é “aquilo que se representa, o que forma o conteúdo concreto de um acto de pensamento” e “em especial a reprodução de uma percepção anterior”.

Linguagem como comunicação e significado

A linguagem é o meio utilizado para a comunicação de um modo geral e também em psicoterapia. O homem é um ser falante e formador de símbolos, e também portador de um corpo. A palavra como o terceiro organizador da mente, permite que o sujeito, depois de se autonomizar nos passos, diga de si. Aprenda conceitos e o significado das coisas que o rodeiam, permite também que os seus significados se tornem mais ou menos significantes.

A base do pensamento verbal é a capacidade de comunicação consigo mesmo mediante o uso de símbolos, ou seja, “da capacidade verbal de comunicar-se consigo mesmo por meio de palavras. Nem toda a comunicação interna é pensamento verbal, mas todo o pensamento verbal é uma comunicação interna por meio de símbolos –palavras”, (Segal, 1993, p.56).

No entanto esta linguagem tem algumas limitações, sobretudo na comunicação de sentimentos ou em fazer recordações. Neste sentido as imagens mentais superam a linguagem na comunicação interpessoal, na medida em que permitem ao sujeito expressar-se plenamente, na sua liberdade espontânea.

Estas imagens ocorrem na sequência de uma série de esquemas mentais que, por um lado, por intervenção dos afectos, dos sonhos e emoções (na ordem Inconsciente, segundo Freud), por outro, das sensações (na ordem da Fantasia, para Klein e Isaacs). A partir desta acção conjunta e dinâmica, participativa, construir-se-á o self (passagem ao mundo interno) com a participação constante da percepção. Já no mundo interno, num espaço mental representativo, aonde se cria, poderão passear as nossas imagens. Como se tratasse

de um mundo fotográfico com vida em que se poderá percorrer todos os caminhos desde que haja liberdade para tal.

Dependendo da curiosidade e do medo de cada um em se aventurar em caminhos conhecidos ou desconhecidos. Em pegar um comboio sem saber o destinatário, parado ou em andamento.

Destas imagens poderão surgir algumas próprias à vivência de cada sujeito e, consoante a sua realidade interna, o sujeito percorrerá ou não esses caminhos. O que acontece por vezes é que a realidade é desadequada à realidade interna. Como por exemplo, poderemos falar em imagens auditivas e persecutórias e o indivíduo poderá situar-se numa realidade chamada de delirante. Tendo em conta o desajuste da sua realidade interna com as outras realidades.

Imagens mentais é, em síntese, aquilo que o sujeito cria no seu espaço mental, através da sua percepção das coisas e do seu mundo, conseguindo assim formar as suas representações.

Desde Freud com a técnica inovadora sugerida por Anna O. – a Psicanálise, em que os pacientes deitados, através da associação livre, da recordação e relato dos sonhos, das fantasias, de transferência, as recordações de infância entre outros, são situações que implicam uma continua utilização das imagens mentais.

A Função Simbólica

Os símbolos são necessários para a comunicação externa mas também para a comunicação interior. “A formação de símbolos governa a capacidade de comunicação pois esta é feita por meio de símbolos.”, (Segal, 1993, p.55). Quando há perturbação na relação objectal, quando o símbolo é sentido como perturbante há falha na comunicação.

Há uma necessidade do sujeito em recorrer à metáfora para percorrer o caminho entre o mundo interno (na sua criação, representação, simbolização, fantasia e expectativa) e o mundo externo (verbalizando ou expressando para o outro). Quer seja na verbalização (pela palavra) na escrita, ou jogo, pintura, desenho ou modelagem.

Segundo Piaget, no sexto estágio de desenvolvimento, entre os dezoito meses e os dois anos, completa-se a organização praxica (acção muscular) através de um novo tipo de conduta que não usa mais os tateios empíricos, mas a combinação mental. Por esta altura surgem também as primeiras manifestações da função simbólica.

A combinação mental decorre da interiorização dos conhecimentos adquiridos e da sua organização no plano da representação. A criança passa a não usar mais, somente, os esquemas motores, mas também os representativos.

A intervenção das representações implica um novo tipo de significante, o das imagens simbólicas. A interiorização acompanha-se, por vezes, de gestos simbólicos, que favorecem as novas representações.

Com base na teoria do mesmo autor, o que caracteriza a função simbólica é a diferenciação entre o significante e o significado. Os símbolos e os sinais (significantes) quando diferenciados das suas significações (significados) vão permitir evocar objectos e situações, o que constitui o começo da representação.

Na sequência do referido, a partir daqui é-nos permitido criar. Estamos em condições de jogar simbolicamente, dinamizando imagens mentais, reparar, criando e sublimando. Neste sentido posteriormente surge o jogo simbólico, a imitação diferencial e a imagem mental, (Piaget, 1993).

Os símbolos permitem-nos “transformar o existente, criar o diferente e transitar para uma nova experiência e realidade”, (Coimbra de Matos, 2000).

A função simbólica (ou a função de *reverie*, nas palavras transformadoras de Bion) é o que nos permite transformar os significados (a coisa em si) em significantes (símbolo). Surge de uma necessidade reparadora e que é vivida no jogo. O jogo é uma função simbólica, o que por sua vez é um acto criador. E a criatividade é sublimação.

Malrieu (1996) citando Meyerson, “o símbolo surge como um signo imagético, cuja forma apresenta alguma relação inteligível com o objecto, a noção ou o acto aos quais se reporta”, (p.126). Acrescentando que “o signo implica uma intenção”, “enquanto o símbolo surge através de um movimento afectivo”, o símbolo, “além de designar o objecto (como o signo), designs também as reacções do sujeito a este objecto”.

A significação será a relação entre o significado (imagem acústica e visual) e o significante (conceptual e simbólica), (Malrieu, 1996 citando Lacan, 1986).

Ao estudar a função simbólica verifica-se uma semelhança de significados atribuídos a este conceito, quer em Bion, em Piaget e em Segal. A organização do Eu e as relações objectais vão determinar todo o desenvolvimento; se a criança tem tudo com ela –“ego lábil”(Klein), é portadora de todas as capacidades, como nos diz Coimbra de Matos; logo depende da qualidade da capacidade de reverie da mãe. Possuindo forças organizadoras e desorganizadoras, tende para a organização através da função alfa (Bion) transformadora em função Beta.

A tendência organizadora, segundo Klein, vai ser a quantidade de alfa transformada em beta, a transformação em beta positivamente. Alfa não transformada fica como desorganizador do Eu entrando no campo da psicopatologia. Mais à frente tentaremos relacionar esta patologia com o défice na função simbólica, na capacidade criadora, na capacidade de sublimação.

As relações objectais só se integram positivamente se a maior quantidade de Beta for introjectada positivamente, o que permite uma Identificação introjectiva.

A Ilusão

O papel da Ilusão na formação do símbolo

Marion Milner (1979) reforça a importância que tem sido dada pelos psicanalistas a cerca do processo pelo qual o interesse da criança é transferido de um objecto primário inicial a um objecto secundário. Este processo é descrito como dependente da identificação do primeiro objecto a um outro objecto que na realidade é diferente, mas que é emocionalmente sentido como idêntico. Contudo surgem dificuldades na clarificação de conceitos. Este autor recorda que Ernest Jones e Melanie Klein escreveram no seguimento das concepções de Freud que esta transferência de interesses deve-se ao conflito entre as forças que interditam a curiosidade pelo objecto primitivo, deste modo há a perda real o mesmo, (Milner, 1979).

Klein defende que é o medo da nossa própria agressividade invertida nos objectos primitivos que nos conduz a temer as suas represálias, de tal modo que transferimos os nossos interesses em substitutos menos ameaçadores e conseqüentemente menos assustadores. Para Milner a identificação de um objecto a um outro é como um momento precursor do simbolismo. Os trabalhos publicados por Klein, sobre análise infantil, mostraram que o simbolismo é a base de todos os talentos. Este autor acredita que uma parte da dificuldade surge na distinção clara entre as utilizações do processo de simbolização.

Objecto Transicional

Parece que “um quase tudo” se passa naquela fase de transferência, que em crianças deixamos de nos interessar por um objecto determinado para nos interessarmos por outro objecto específico. É uma fase de transição. Uma passagem. Bion chamaria a isto, este processo de transferência, mais uma transformação. A transformação de mais um pensamento, de mais pensamentos. A transformação no crescimento de mais uma achega na formação do Eu, na transformação do sujeito. Aquilo a que Donald Winnicott chamou de fenómenos transicionais (objectos transicionais – a criança que de repente começa a andar mas que ainda não anda sozinha, anda sim agarrada constantemente àquele cobertor clarinho e felpudo, rematado com uma fita de seda, ou peluche...). Antes de transferir a sua atenção para outro objecto totalmente desconhecido para si, a criança tem que arrastar ou levar consigo (consoante a leveza do reverie facultado), algo securizante, para fazer essa travessia. O objecto transicional – o cobertor, peluche ... - serve como uma ponte que liga uma margem do rio , onde se está, a outra margem, que se pretende chegar.

Nessa travessia vai tendo a noção do que fica para trás e deixa de ver, vai vendo coisas novas. Assim, vai adquirindo a capacidade de olhar para novas coisas, dando novas respostas, criando novas imagens na sua mente, adquirindo novos símbolos. Aprendendo, crescendo, a pensar o símbolo percebido.

Cria-se uma área ilusória – e é sobre esta que incide este trabalho. Os fenómenos transaccionais são os primeiros estágios do uso da ilusão. É algo que medeia o mundo do bebé e o mundo da mãe. O mundo interno e o mundo externo. Permite a passagem de uma fase

a outra, medeia a troca. É também um espaço temporal que permite uma criação. Onde se pode aprender a dar a dar significado à perda, à escolha, à aceitação. É uma área intermediária entre a objectividade e a subjectividade, a ilusão e a desilusão. Entre a criatividade primária e a percepção objectiva baseada no teste da realidade.

Objectos transicionais e fenómenos transicionais

Winnicott (1975) introduz os termos “objectos transicionais” e “fenómenos transitivos” para “designar a área intermediária de experiência, entre o polegar e o ursinho, entre o erotismo oral e a verdadeira relação de objecto, entre a actividade criativa primária e a projecção do que já foi introjectado, entre o desconhecimento primário de dívida e o reconhecimento desta (‘Diga: “bigado”’), (p.14).

Recorda-nos que “a existência da realidade interna e da realidade externa reivindicando a necessidade de um triplo enunciado, uma outra parte que não podemos ignorar, que constitui uma “área intermédia de experimentação, para a qual contribuem tanto a realidade interna quanto a vida externa.” (p.15). Uma área que existe “como lugar de repouso para o indivíduo empenhado na perpétua tarefa humana de manter as realidades interna e externa separadas, ainda que inter-relacionadas” (p.15). Esta área intermédia surge como “um estado intermediário entre a incapacidade de um bebé e a sua crescente habilidade em reconhecer e aceitar a realidade”(p.15). O autor estuda a “ilusão” como “aquilo que é permitido ao bebé e que, na vida adulta, é inerente à arte e à religião, mas que se torna marca distintiva de loucura quando um adulto exige demais da credulidade dos outros, forçando-os a compartilharem de uma ilusão que não é própria deles. Podemos compartilhar respeito pela experiência ilusória, e, se quisermos, reunir e formar um grupo com base na similaridade de nossas experiências ilusórias. Essa é uma raiz natural do agrupamento entre os seres humanos (p.15)”.

Quando Winnicott introduz esta área intermédia não está a estudar o primeiro objecto (o ursinho, ou o uso do polegar, dedos), não está a falar do primeiro objecto das relações de objecto. Está

sim, a referir-se à primeira possessão e a área intermédia entre o subjectivo e aquilo que é objectivamente percebido.

Tendo estudado exhaustivamente os movimentos, acções e reacções, dos bebés, analisou o manuseio de objectos verdadeiramente “não-eu”. O bebé vai utilizando objectos “diferentes-de-mim” no padrão pessoal. A isso chamou de “fenómenos transicionais”. Alguma coisa como uma bola de pelo, um cobertor, uma fralda, uma melodia, que se torna de fundamental importância na hora de ir dormir ou na hora de se conter, na hora de acalmar. Por vezes é suficiente dar ao bebé o seu objecto preferido para ele logo se acalmar e adormecer, por exemplo. Constituindo desde modo uma defesa contra a ansiedade, especialmente a ansiedade do tipo depressivo. Um objecto que foi encontrado pelo bebé, macio ou não, tornando-se naquilo que Winnicott chamou de “objecto transicional”. Esse objecto torna-se de uma importância extrema. Os pais levam-no consigo quando saem com o bebé, sabem que não se podem esquecer dele mesmo que o bebé momentaneamente se esqueça, se o tal objecto ficou esquecido, voltam atrás à sua procura, porque esse objecto, e mais nenhum outro, é o objecto de eleição desse bebé. Como na história “À procura do ó-ó perdido” de Pascal Sanvic, na ilha dos Ò-ós o bebé encontra o seu ó-ó, “tão branco e macio” – na ilha dos Ò-ós todos os ó-ós parecem (a nós observadores) iguais mas têm umas pequenas diferenças ... e cada bebé sabe qual é o seu. Neste enaltecimento a mãe vai permitindo que o bebé utilize o objecto que fica sujo e com mau cheiro porque se sabe que, se lavá-lo, introduzirá uma ruptura de continuidade na experiência do bebé, ruptura essa que pode destruir o significado e o valor do objecto para ele.

Winnicott (1975) tece alguns comentários, tendo por base a teoria psicanalítica:

- a) “O objecto transicional representa o seio, ou o objecto da primeira relação.”
- b) “O objecto transicional precede o teste da realidade estabelecido.”
- c) “Na relação com o objecto transicional, o bebé passa do controlo onnipotente (mágico) para o controlo pela manipulação (envolvendo o erotismo muscular e o prazer de coordenação).”
- d) “O objecto transicional pode acabar por se transformar num objecto de fetiche e assim persistir como uma característica da vida sexual adulta.”
- e) “O objecto transicional pode, devido à organização anal-erótica, representar as fezes (mas não é por esse motivo que pode tornar-se mal cheiroso e não ser lavado).”

Podemos tentar comparar o conceito de objecto interno de Melanie Klein e o conceito de objecto transicional. O objecto transicional não é um objecto interno (que é um conceito mental), é sim uma possessão. Também não é, para o bebé, um objecto externo. Esse objecto é o prolongamento do bebé para o mundo externo, é algo externo a si, que puxa para si e leva-o consigo para todo o lado (Winnicott, 1975).

“O bebé pode usar um objecto transicional quando o objecto interno está vivo, e é suficientemente bom (não muito persecutório). Mas esse objecto interno depende, quanto às suas qualidades, da existência, vitalidade e comportamento do objecto do objecto externo. O fracasso deste em alguma função essencial leva indirectamente à morte, ou a uma qualidade persecutória do objecto.

Após a persistência da inadequação do objecto externo, o objecto interno deixa de ter sentido par o bebé, e então – e somente então – o objecto transicional também fica sem sentido. O objecto transicional pode, portanto, representar o seio “externo” mas indirectamente, por ser representante de um seio “interno”.

O Objecto transicional jamais está sob controle mágico, como o objecto interno, nem tampouco fora de controle, como a mãe real.”, (Winnicott, 1975, p.16).

Ilusão - Desilusão

O bebé só pode progredir do princípio do prazer para o princípio da realidade, ou nesse sentido ou para além dela, da identificação primária, se existir uma mãe suficientemente boa. A “mãe” – ou prestador de cuidados no papel materno – é quem vai estabelecendo uma adaptação activa às necessidades do bebé, essa adaptação que irá diminuindo gradualmente, consoante a crescente capacidade do bebé em aniquilar o fracasso da adaptação e em tolerar os resultados da frustração. Numa natural perspectiva, a mãe será a pessoa que terá mais probabilidade de ser suficientemente boa do que alguma outra pessoa, tendo em conta que essa adaptação activa exige uma preocupação fácil e sem ressentimentos com o bebé. O êxito no cuidado infantil depende não do jeito ou do esclarecimento intelectual mas sim da capacidade de devoção de quem cuida.

Winnicott cria o conceito de mãe suficientemente boa, referindo-se àquela que começa com uma adaptação quase completa

às necessidades do seu bebé. E que, à medida que o tempo vai passando, vai adaptando-se cada vez menos completamente, de um modo gradual, segundo a crescente capacidade do bebé em lidar com o fracasso dela.

Para lidar com esse fracasso materno, Winnicott enuncia alguns meios de que o bebé dispõe, nomeadamente (p.25):

- a) A experiência do bebé, quase sempre repetida, de que há um limite temporal para a frustração. A princípio, naturalmente esse limite deve ser curto.
- b) Crescente sentido de processo.
- c) Os primórdios da actividade mental.
- d) Emprego de satisfações auto-eróticas.
- e) Recordar, reviver, fantasiar, sonhar; o integrar de passado, presente e futuro.

Tendo em conta que a adaptação incompleta à necessidade torna reais objectos, ou seja tão odiados quanto amados, se tudo correr bem, o bebé pode vir a lucrar com a experiência de frustração. Como consequência, se tudo corre bem, “o bebé pode ser perturbado por uma adaptação restrita à necessidade que é continuada durante muito tempo, sem que lhe seja permitida a sua diminuição natural, uma vez que a adaptação exacta se assemelha à magia, e o objecto que se comporta perfeitamente não se torna melhor que uma alucinação”, (Winnicott, 1975, p.25)

A tarefa da mãe consiste numa desilusão gradual do seu bebé, mas sem esperança de sucesso, tendo conseguido a principio proporcionar oportunidades suficientes para a ilusão. Pensando que o seio será criado pelo bebé e recriado, pela capacidade que tem de amar ou pela necessidade, desenvolve-se um fenómeno subjectivo, que chamamos de mãe. “A mãe coloca o seio real exactamente onde o

bebé está pronto para coloca-lo, e no momento exacto”, (Winnicott, 1975).

Então desde o nascimento, “ o ser humano está envolvido entre aquilo que é objectivamente percebido e aquilo que é subjectivamente concebido” (Winnicott; 1975; Pereira, 1996; Ogden, 1985), acrescentando que “na solução desse problema não existe saúde para o ser humano que não tenha sido iniciado suficientemente bem pela mãe”. (Winnicott, 1975).

“A primeira forma de relação é a ilusão: os gestos maternos pelos quais um meio é constituído permitem que o bebé descubra que ‘corresponde à sua própria capacidade de criar ’, (Pereira, 1996, p.168).

Portanto, “ a adaptação da mãe às necessidades do bebé, quando suficientemente boa, dá a este a ilusão de que existe uma realidade externa correspondente à sua própria capacidade de criar.”, (Winnicott, 1975). O bebé recebe este leite de um seio, aquele seio que faz parte dele, o seio daquela, sua, mãe que dá leite a um bebé, aquele, que é o seu bebé, que faz parte dela mesma. A partir daqui, a tarefa da mãe, depois de proporcionar a ilusão, é preparar gradualmente a desilusão na medida em que o bebé seja capaz de suportar, de suportar a frustração da desilusão. Em consequência disto, Winnicott refere que temos uma tarefa de aceitar a realidade que se presume “ nunca estar completa”.

A tensão entre realidade interna e externa é constante da vida e o “alívio dessa tensão é proporcionado por uma área intermediária de experiência (cf.Reviere, 1936) que não é contestada (artes, religião, etc.). Essa área intermediária está em continuidade directa com a área do brincar da criança pequena que se “perde” no brincar”, (Winnicott, 1975)

Essa área intermédia é necessária para o relacionamento entre a criança e o mundo.

Fantasia

A importância da fantasia deve-se a Freud, reconhecendo o poder da fantasia e a sua influência nas nossas vidas. Na reformulação do estudo sobre a histeria, o papel da fantasia no mundo exterior, e a existência de uma fantasia inconsciente foram fundamentais para o surgimento da psicanálise.

Person (1996) citando Freud, que sugere: “tal como existem fantasias (...) conscientes, também existem aquelas que são inconscientes em grande número, que têm de permanecer inconscientes devido ao seu conteúdo e à sua origem em matéria reprimidas” (p.69). Freud percebeu como o jogo e a fantasia eram invocados como soluções para problemas no mundo emocional da criança (o exemplo descrito por Freud do jogo do carretel que o menino escondida e de seguida reencontrava com satisfação). O mesmo poderemos verificar quando brincamos às escondidas com crianças muito pequenas – escondendo-nos atrás de um pano ou algo e reaparecermos de seguida. Também podemos verificar na observação das crianças que brincam aos pais ou às mães assumindo os diferentes papéis, tomando conta dos seus filhos, ou quando brincam aos médicos, quer tranquilizando-se relativamente ao papel do médico quer no pretexto para a exploração sexual. Ou ainda quando brincam aos príncipes e princesas revivendo a história que lhes foi contada.

Eduardo Luís Cortesão escreve, no primeiro número da Revista Portuguesa de Psicanálise, um artigo sobre a teoria Freudiana, a cerca dos princípios do funcionamento mental. Diz ele que os dois princípios do funcionamento mental dão seguimento a todo o trabalho

teórico encetado no Cap. VII da Interpretação dos Sonhos, escrita, publicada em 1900, e definem o funcionamento mental em função dos dois Princípios: o da Realidade e o do Prazer. É ainda na Interpretação dos Sonhos que descobre a primeira concepção topográfica de aparelho psíquico (inconsciente, pré-consciente e consciente).

O princípio do prazer e o princípio da realidade são integrados e são descritos como dois processos. O processo primário (em relação com o sistema inconsciente) e o processo secundário (em relação com os sistemas pré-consciente e consciente). Esta é a conexão topográfica dos "Dois Princípios do Funcionamento Mental", (Cortesão, 1985, p.17).

Ethel Person (1996), autora de diversos estudos do tema da fantasia na esfera do consciente, escreve que "tanto os psicólogos como os psicanalistas se têm mostrado ávidos estudantes da fantasia". Estes últimos têm trabalhado "o conhecimento que temos da fantasia no contexto da psicologia da profundidade" (p.59).

"A fantasia e a realidade não são opostas; ao invés, a primeira é um factor significativo na nossa construção mental da segunda.", (Person, 1996); estão envolvidas num processo dialéctico, como refere Ogden (1985).

Podemos situar a fantasia "no contexto da imaginação" (Person, 1996). Esta autora considera que a fantasia é muito difícil de definir uma vez que se "aplica a um vasto leque de matérias da imaginação". Acrescentando que, talvez por isso, "as definições não psicanalíticas de fantasia são largamente descritivas e poucos esforços têm sido desenvolvidos no sentido de ir para além da

fenomenologia da experiência e alcançar um entendimento das suas principais funções”, (Person, 1996, p.31)

A imaginação depende da “capacidade de criar e manipular símbolos, é a capacidade mental de pensar em possibilidades que estão para além da evidência das percepções sensoriais imediatas. A imaginação permite-nos contemplar alternativas ao mundo real das pessoas, lugares e coisas, aos acontecimentos limitados no tempo do passado e do futuro.”, (Person, 1996, p.31).

Baseando-se nos trabalhos de Jung e Rappaport, Person (1996), afirma que “fantasiar é um tipo exclusivo de pensamento imaginativo, que serve um objectivo psicológico ou emocional e não um objectivo essencialmente pragmático. Esta finalidade da fantasia permite-nos distinguir a fantasia do pensamento imaginativo como um todo. Porém, a linha de separação pode ser muito ténue”, (p.32). Sendo, refere a mesma autora, “o pensamento imaginativo mais vasto e engloba o pensamento abstracto, a resolução de problemas e o pensamento fantasioso, formas de actividade mental sobrepostas mas contudo distintas” (p.34).

Fantasiar é um processo mental que o fantasiador sabe ser um acto da imaginação. “No processo de criar e manipular as fantasias o fantasiador tem quase sempre consciência de criar e dirigir o argumento e de ser capaz de distinguir a fantasia da realidade, tal como uma criança distingue o faz de conta da realidade.”, (Person, 1996). Por outro lado, refere o mesmo autor, o material imaginário da vida consciente que não é reconhecido como tal não é fantasia, mas funde-se na ilusão, engano ou alucinação”.

Person lembrando os trabalhos de Freud sustém que a fantasia “é uma compensação para algo que falta na vida do fantasiador.”,

podendo “ser a realização de desejos de tipo mais complexo (...) como uma solução (...) de conflitos emanados do mundo interior”.

Assim, esta autora, conclui que fantasiar “desempenha um papel muito real, ou melhor, muitos papéis”, numa visão mais simples “proporciona uma satisfação” e “pode aliviar a tensão e evitar a frustração”. Da mesma forma, a criança que se sente infeliz, ou até momentaneamente injustiçada imagina uns pais melhores, que um dia virão buscá-la para um mundo melhor, poderá crescer “relativamente incólume, com uma vida boa ainda no reino da imaginação, e assim, da possibilidade real”. Em suma “é também uma forma de adaptação em que a esperança e o investimento no futuro permanecem vivos”.

Fantasia consciente é definida por Person, tendo em conta os estudos iniciais de Freud e as subsequentes alterações psicanalíticas, como “ um devaneio que emerge no fluxo da consciência, uma narrativa composta de emoções, pensamentos, diálogos internos e impressões sensoriais (predominantemente visuais) ”. E tem como objectivo “alcançar uma mudança radical num estado – uma mudança na forma como nos sentimos”.

O desejo que alimenta as nossas fantasias pode ser habilmente disfarçado. Em crianças pode ser relativamente transparente, tal como o desejo de ter uma *barbie* conduz à fantasia de ter uma *barbie*. Passada a infância “tomam expressões mais elaboradas, metafóricas e simbólicas de desejos, de modo que a sua superfície ou conteúdo manifesto disfarça o significado subjacente” (Person, 1996), o mesmo podemos verificar no caso Carolina (Khan, 1989) apresentado mais adiante.

Person estuda vários tipos e modos de se manifestar a fantasia, que não iremos aqui apresentar pois não se enquadra no nosso

objectivo, mas sendo também bastante interessantes no estudo das dinâmicas psicológicas da fantasia e do fantasiar.

Jean Gilbert, na apresentação da Revista Francesa de Psicanálise (1979), ao escrever sobre a temática das sublimações, diz-nos que a noção de sublimação, depois de Freud, torna-se vaga, confusa e contraditória. Juntando-se à identificação, à idealização, a simbolização, distingue-se de todas estas noções, que também são, elas mesmas, vagas, confusas e contraditórias.

O sublime está bem dentro do nosso espírito. É a essência do nosso espírito, o propriamente espiritual, em todos os sentidos do termo, e compreende assim o termo do espírito.

Freud, na «Malaise dans la Civilisation » refere que «a sublimação dos instintos constitui um dos tratados o mais destacado do desenvolvimento cultural, é ele que permite algumas actividades psíquicas elevadas, científicas, artísticas ou ideológicas, de jogar uma regra tão importante na vida dos seres civilizados. À primeira vista, seremos tentados a ver essencialmente o destinado mesmo que a civilização imponha aos instintos. Mas faremos melhor do que reflectir muito mais tempo.», (Davidoff, 1980, p.806).

Fantasia e Criatividade

A criatividade é “ uma qualidade e função da mente amante; não apenas desejante. O desejo conduz ao sonho; o amor à criação.”, (Coimbra de Matos, 2000)

De um modo geral “ as pessoas que pensam principalmente em termos de metáforas ou metonímias têm mais probabilidade de ser

fantasiadores prolíferos do que aquelas que pensam mais concretamente”, (Person, 1996). Sendo que as que pensam por metáforas pode ser um sinal de uma maior capacidade criativa.

Davidoff (1980) afirma que “embora os psicólogos saibam alguma coisa sobre traços de personalidade, antecedentes e climas associados à produtividade de uma espécie imaginativa, eles não sabem quais as características que propiciam pensamento ou comportamento criativo.” (p.501). E que “Muitas vezes as pessoas "realizam " metas e fogem de situações desagradáveis, provocadores de ansiedade e frustrantes, fantasiando a respeito do que poderia ter sido. Os seres humanos que devaneiam muito algumas vezes julgam suas próprias criações mais atractivas do que a realidade e retraem-se de uma vida activa. Esta é uma característica futura da esquizofrenia. Porém moderadamente e sob controlo consciente, a fantasia parece ser um dispositivo saudável de comportamento agonístico.” (p.562).

A pesquisa efectuada por L.Giambra sugere que os adultos normais devaneiam mais frequentemente a respeito de resolver um problema do que a respeito de sexo, realização, heroísmo e outros tópicos. As mulheres reportam mais fantasias que os homens. Os devaneios positivos - de ambiente relaxantes, como uma praia, e situação que aumentam a auto-estima - algumas vezes podem reduzir a infelicidade que acompanha uma depressão séria (Davidoff, 1980).

Jerome Singer constatou que, entre adultos e crianças normais, fantasiar está associado a criatividade, flexibilidade, capacidade de concentração e inibição da agressão, uma imaginação activa ajuda a integrar experiências e a memória. Permite às pessoas "experimentar" novas respostas mentais ao invés de agir impulsivamente. (Person, 1996; Davidoff,1980)

A fantasia é como uma função vital (Person 1996) “uma vez que muitos psicanalistas observaram que uma incapacidade de fantasiar é tão patológica como uma imersão excessiva na fantasia”.

Fantasia Inconsciente

A essencialidade da fantasia inconsciente para a vida mental (...) é generalizadamente reconhecida por todas as escolas contemporâneas de pensamento psicanalítico”, (Person, 1996).

A teoria Kleiniana da fantasia inconsciente ampliou radicalmente a de Freud (Segal, 1993, p.51). “Foi a psicanálise de crianças que revelou a ubiquidade e o poder dinâmico de fantasia inconsciente e Klein deu a esse conceito o seu peso real”, (Segal, 1993, p.33).

Segal (1993) a «fantasia inconsciente sublinha e dá colorido a todas as nossas actividades, mesmo realísticas. No entanto, alguns fenómenos e actividades visam mais directamente a expressão, elaboração e simbolização de fantasias inconscientes. Não só os sonhos, mas também os sonhos de olhos abertos, o jogo e a arte aqui se podem incluir. (...) A arte e o jogo, no entanto diferem do sonho de olhos abertos porque, ao contrário destes, são também uma tentativa de traduzir a fantasia em realidade».

Segal referenciando Freud, no seu trabalho sobre O princípio do Prazer (1911) afirma que a fantasia consiste num desejo inconsciente trabalhado pela capacidade do pensamento lógico a fim de dar origem a uma expressão disfarçada e a uma satisfação imaginária do desejo pulsional.

Para Freud as fantasias tal como no sonho são a satisfação de desejos, formando-se relativamente tarde no desenvolvimento. Para Klein e Isaacs as fantasias são activas desde o princípio. “Na mente onnipotente do bebé e da criança os desejos tornam-se fantasias de satisfação” e são para as referidas autoras “como expressão directa de impulsos e pulsões”, as pulsões desde o início da vida dão origem a fantasias, (Segal, 1993, p.34).

Klein vê fantasia como expressão tanto de impulsos como de defesa e cita “ As fantasias inconscientes formam o elo de ligação operativo entre pulsões e mecanismos (Isaacs 1948, p.112)”, (Segal, 1993, p.38).

Segundo o ponto de vista de Melanie Klein, há um ego suficiente para experimentar ansiedade desde o início da vida, para formar relações objectais em realidade e fantasia e usar defesas primitivas. Contrariamente a Freud, Klein não sustenta a concepção de que as fantasias só podem ser formadas quando o bebé ou a criança tenham desenvolvido uma capacidade de pensamento lógico. Este conceito, diz Segal, de que a fantasia é operante desde logo, nos primeiros estágios de desenvolvimento, implica que essa fantasia é primeiro física: “ o seio alucinado não é a princípio uma experiência visual, mas sim uma experiência corporal”. As experiências iniciais, por exemplo de fome ou satisfação, são vividas e interpretadas pelo bebé em termos de fantasias de relações objectais. Seguindo a linha de pensamento de Susan Isaacs, por trás de toda a fantasia de introjecção há uma fantasia anterior de incorporação concreta. A satisfação é vivida como conter um objecto que satisfaz a necessidade (1993, p.35)

Inicialmente com Freud concebe fantasia como defesa quanto a qualquer realidade dolorosa. Posteriormente Isaacs associa firmemente o conceito de fantasia ao de mecanismos de defesa, (Segal, 1993, 38).

Para Isaacs o conceito de defesa “é uma descrição abstracta generalizada do que o indivíduo activamente faz no conteúdo particular das suas fantasias” (Segal, 1993, p.36).

“As fantasias podem defender contra realidades, mas também defender de outras fantasias, por exemplo, fantasias de um objecto idealizado e um self idealizado tanto são fantasias de satisfação de desejo como defesas contra um terror subjacente”, (Segal, 1993, p.38).

Para Klein “a fantasia inconsciente é uma actividade primária nuclear, uma expressão original tanto de impulsos como defesas, e está em contínua interacção com a percepção modificando-a mas também sendo modificada por ela. (...) São subjacentes aos sonhos, aos sintomas, à percepção, ao pensamento e à criatividade. Elas não se introduzem num sonho, elas são a matéria de que são feitos os sonhos”; (Segal, 1993, p.44).

Um Espaço Potencial

Winnicott utiliza este termo para se referir a “uma área intermédia de experimentação que está entre fantasia e realidade”. Podendo tomar as formas específicas do espaço do jogo, a área de objecto transicional, o fenómeno, o espaço analítico, a área de experiência cultural e a área de criatividade. O artigo *On potencial Space*, segundo Ogden, é uma primeira tentativa de clarificar o conceito de espaço potencial do trabalho de Winnicott e analisar as suas implicações em torno da teoria psicanalítica do desenvolvimento normal e patológico, da capacidade para a simbolização e subjectividade. O autor refere-se ainda à dificuldade em esclarecer o significado deste conceito uma vez que se mantém enigmaticamente protegido por um conceito de imagens e metáforas.

Nos textos de Ogden - *On Potencial Space, Reverie e Metaphora*, e de Khan - *Hidden Selves (secret as potencial space)*, explora-se este conceito sobre o qual nos debruçaremos ao longo deste trabalho. Ogden na abordagem deste conceito nos seus trabalhos esforça-se por ser fiel à linguagem original de Winnicott e outros autores e tenta desfiar este novelo que é o espaço entre a realidade e a fantasia, numa tentativa de clarificar – nas suas palavras “de pensar as suas preocupações e os seus pensamentos (Fantasia e Metáfora)”, não só os diferentes conceitos mas também a ligação existente entre eles. Fala-nos também do conceito de processo dialéctico “explorado como um paradigma possível para a compreensão da forma ou modo de actividade psicológica geradora de espaço potencial”.

De seguida, tendo por base essencialmente os trabalhos acima referidos estudar-se-á o conceito de espaço potencial.

O espaço potencial trata-se de uma “área intermédia” de tal importância que Winnicott frisou a necessidade de darmos especial importância a este conceito.

Este conceito de espaço potencial é largamente estudado por Ogden e dando continuidade às ideias de D.W. Winnicott, explora a linguagem deste autor, recordando-nos o trabalho realizado e a importância de sermos fieis às suas próprias palavras:

“sendo tão significativo a forma da escrita como o seu conteúdo, “O todo forma a unidade” (Winnicott, 1967a, p.9)”. Nesse sentido levaremos em linha de conta que o importante dos conceitos que os autores apresentam, tal como cita Ogden (1985), “não no sentido de explicar ou interpretar” mas fazendo honra às palavras de Winnicott “ser aceite, tolerado e respeitado ... e não ser resolutivo (Winnicott, 1971a,p.xii)” (p.130).

Assim, Ogden cita Winnicott relembrando o ponto de partida deste conceito:

“Espaço potencial ... é a área que existe (mas não pode existir) entre o bebe e o objecto (mãe ou parte da mãe) durante a fase de rejeição do objecto como não-eu, que é, como resultado de fusão com o objecto” Winnicott 1971b, p.107).

Jogar/brincar, criatividade, fenómeno transaccional, psicoterapia, e experiência “cultural” (“o acento é na experiência”), 1971a, p.99), todos têm um lugar no qual ele ocorre. Esse lugar, espaço potencial, “não é dentro por qualquer uso da palavra ... Nor is it outside isso é a tal ausência, que é dizer, não é parte do mundo repudiado, o não-eu, no qual o indivíduo decidiu reconhecer (seja qual for a dificuldade a até pena) como verdadeiramente externa, que é o controlo mágico de fora (está fora do controlo mágico) “(1971c, p.41). O espaço potencial é uma área intermédia de experiência que se situa entre a) o mundo vencedor, “realidade psíquica vencedora”(1971b.p106 e b) “actual ou realidade externa”(1971c, p.41).Situa-se “entre o objecto subjectivo e o objecto objectivamente percebido, entre extensões do Eu e o não-Eu” (1967a, p.100).

“O acontecimento essencial (desta área de experimentação em geral e do objecto transaccional em particular é ... o paradoxo, e a

não aceitação do paradoxo: o bebé cria o objecto, mas o objecto continua lá à espera para ser criado ... Nas regras do jogo todos nós sabemos que nunca poderemos desafiar o bebé deduzir e responder à questão; foste tu que criaste isto ou encontraste-lo?" (1968, p.89).

Esta "área é um produto de experiências da pessoa individual (bebé, criança, adolescente, adulto) no desenvolvimento que obtém" (1971b, p.107).

Espaço potencial igualmente junta e separa a infância (criança, ou adulto) e a mãe (objecto). "Este é o paradoxo que eu aceito e não tento solucionar. A separação-ausência do bebé do mundo dos objectos o self é alcançado pela ausência de um espaço entre [uma criança e a mãe], o espaço potencial será arquivado do modo que eu estou descrevendo [i.e. com ilusão, com brincadeira e símbolos] (1971b, p. 108). (Ogden, 1985, p.130)

Winnicott criou um enquadramento de metáforas e paradoxos para transmitir o seu conceito de espaço potencial que tem sido muito difícil para os diferentes autores (Ogden, 1985) encontrar palavras suas para clarificar ou acrescentar algo ao "seu conjunto extremamente complexo de ideias" (Ogden, p.130). A sua linguagem aparentemente simples e altamente metafórica tem como consequência o facto de as ideias de Winnicott se manterem enroladas dentro de uma rede devido à linguagem com que as apresentou. Como resultado, se por um lado se apresenta uma particular combinação de clareza e opacidade no pensamento de Winnicott acerca do espaço potencial, por outro lado isso transformou-se numa espécie de carisma popular, nomeadamente o conceito de objecto transitivo. A questão coloca-se quando, simultaneamente, se transforma num isolamento das suas ideias, da exploração sistemática, da extensão e modificação das mesmas. Na sua exploração teórica sobre o espaço potencial Ogden (1985), tem como objectivo não utilizar a linguagem usada por Winnicott para pensar no fenómeno dirigido pelo conceito de espaço potencial. Partindo do pressuposto que "os novos termos não irão alterar os significados da linguagem original e podem promover o acesso à

compreensão do espaço potencial não providas pela linguagem de Winnicott”.

Para melhor podermos pensar neste conceito Ogden apresenta uma referência experimental que poderá ser representativa, neste enquadramento de ideias, antes mesmo de introduzir uma nova linguagem, diferente da utilizada por Winnicott. O seguinte exemplo, (1985, p.130) indica uma ausência do estado mental requerido para a brincadeira (ou seja espaço potencial) seguida pela sua presença.

Uma criança de 2 anos e meio de idade, depois de ter sido assustada tendo a sua cabeça submersa em água enquanto lhe davam um determinado banho, ficou altamente resistente a tomar banho. Alguns meses depois, depois de uma persistente e gentil persuasão da sua mãe, permitiu, muito relutantemente, ser colocada em cerca de dez centímetros de água no banho. O corpo inteiro da criança estava tenso; cada uma das suas mãos fora gentilmente segurada pela sua mãe. A criança não chorava mas os seus olhos estavam “presos” aos da sua mãe. Um joelho foi preso em extensão enquanto o outro foi flectido no sentido de se manter fora de água tanto quanto podia. A sua mãe começou imediatamente a chamar a sua atenção para alguns brinquedos de banho. Ele não estava nada interessado até que ela lhe falou se gostaria de um pouco de chá. Até esse ponto a tensão tinha sido evidente nos braços dele, nas suas pernas, abdómen, particularmente na sua face. De repente isto deu lugar a um novo estado físico e psicológico. Os joelhos dele ficaram um pouco curvados, os seus olhos inspeccionavam agora as chávenas de chá utilizou uma garrafa de champô vazia que escolheu para fazer de leite para o chá. A tensão em sua voz mudou de um insistente argumento “meu não gosto e banho, meu não gosto banho” para a narrativa do seu jogo: “Chá não muito quente, está bom agora. Meu sopro nisto para ti. Chá yummy”. A mãe bebeu algum chá e pediu mais. Alguns minutos depois a mãe tentou alcançar as roupas lavadas. Isto fez com que a criança parasse abruptamente de brincar tal como tinha começado e voltaram novamente os sinais iniciais de ansiedade que precederam a brincadeira. Depois de a mãe reassegurar a criança que a seguraria e que ele não escorregava, ela perguntou-lhe se queria mais chá. Ele aceitou e retomou a brincadeira.

Estes acontecimentos são dados observados e não decorrem de um processo psicanalítico, como nos refere Ogden, Contudo, podemos observar como um estado da mente foi gerado pela mãe e pela criança na qual houve uma transformação da água, partindo de ser algo assustador para ser um meio plástico (descoberto e criado pela criança) com significado que podia ser comunicado. Nesta transformação a realidade não é negada, tal como nos mostra Ogden, a água perigosa é representada na brincadeira. Nem a fantasia roubou a sua vitalidade – a respiração da criança magicamente modificou a água perigosa num presente amoroso. É também uma qualidade de “*I-ness*”¹ que é gerada no jogo, que difere do olhar fixo petrificado e do agarrar-se desesperado, que ligaram a mãe e a criança num ponto de partida de um modo muito concreto no início da brincadeira. É o significado de cada uma destas características de estados de mente verificados que, seguindo Ogden, tentamos analisar.

Espaço Potencial e Processo dialéctico

“A dialéctica é um processo no qual dois conceitos opostos que cada um cria, informa, preserva, e nega o outro, cada um mantém-se numa dinâmica (sempre em mudança) inter relação com o outro (Hegel, 1807; Kogeve, 1947)”, (Ogden, 1985, p.130-131). O processo dialéctico orienta a integração mas esta nunca está completa, cada integração cria uma oposição de dialéctica nova e uma nova tensão dinâmica.

¹ Este termo é utilizado por Thomas H. Ogden sempre entre aspas, sendo um termo que designa um estado do eu, mas sentindo a falta de um termo específico que o designasse em português, decidimos manter a palavra original.

Bleger recordando Freud recorda que este autor distingue no sonho um conteúdo latente e um conteúdo manifesto; “o latente é a redução ao significado do relato feito pelo sujeito do seu sonho. Freud transforma este relato significativo numa realidade existente à priori, que determina a aparição do conteúdo manifesto, e como tal, a confrontação entre um e outro vai conduzi-lo a ver nesta transposição um trabalho de elaboração do psiquismo. Assim surge a descoberta, que se concebe como básica da psicanálise, do inconsciente” (p.40).

O central dialéctico, em psicanálise como nos indica Ogden, é aquilo que Freud concebeu da inter relação entre o consciente e a mente inconsciente. Este autor afirma que não pode haver nenhuma mente consciente sem uma mente inconsciente e vice-versa; cada um cria o outro e só existe como uma possibilidade hipotética sem o outro. Em idioma matemático, a mente consciente e mente inconsciente independente de um ao outro são jogos vazios que só ficam cheios em relação um com o outro. A mente inconsciente só adquire conteúdos psicológicos para a extensão que há uma categoria de evento psicológico do que tem a qualidade de consciência e vice-versa.

O processo de dialéctica está centralmente envolvido na criação de subjectividade. Por subjectividade, eu estou me referindo à capacidade para um gradiente de graus de auto-consciência que varia de auto-reflexão intencional (uma muito recente realização) para a sensação mais subtil, moderada de I-ness por qual a experiência é subtilmente dotada com a qualidade que aquele está pensando os pensamentos da pessoa e está sentindo os seus sentimentos ao invés de morar em um estado de reflexivo de reactividade. Subjectividade é também referida, mas não o mesmo

como, consciência. A experiência de consciência (e inconsciência) segue da realização de subjectividade. Subjectividade, como será discutido, é uma reflexão da diferenciação de símbolo, simbolizado e assunto interpretado. O aparecimento de um assunto no curso desta diferenciação torna possível uma pessoa desejar. O desejar para tornar a si mesmo desconhecido num aspecto de enquadramento dum sistema de significados para a diferenciação de reinos conscientes e inconscientes de experiência.

Paradoxalmente, I-ness é tornado possível pelo outro. “Winnicott (1967b) descreve isto como a descoberta da criança de si mesma a qual ela vê reflectida nos olhos da mãe. Isto constitui uma dialéctica interpessoal em que I-ness e “*other-ness*”² criam um ao outro e são preservados pelo outro. A mãe cria a criança e a criança cria a mãe”, (Ogden, 1985). Recorde-se que em discussão dialéctica, considera-se sempre conceitos, por exemplo, o conceito de mãe e o conceito de criança, e não entidades materiais.)

Significado provém de diferença. Não pode haver nenhum significado em um campo completamente homogéneo. Nem mesmo pode haver reconhecimento da existência do próprio campo homogéneo porque não haveria nenhuma condição diferente de atribuir a isso. A pessoa não pode ter um dicionário com só uma palavra; teoricamente, a pessoa pode ter um dicionário com duas palavras porque cada palavra proveria o contraste necessário para o reconhecimento e definição da outra palavra. Desta perspectiva, a mente inconsciente em si mesmo não constitui um sistema de significados.

² Como anteriormente foi referido, designa um estado do Eu, mantém-se o termo original do autor.

Não há nenhum negativo e nenhuma contradição no inconsciente, simplesmente a coexistência estática de opostos que são o ponto de partida do pensamento de processo primário, (Ogden, 1985).

O sistema Consciente é necessário para gerar significado inconsciente e o sistema Inconsciente é necessário para criar significado consciente, (Ogden, 1985).

Ao mesmo começo (talvez só um momento hipotético), a subjectividade da unidade mãe-criança é só um potencial segurado pelo aspecto da mãe que está fora da unidade de mãe-criança. Relembrando os trabalhos de Winnicott pode ser levado bastante literalmente quando ele diz que não há tal coisa como uma criança (sem uma mãe). Ogden acrescenta a isso que dentro da unidade de mãe-criança, também não está lá tal coisa com uma mãe. A preocupação da mãe (o que um observador veria como a mãe) em se ajustar no lugar da criança seria considerada uma enfermidade se este tipo de perda da si mesmo em outro era para acontecer em uma colocação diferente.

A mãe-criança (em isolamento da parte da mãe que está fora desta unidade) é incapaz de subjectividade. Ao invés disto, há a “*illusion*”³ (em a maioria dos casos fecha uma desilusão) que isso a mãe e a criança não estão separadas e de facto não existem.

³ Termo tal como o autor o escreve. O autor apresenta uma nota de roda-pé que passaremos a transcrever:

«O termo *ilusão* está usada em pontos diferentes por Winnicott para se referir a dois fenómenos bastante distintos. O primeiro é a ilusão do objecto subjectivo (mais com precisão descreveu como a ilusão do assunto invisível e objecto) onde a responsabilidade empática da mãe protege a criança de consciência prematura de si mesmo e do outro. Esta ilusão providencia um escudo protector para a criança (Winnicott, 1948).

A segunda (desenvolvido depois) forma de ilusão é a ilusão que enche espaço potencial, por exemplo a forma de ilusão encontrada no jogo. Aqui, a experiência de

A mãe só existe na forma do ambiente de propriedade invisível em qual há uma reunião das necessidades da criança de certo modo isso é tão moderado que a criança não sofre as necessidades dele como necessidades. Como resultado, não há ainda uma criança.

Se há um bom-bastante ajuste entre a mãe e criança e tal ilusão/desilusão é criada, não há nenhuma necessidade de símbolos, até mesmo do tipo mais primitivo. Ao invés, Ogden refere que “há um estado imperturbado “continuar sendo” (Winnicott 1956, pág. 303) que mais tarde se tornam o fundo de experiência, mas no momento presente é invisível porque não há nada com que contrastar isto; é fundo e primeiro plano. Os símbolos são somente requeridos quando há desejo; nesta etapa de desenvolvimento que estamos a discutir, só encontramos necessidade que é reconhecida; a necessidade satisfeita não gera desejo (i.e. desejando) para qual são requeridos símbolos”, (1985, p.131).

O imperturbado, funcionamento harmonioso da unidade mãe-criança pode ser uma hipotética entidade por causa da inevitável imperfeição de ajuste entre a mãe e a criança. A frustração bem doseada tem como resultado a primeira oportunidade para a consciência da separação.

Ogden, refere em nota de rodapé, que os “resultados das pesquisas por Brazelton (Brazelton & Als, 1979), Sander (1964), Stern (1917), e outros revelam um “diálogo” activo entre a mãe e criança a partir dos primeiros dias de vida. Isto sugere a

unidade com a mãe e a sua separação dela coexiste numa oposição de dialéctica (Winnicott, 1971c). », (Ogden, 1985).

possibilidade de um sentir cedo, não-traumático da existência do outro. Grotstein (1981) mostrou que não é necessário decidir se há unidade de mãe-criança ou se há consciência precoce da existência do outro; ambos podem coexistir como rastros separados de uma consciência dual.”, (1985).

Nesta sequência, a tarefa para o aspecto da mãe que não é uma parte da unidade mãe-criança é tornar a sua presença (a mãe como objecto) conhecida de um modo que não é assustador e que por isso não tem que ser negado ou de outro modo contra a qual a criança tem que se defender. É este período de precoce tomada de consciência da separação, que começa “aproximadamente quatro a seis a oito para doze meses (Winnicott, 1951, pág. 4), que foi o enfoque do trabalho de Winnicott em espaço de potencial”, (Ogden, 1985). Esse autor propôs que para que esta transição, de unidade de mãe-criança para um estado em qual há mãe-e-criança, para não ser patogénico, deve haver um espaço potencial entre a mãe e criança que é sempre potencial (nunca actual) porque está cheio com o estado de mente que encarna o paradoxo que nunca é desafiado: a criança e mãe são um, e a criança e mãe são dois.

O movimento de unidade de mãe-criança (mãe ambiental invisível) para a mãe e criança (a mãe como objeto) requer o estabelecimento da capacidade para a dialéctica psicológica de one-ness e de separação no qual cada cria e informa o outro. No princípio o “*two-ness*”⁴ (isso coexiste com one-ness) não pode ser distribuído entre a mãe e a criança de um modo que claramente demarca os dois como indivíduos separados; assim, neste momento two-ness é uma qualidade da mãe-criança. É a isto que Winnicott se refere quando

⁴ Como referido anteriormente, este termo designa um estado do Eu (o segundo), decidindo-se manter o termo original.

fala sobre o desenvolvimento da criança da capacidade para estar só na presença da mãe. O objecto transitivo é um símbolo para esta separação em unidade, unidade em separação. O objecto transitivo é ao mesmo tempo a criança (a extensão de si mesma criada pela onnipotência) e não a criança (um objecto que ele descobriu que está fora do seu controle onnipotente).

O aparecimento de uma relação com um objecto transitivo simplesmente não é um marco milenário no processo de separação-individação. A relação com o objecto transitivo é como significativamente uma reflexão do desenvolvimento da capacidade para manter um processo de dialéctica psicológica.

As consequências desta realização são momentâneas e incluem a capacidade para gerar significados pessoais representada em símbolos que são mediados pela subjectividade (a experiência de si mesmo como sujeito que criou os símbolos da pessoa), (Ogden, 1985). Adicionando que o atingir da capacidade para manter dialéctica psicológica envolve a transformação da unidade que não requer símbolos em “*three-ness*”⁵, um interface dinâmico de três entidades diferenciadas. Estas entidades são: o símbolo (um pensamento), o simbolizado (aquilo sobre qual está sendo pensado), e o assunto interpretado (o pensador gerando os seus próprios pensamentos e interpretando os seus próprios símbolos), (Ogden, 1985). Este autor sustém que para propósitos heurísticos, a homogeneidade original da unidade de mãe-criança (a unidade invisível antes de ser uma mãe ou uma criança) pode ser pensado como um ponto (Grotstein, 1978). A diferenciação de símbolo, simbolizado e assunto interpretado “cria possibilidade de triangularidade dentro do qual espaço é criado”. Aquele espaço entre

⁵ Outro estado do Eu (o terceiro), conforme referido anteriormente mantém-se o termo original.

símbolo e simbolizado, mediado por uma interpretação do ego, é o espaço em que a criatividade se torna possível e é o espaço no qual nós somos vivos como seres humanos, ao invés de ser, reflexivamente simples seres reactivos. Isto é o espaço potencial de Winnicott, (Ogden, 1985).

Esta transformação de unidade em three-ness coincide com a transformação da unidade de mãe-criança na mãe, criança e observador de mãe-e-criança como três entidades distintas. One-ness (a mãe-criança invisível) torna-se three-ness desde o momento de diferenciação dentro da unidade de mãe-criança, não só é a mãe e a criança criados como objectos; além disso, criança é criada como sujeito. A criança como sujeito é o observador de mãe e criança como (simbólico) objectos; a criança é agora a criadora e intérprete dos seus símbolos, (Ogden, 1985)

Psicopatologia do Espaço Potencial

Winnicott afirma que é dentro do espaço potencial que os símbolos se originam. Na ausência de espaço potencial, só há fantasia; dentro do espaço potencial a imaginação pode desenvolver-se. Em fantasia, “um cachorro é um cachorro é um cachorro” (Ogden), enquanto a imaginação envolve um mergulho significados simbólicos. Nestas breves declarações Winnicott aponta a uma teoria da psicopatologia da função simbólica, uma teoria que, segundo Ogden, remanesce a ser preenchida. Este autor tenta, relativamente a este assunto, preencher a teoria da psicopatologia da simbolização estudando várias formas de incomplitude ou colapso da capacidade

para manter um processo de dialéctica psicológica. Como refere este autor “a função simbólica é uma consequência direta da capacidade para manter uma dialéctica psicológica, e a psicopatologia da simbolização baseia-se em formas específicas de fracasso para criar ou manter essa dialéctica”, (1985).

Como foi discutido pelos autores citados, quando há um ajuste suficientemente bom entre a mãe e criança, muito precocemente (no período invisível da mãe-criança), não há nenhuma necessidade ou oportunidade para símbolos. Dentro do contexto da unidade de mãe-criança, a pessoa que um observador veria como mãe, é invisível à criança e só existe em realização da necessidade dele que ele ainda não reconhece como necessidade. A unidade de mãe-criança pode ser interrompida pela substituição da mãe por alguma coisa dela por um gesto espontâneo da criança. Winnicott (1952) refere-se a isto como “*impingement*” (citado por Ogden, 1985). Algum grau de fracasso de empatia é inevitável e de facto essencial para a criança para que venha a reconhecer as necessidades dela como desejos. Porém, há um certo ponto onde repetido *impingement* vem constituir “trauma cumulativo”, (Ogden citando Khan, 1963; Ogden, 1978).

Trauma cumulativo “é um pilar de um largo espectro de causas de ruptura prematura da unidade de mãe-criança”, (Ogden, 1985). Outras causas incluem a hipersensibilidade institucional (de muitos tipos) por parte da criança, trauma resultante de enfermidade física da criança, enfermidade ou morte de um dos pais ou irmão, etc. Quando a ruptura prematura da unidade mãe-criança ocorre por qualquer razão, há várias formas distintas de fracasso para criar ou adequadamente manter o processo de dialéctica psicológica possa resultar, (Ogden, 1985):

(1) a dialéctica de realidade e fantasia se desmorona na direcção de fantasia (i.e. realidade é submetida pela fantasia) de

forma a que a fantasia se torna uma coisa em si mesmo como tangível, como poderoso, como perigoso e como satisfazendo como realidade externa de qual não pode ser diferenciado.

(2) a dialéctica de realidade e fantasia pode se tornar limitado ou se desmorona na direcção de realidade quando realidade é predominantemente usada como uma defesa contra fantasia. Debaixo de tais circunstâncias, rouba realidade fantasia de sua vitalidade. Imaginação é excluída.

(3) a dialéctica de realidade e fantasia torna-se restringido quando são dissociadas realidade e fantasia de um tal modo sobre evita um jogo específico de significados, por exemplo a 'divisão do ego' em fetichismo.

(4) quando a mãe e a criança encontram serias e contínuas dificuldades em ser uma mãe-criança, a consciência prematura e traumática da criança da sua separação torna a experiência tão insuportável que medidas defensivas extremas são instituídas que tomam a forma de uma cessação da atribuição de significado à percepção. A experiência é excluída. Não é tanto aquela fantasia ou realidade que é negada; mas em que nenhum é criado.

Estas quatro categorias referidas por Ogden só têm significado como exemplos de limitação do processo dialéctico, não pretendendo de modo nenhum ser exaustiva. De seguida apresenta-se cada uma destas categorias seguindo o seu autor (1985).

Realidade Submetida pela Fantasia

A primeira das formas de fracasso atrás citadas para criar e manter um processo dialéctico é aquilo em que o “pólo realidade” da dialéctica psicológica não é estabelecido em um plano com o “pólo fantasia” ou é enfraquecido pela experiência actual que é sentida para ser indistinguível de, e então poderosamente confirmativa de, fantasia. O termo realidade não se usa para realçar algo independente do processamento da percepção de alguém mesmo até a nossa maioria “realística”, nós organizamos, e de certo modo criamos, as nossas percepções de acordo com nosso esquema psicológico individual. O termo realidade é usado aqui para se referir ao que é experimentado como externo de reino da onnipotência do sujeito, Ogden, 1985).

Quando o “pólo da realidade” da dialéctica psicológica entra em ruptura, o sujeito torna-se firmemente encarcerado no reino de objectos de fantasia como coisas em si próprias. Estes são os dois mundos dimensionais em que é experiente como uma colecção de factos. A alucinação não soa como uma voz, é uma voz. O marido da pessoa simplesmente não se comporta simplesmente friamente, ele é gelo. Uma pessoa não sente como o pai da pessoa, o pai da pessoa está no sangue da pessoa e deve ser sangrado fora para estar livre dele. A forma de transferência que gerou quando a dialéctica psicológica da realidade e fantasia desmorona na direcção da fantasia é a transferência de desilusão (Ogden, 1985 citando Litle, 1958; Searles, 1963): o terapeuta não é como a mãe do paciente, ele é a mãe do paciente.

Para uma melhor ilustração Ogden refere um paciente borderline que experimenta a forma de colapso do espaço potencial:

numa discussão ficou aterrorizado no departamento da loja de manequins sentindo que eles eram pessoas com vida. Para este paciente não havia conceito de manequins que são “como-vida”; ou eles estavam vivos ou eles não estavam. Uma coisa não está para outra. As coisas são o que eles são. O referido autor recorda Segal (1957), que usa o termo “equação simbólica” para esta inter-relação de símbolo e simbolizado.

Como alguém se aproxima o estado onde nada é sentido para representar qualquer coisa mas isso mesmo, a pessoa torna-se cada vez mais encarcerado no reino da coisa em si mesmo. Pouco do que aquele experimenta pode ser compreendido desde que compreensão envolva um sistema de níveis de significados, um nível que forma o contexto pelo qual os outros níveis assumem significado. Exemplificando, Ogden refere que o passado, o presente, os sonhos, a experiência de transferência, cada provê um contexto para a compreensão dos outros e é compreensível só em termos dos outros.

Com capacidade limitada para distinguir símbolo e simbolizado, aquilo que é percebido é submetido pela subjectividade (uma sensação de si mesmo como criador de significados). O fim é aquela percepção carregada com um imperativo impessoal para acção. As percepções devem ser para nos livrar de, aderido a, escondido, escondido de, posto em alguma outra pessoa, adorado, quebrado, etc. O que a pessoa não pode fazer é entender. Isto é assim, não porque a pessoa não deseja entender a sua experiência; deste modo é assim porque são como aproximações de alguém do reino da coisa em si mesmo, tudo aquilo é o que é, assim o potencial para compreender simplesmente não existe.

Um outro exemplo de Ogden para justificar o enunciado: um paciente borderline soube que o terapeuta, que tinha começado a hora

três minutos mais tarde, fez assim porque ele preferiu o paciente cuja hora precedeu a este paciente. O paciente falou para o terapeuta que decidiu terminar terapia, algo tinha estado a pensar fazer à muito tempo mas não tinha previamente falado ao terapeuta. As tentativas por parte do terapeuta para entender porque o paciente interpretou o atraso deste modo particular foram recebidas com exasperação. O paciente acusou o terapeuta de utilizar interpretação de livro de ensino para negar o óbvio.

Para este paciente, sentimentos são factos a ser agidos e não respostas emocionais para serem compreendidas, sustém Ogden (1985). Não há nenhum espaço entre simbolizado (o atraso da terapeuta) e o símbolo (a representação emocionalmente colorida do paciente pelo terapeuta). Os dois (a interpretação e o evento externo) são tratados como um. Referindo uma sua paciente, Ogden recorda o que ela lhe disse: “Você não me pode dizer Eu não vejo o que Eu vejo”. Com a ruptura da distinção entre símbolo e simbolizado, não há nenhum compartimento para “entretar” ideias e sentimentos. A transferência assume uma qualidade mortalmente séria; ilusão passa a desilusão; pensamentos passam a planos; sentimentos tornam-se acções iminentes; transferência projectiva torna-se em identificação projectiva; o jogo torna-se compulsão.

Entendendo que, segundo este autor, o significado da experiência da pessoa só é possível quando uma coisa pode estar para outra sem ser o outro: isto é o que constitui atingir a capacidade para formação formal simbólica (citando Segal, 1957). O desenvolvimento da capacidade para formação formal de símbolo liberta a pessoa da prisão do real da coisa em si mesmo.

Para Lacan (1977) mostrou que o individuo tendo atingido a capacidade para a simbolização torna-se livre de uma forma de

aprisionamento (a que se limitava à experiência sensória) só para entrar em uma prisão nova que é da ordem simbólica. No reino da ordem simbólica, a linguagem proporciona-nos símbolos que existiam antes de nós e deste modo determinam os nossos pensamentos, embora nós funcionemos debaixo da ilusão que nós criamos nossos próprios símbolos, (citado por Ogden, 1985).

Realidade como Defesa contra a Fantasia

A segunda forma de distorção patológica do processo psicológico de dialética que iremos abordar é aquele em que o “pólo da realidade” do processo de dialética é usado predominantemente como defesa contra a fantasia. Sempre que o potencial para um processo de dialética psicológica está limitado para propósitos defensivos (i.e. excluir, modificar ou diminuir o significado de um determinado grupo de possíveis pensamentos), um preço é pago. Neste caso, o preço é a exclusão de imaginação, (Ogden, 1985).

Quando um processo de dialética psicológica relativamente alargado foi estabelecido, podemos verificar que quando uma menina pequena que brinca em casa é simultaneamente a menina pequena e a mãe e a pergunta das quais ela é, nunca surge. Sendo a criança que se sente amada pela mãe dela (na realidade) é seguro para ela representar a personagem da mãe (em fantasia) sem medo de retaliação ou medo de se perder a si própria na sua mãe, e como resultado, desaparecer como pessoa separada. Ao ser a mãe (na fantasia) dá acesso à criança a utilização de toda a riqueza dos símbolos culturais, familiares e pessoais (por exemplo em relação ao significado de ser mulher, ser mãe e ser filha) que foram adquiridos

conscientemente e inconscientemente no decorrer da experiência real com a mãe dela, pai e outros, (Ogden, 1985).

Por outro lado, acrescenta o mesmo autor, se a menina pequena só é apenas uma menina pequena, é incapaz de brincar, é incapaz de imaginar e será incapaz de se sentir viva em qualquer sentido. Tal situação surge quando a realidade deve ser usada como uma defesa contra a fantasia.

Uma outra situação referida por este autor, por exemplo, se a pequena menina é apenas mãe, ela é psicótica e ficará no tempo aterrorizada pela sua fantasia de possessão da sexualidade adulta e pelo poder adulto (omnipotente) sobre a vida e a morte. Aqui o polo da realidade da dialéctica foi de encontro ao pólo da fantasia da dialéctica como referido anteriormente.

Ogden refere mais um exemplo para melhor ilustrar esta categoria. Uma criança que tinha assistido os pais dela tendo relações sexuais, assim como a recepção penosa de um irmão mais novo, aos 6 anos desenvolveu uma inteligência precoce e um “modo de adulto” de relatar, marcado por um profundo cepticismo. Ele estava interessado em achar “explicações lógicas” para “coisas incríveis”, em particular proezas na televisão. Aos 7 anos, levaram-no a um espectáculo de marionetas, os pais dele ficaram preocupados porque o menino não achou nada interessante o espectáculo e ao invés achou estranho o facto de as personagens serem esculpidas em madeira e oscilando em fios, que foram manipulados por pessoas atrás da tela. O autor refere que, a percepção dele era “exacta”, mas a consciência poderosa desta realidade preveniu o relacionamento dialéctico da fantasia e realidade que gera a possibilidade para imaginação. Para esta criança, o perigo de desejos e medos “se tornarem realidade” numa forma destrutiva e terrivelmente assustadora tem toda a probabilidade

de se tornar real pela interpretação dele do que ele tinha testemunhado (“atrás das cenas”) mais cedo na vida dele. Tais experiências dramáticas muito cedo não são condição necessária nem suficiente para as fantasias serem experimentadas como algo assustador onde é necessário o controlo através do exagerado apelo à realidade, (Ogden, 1985).

Segundo o mesmo autor, os pacientes que experimentam esta forma de colapso de processo de dialéctica cronicamente apresentam poucos se alguns sonhos e descartando os sonhos que se apresentam como “sem nexos”, “doidos”, “estúpidos”, “estranhos”, etc. Quando os sonhos são apresentados por estes pacientes, os sonhos são frequentemente dificilmente distinguíveis dos pensamentos conscientes deles/delas, por exemplo os sonhos podem descrever situações embaraçosas nas que o paciente pensa regularmente conscientemente. As associações aos sonhos são frequentemente um catalogar do qual partes do sonho ocorreram ou não ocorreram “realmente” e justamente o que a real situação levou a essa alusão ou é descrito no sonho.

Alguns destes pacientes são os observadores agudos e notarão quando um único livro foi movido em uma estante grande no escritório do terapeuta. Segundo a sua experiência, Ogden refere que quando o paciente é questionado a cerca da resposta dele a um detalhe que foi notado, o paciente será extremamente céptico sobre que benefício poderia provir possivelmente de uma discussão sobre uma coisa tão trivial. Em tais momentos ao procurar algum significado pessoal no detalhe observado, os pacientes referiam que seria como “tentar obter sangue de uma pedra”. A fixação do paciente na realidade é designada por “retirar o sangue” da fantasia. A ressonância de dialéctica dos significados realistas e fantásticos é excluída e deixa o paciente incapaz de imaginação.

*Dissociação dos Pólos da Realidade e da Fantasia do
Processo Dialéctico*

Fetiches e perversões podem ser entendidas como representando uma forma particular de limitação do processo de dialéctica em qual os pólos de realidade fantasia são dissociados um do outro (Ogden, 1985; Winnicott 1971). Freud (1927) mostrou que fetiches envolvem uma “divisão do ego” de tal modo que o sujeito conjuntamente sabe e não sabe que as mulheres não têm pénis, (citado por Ogden, 1985). Este estado psicológico não constitui uma verdadeira dialéctica psicológica desde que foi construído a uma extensão grande no serviço de negação e como resultado envolve uma limitação severa do modo em que um polo da dialéctica é permitido informar e é informado pelo outro. Um processo de dialéctica torna-se limitado quando a pessoa impõe restrições nisto: todas as possíveis combinações de significados são possíveis excepto aqueles que conduzem ao pensamento que as mulheres não têm pénis. Estes pensamentos ou outros derivados disto nunca devem ser pensados. Para extensão disto há uma tal limitação colocada em um processo de dialéctica, realidade e a fantasia já não informa um ao outro e ao invés continuou isolado de um ao outro em um estado de coexistência estática. A interrelação dialéctica permite para a ressonância de significados, por exemplo, significados conscientes e inconscientes. A divisão do tipo envolvido em perversões e fetichismo pode ser entendido como não só envolvendo negação, mas a execução de hipoteca de ressonância de dialéctica que poderia gerar significados que sentimentos de alguém são perigosos, (Ogden, 1985).

Exclusão de Realidade e Fantasia

A forma final de fracasso para alcançar a capacidade para criar e manter um processo de dialéctica psicológico que será analisado de seguida é uma forma mais extrema do que esses que foram apresentados anteriormente. As formas de disfunção do processo de dialéctica que foi descrito anteriormente têm sempre envolvida uma limitação de (metaforicamente, um “colapso” de) uma dialéctica que foi sendo estabelecida uma graduação significativa e era secundariamente tornada limitada. O que será discutido agora aqui é um fracasso primário para gerar um processo de dialéctica psicológico manifestando-se a si mesmo como um “estado de não-experiência” (Ogden, 1980/1985). Em um estado de não-experiência há percepção, mas a percepção recorre a dados sensório que não é atribuído significado. Não são negados significados, eles simplesmente não são criados. Este estado foi descrito várias vezes como um “encapsulamento” psicológico (McDougall, 1974), como uma “ausência” análoga a isso visto tal como um pequeno mal apoplético (Meltzer, 1975), como “branca psicótica” (Green, 1975), como psicótico “não-ser” (Grotstein, 1979), e como “morte em vida” (Laing, 1959), (citado por Ogden, 1985). No contexto de trabalho psicoterapêutico intensivo com pacientes esquizofrénicos crónicos, Ogden descreve “o estado de não-experiência como um estado em qual, toda a experiência é emocionalmente equivalente, uma coisa é da mesma maneira que bom ou da mesma maneira que ruim como qualquer outra coisa; todas as coisas, as pessoas, lugares e comportamento são emocionalmente intercambiáveis”. Deste modo, tudo pode ser substituído por outra coisa, “criando uma situação análoga para um sistema numérico em qual há um número infinito de inteiros mas todos são iguais uns aos outros em valor. Adição, subtracção e todas as outras operações seriam formalmente possíveis,

mas não haveria nenhum ponto em qualquer deles, desde que você sempre chegaria ao mesmo valor com que você tinha começado (Ogden, 1980, p.520)", (Ogden, 1985).

O estado de não-experiência (Ogden, 1985) é considerado "como uma defesa de super-ordenada resultante de quando todas as outras operações defensivas demonstraram que eram insuficientes para proteger a criança contra uma contínua e subjugada dor psicológica". Debaixo de tais circunstâncias a criança deixa de atribuir significado à percepção dele e assim falha o gerar de significado emocional (significado pessoal) de qualquer tipo. Neste contexto, a presente discussão diz respeito à exclusão da possibilidade de gerar significados realistas e fantásticos, isto nega à criança os elementos a partir dos quais ela poderia construir um processo de dialéctica envolvendo fantasia e realidade.

O Símbolo, o Simbolizado e Subjectividade

Como foi discutido, para Ogden (1985) o estabelecimento do processo psicológico de dialéctica cria condições em que é atribuído significados à experiência que podem ser entendidos, ao invés de simplesmente constituírem um padrão de factos a ser agido. O estabelecimento da distinção entre o símbolo e o simbolizado são inseparáveis do estabelecimento de subjectividade: as duas realizações são duas facetas do mesmo desenvolvimento. Recordando as palavras de Winnicott, a pessoa poderia dizer que espaço potencial está entre o símbolo e o simbolizado, (Ogden, 1985). Distinguir símbolo de simbolizado é distinguir o pensamento da pessoa daquilo que está pensando acerca de, a pessoa está sentindo aquilo que também está respondendo. Para o símbolo se manter independentemente do simbolizado, deve haver um sujeito inserido no processo de interpretar as suas percepções. A sua mente poderia perguntar o que é novo no desenvolvimento “avançado” desde que logicamente sempre houve uma pessoa que interpreta a experiência dele. Isso é claro que assim do ponto de vista de um observador externo, mas não foi assim do ponto de vista do sujeito. De fato um sujeito não existiu quando símbolo e simbolizado era indiferenciados. Conclui-se que a realização da capacidade para distinguir símbolo e simbolizado é a realização de subjectividade, (Ogden, 1985).

Isto é paralelo à concepção Kleiniana da criação de realidade psíquica na posição depressiva (Klein, 1958, citado por Ogden, 1985).

A partir deste ponto, o referido autor defende que a função simbólica envolve sempre a three-ness da interrelação de três

entidades distintas: (1) o símbolo (o pensamento), (2) o simbolizado (aquilo que está sendo pensado acerca de), e (3) o pensador (a interpretação do ego) que está criando os seus pensamentos e que se mantém separado dos dois, o pensamento e a coisa a ser pensada acerca de. O espaço potencial deixa de existir como qualquer dois destes três elementos se foram diferenciados: o pensador e o símbolo, o símbolo e o simbolizado, ou o pensador e o objecto de pensamento (o simbolizado), (Ogden, 1985).

A partir desta discussão, Ogden considera que esta argumentação tem implicações importantes para uma teoria do desenvolvimento da capacidade para simbolização.

Defendendo que o período anterior ao estabelecimento do processo de dialéctica (anterior ao período do fenómeno transitivo) não é caracterizado pelos objectos internos como coisas em si próprios como Melanie Klein (1946) teria dito, mas bastante por uma ausência da necessidade para símbolos a tudo, (citado por Ogden, 1985). Acrescentando que período da “invisível” unidade mãe-criança não há nem uma mãe em uma criança desde que a mãe ambiental só existe como o preenchimento invisível das necessidades da criança antes de eles se tornem desejos.

Como se discutiu anteriormente, para Ogden, a concepção de Winnicott de desenvolvimento pode ser pensado como um movimento de um estado original de one-ness que não é experiente como one-ness, porque a homogeneidade da situação impede uma avaliação de diferença e, então, o delineamento de significados. O progressivo desenvolvimento, no contexto de mãe suficientemente boa, é three-ness em que há uma relação entre símbolo e simbolizado isso é mediado por um assunto interpretando. A mãe-criança invisível tornou-se uma mãe-e-criança como (simbólico) objectos, e criança

como sujeito interpretando. A criança como sujeito torna isto possível para a criança se dar conta da subjectividade da mãe. Isto permite então o desenvolvimento de verdade (Winnicott, 1958, citado por Ogden, 1985), a capacidade para preocupação com outra pessoa como um todo e um ser humano separado capaz de sentimentos de gostar, não é o mesmo, a pessoa é próprio. Com o desenvolvimento desta consciência da subjectividade do outro vem a capacidade de culpabilidade, para lamentar, para empatia, para o desejo para fazer compensações ao invés de restauração mágica do objecto danificado.

Winnicott (1993) referencia a importância da posição depressiva e o grande contributo de Klein à psicanálise; “ a criança tem uma fonte pessoal de sentimento de culpa e não é necessário ensinar-lhe a sentir culpa ou preocupação” (p.448).

Nesta perspectiva, Ogden (1985), defende que a quebra do processo de dialéctica que gera o reino da coisa em si mesmo pode ser entendido como tendo um lugar específico no desenvolvimento de relações de objecto: two-ness (a criança e mãe como objectos na ausência de criança como interpretando o assunto) corresponde ao reino da coisa em si mesmo. Há só objectos e nenhum sujeito. Este é sempre um produto da quebra de three-ness (o dialéctico de fantasia e realidade, símbolo e simbolizado mediado por um sujeito) e não a progressão normativa do one-ness invisível da unidade mãe-criança original.

Segundo a análise do mesmo autor, isto implica que Winnicott vê o desenvolvimento normal de fantasia como sendo o seu começo uma parte de um processo de dialéctica no qual fantasia cria e é criada pela realidade. Verificando-se que tal conclusão vai contra a noção de Klein (1946, 1952) do lugar em desenvolvimento normal da posição esquizo-paranoide é anterior à posição depressiva. Na posição esquizo-paranoide, fantasia, equação simbólica e parte-

objecto discriminado predominam. Assim, mostra Ogden (1985) que para Klein a posição depressiva (three-ness consistindo em sujeito, símbolo, e simbolizado) desenvolve fora do two-ness da posição esquizo-paranoide (símbolo e simbolizado na ausência de um sujeito capaz de consciência de realidade psíquica.). E que para Winnicott, acrescenta Ogden, a forma de fantasia que Klein associa a posição esquizo-paranoide (uma forma de fantasia que usa equação simbólica como o modo de simbolização) representa sempre uma quebra de three-ness e é então sempre uma reflexão de psicopatologia. Concluindo que para Winnicott pode haver uma não normativa posição esquizo-paranoide.

Empatia e Identificação Projectiva

A discussão precedente do desenvolvimento do processo de dialéctica e simbolização providencia um contexto para um maior entendimento de aspectos de identificação projectiva e a sua inter-relação para empatia.

A empatia é um processo psicológico (como também uma forma de descrição de objecto) isso acontece dentro do contexto de uma dialéctica de ser e não-ser o outro, (Ogden, 1985). Dentro deste contexto, (Winnicott diria, “dentro do espaço potencial”), a pessoa joga com a ideia de ser o outro enquanto sabendo que aquele não é. É possível experimentar por lado uma identificação e depois outra (i.e. jogar com o sentimento de ser o outro de modos diferentes) porque o pólo oposto do dialéctico diminui o perigo de ser apanhado no outro

e em última instância de se perder a si mesmo no outro. Por outro lado, a identificação projectiva pode ser entendida como um processo psicológico-interpessoal (uma forma de defesa, comunicação e discriminação do objecto) acontecendo fora do dialéctico de ser e não-ser o outro, i.e. fora do espaço potencial, (Ogden, 1985).

A identificação Projectiva pode ser pensada como envolvendo o seguinte desenvolvimento (Ogden, 1985): (1) uma fantasia projectiva inconsciente de depositar uma parte da si mesmo no outro, (2) uma pressão de interpessoal exercida no outro para o próprio experimentar e se comportar em congruência com a fantasia projectiva inconsciente, e (3) o “recipiente” que processa da experiência induzida seguido pelo projector que está re-interiorizando (por meio de introjecção ou identificação) de uma versão modificada daquele aspecto de si próprio que ele (em fantasia) lançou.

Interpessoalmente, este autor defende que, a identificação projectiva é o negativo de brincar; é um alistamento coercivo de outra pessoa para executar um papel no projector exteriorizado de fantasia inconsciente. O efeito deste processo no recipiente é ameaçar a habilidade dele para experimentar o estado subjectivo dele como realidade psíquica. Por um lado, as percepções dele são experimentadas como “realidade” ao invés de uma construção pessoal. Isto representa uma limitação do processo de dialéctica psicológico do recipiente processa pelo qual são gerados significados simbólicos e são entendidos. Assim, sustém Ogden, nem o projector nem o recipiente da identificação de projectiva estão capacitados para experimentar um alcance de significados pessoais. Pelo contrário, há só uma sensação poderosa de inevitabilidade. Nenhuma parte pode conceber de si próprio ou de qualquer outro

diferentemente ou menos intensamente do que ele faz no momento (Ogden, 1985).

O “processamento” de uma identificação projectiva por um terapeuta pode ser entendido como o ato do terapeuta de re-estabelecer um processo de dialéctica psicológico no qual o estado de sentimento induzido pode ser experimentado, pensamento sobre, e entendido por um sujeito interpretando. O jogo de significados gerado neste processo provê os dados com que o terapeuta poderia desenvolver uma compreensão da transferência, em vez de sentir compelido a agir, negar, ou aceitar a inevitabilidade da experiência actual de si próprio e do paciente, (Ogden, 1985).

Como exemplo, Ogden faz referência a um paciente diagnosticado como borderline, que tinha sido hospitalizado durante alguns dias depois de um gesto de suicídio.

Um membro masculino da sala de enfermaria que tinha estado trabalhando com esta paciente falou-me que a paciente era extremamente competitiva ao ponto que era quase impossível se ocupar de qualquer tipo de pequena actividade com ela. A noite anterior, ele tinha perguntado se ela queria ter um jogo de cartas. O paciente concordou, mas imediatamente procedeu o chover com crítica sobre o modo como ele manipulou os cartões. O enfermeiro falou-me que ele explicou ao paciente que ele teve nenhum desejo para entrar em uma luta com ela e que quando ela quis jogar cartas, ele estaria contente de fazer assim se ela lhe deixasse fazer como sabia. Ele foi-se embora e a paciente não se aproximou depois disso. Quando eu falei com a paciente para a consulta, ela disse que estava nervosa sobre como falar comigo e quando eu inquiri sobre porquê, ela disse que tinha medo que não o faria bem. Quando eu lhe perguntei de que modo ela teve medo de falhar, ela me falou que estava preocupada que seria menos que não-honrado, que ela seria desonesta não no sentido da mentira, mas que me deixaria com a falsa impressão dela. Ela me contou várias coisas sobre ela, no curso da entrevista, todas elas eu descobri mais tarde pelo seu terapeuta, eram interpretações que ele tinha lhe dado. A entrevista teve um sentimento rotineiro a isto, um paciente muito falador para um doutor. Não havia quase nenhuma sensação de descoberta, surpresa, humor, ou originalidade em qualquer uma das nossas

partes. Eu não pude misturar a consciência que nós estávamos nos sentando num quarto de um hospital e que eu era um psiquiatra que conduzia uma entrevista com um paciente. Como resultado, sentia como se nada espontâneo poderia acontecer entre nós. O paciente alimentou para mim as perspicácias que ela pensou que eu quis dela, mas ela não foi esvaziada ou roubada no processo porque as perspicácias não eram dela e ela não lhes dava valor. Eles eram propriedade hospitalar que lhe foi dada por outro doutor e ela somente os estava passando para mim.

Qualquer outra coisa estava acontecendo entre o paciente e eu mesmo, que eu só estava subliminarmente consciente durante a entrevista, mas que se tornou mais claro imediatamente depois da entrevista ter terminado. Quando eu terminei o encontro com a paciente sentia uma necessidade urgente para falar a alguém. Não teve que ser em particular qualquer pessoa ou sobre qualquer tópico específico, mas a necessidade para falar com alguém era inconfundível. Levei algum tempo para me dar conta da solidão que eu tinha sentido enquanto falava com este paciente.

Posteriormente, Ogden, analisando o seu sentimento a cerca da entrevista com este paciente, o comportamento dela com a enfermeira a noite prévia fez mais sentido. Ela tinha ridicularizado o enfermeiro pelo modo como ele jogava, não para o derrotar, mas esconder dele o fato de ela não saber jogar. Claro que, ela sabia as regras do jogo, mas ela não pôde entrar num enquadramento de mente em que o jogo poderia acontecer. Do mesmo modo começou a entrevista com Ogden avisando-o que a conversa poderia parecer uma troca significativa, mas não seria (referindo a ansiedade dela a cerca da falsa impressão que ela daria). O que pareceria descobertas sobre ela provariam ser repetições de ideias passadas do terapeuta anterior. Assim, a sua comunicação principal a ambos, para o enfermeiro e para Ogden, era um argumento para entenderem que ela se sentia intensamente isolado pela inabilidade para jogar. A comunicação dela não estava em palavras, mas por meio de uma indução de um sentimento de solidão em mim. Isto é o que Winnicott (1971/1975) chamaria uma "comunicação directa", e o que Ogden (1985) compreende como uma identificação projectiva. Quando um paciente é incapaz de gerar o estado de mente necessário para o jogo acontecer, ele ou ela será

isolado dos outros excepto pelo significado do tipo directo de possível linguagem na identificação projectiva. “Só jogando é possível a comunicação, excepto a comunicação directa que pertence à psicopatologia ou a um extremo de imaturidade”, (Winnicott, 1971, citado por Ogden, 1985).

Fantasia e Metáfora na Relação Analítica

O uso analítico da fantasia e do papel da metáfora na experiência analítica está clinicamente provado, (Ogden 1997, p.719).

Durante o curso de qualquer tratamento psicanalítico (Khan, 1989), “esperamos um paciente inabilitado e de pensamento flutuante em muitos espaços – dentro/fora, subjectivo/objectivo – e partilhamos isso com ele”. Khan (1989) defende que a situação analítica total encontra os vários percursos do paciente nos seus diferentes estados, segundo 3 modalidades: o processo analítico, a relação analítica (transferencial) e o setting analítico (p.97). O processo analítico actualiza a interpretação verdadeira e lida com significados escondidos (Freud), o ausente significado (Green) e o significado potencial (Khan) das comunicações do paciente (citado por Khan, 1989). É aqui que o analista é por excelência o “ego suplementar” (Heimann 1956 citado por Khan, 1989) do paciente. A relação de transferência organiza aquela afectividade no paciente que o disponibiliza para o projectar às regras das figuras significativas do seu passado no seu analista, no aqui e agora da situação analítica. Na recente década mais duas funções têm sido adicionadas às regras analíticas na relação transferencial, nomeadamente, as de holding

(Winnicott) e de containig (Bion). Relativamente ao uso do setting analítico pelo paciente, segundo Khan, este tem sido sujeito a um rigoroso estudo principalmente pelas pesquisas de Winnicott e Balint.

Na análise clássica a capacidade do paciente para usar o setting analítico era tomado por garantido e a maior parte da literatura era dedicada à discussão do uso ou abuso por parte do paciente do processo analítico e a relação transferencial. As pesquisas de Winnicott (1955) e de Balint (1968) e Milner (1969) têm progressivamente sensibilizado para o facto que o paciente em determinados estados de distress e distúrbio é apenas capaz de utilizar o espaço analítico, enquanto se sente ele próprio incapaz de usar o processo analítico e a relação transferencial, (citado por Khan, 1989).

Através da mesma experiência clínica Khan verificou que os seus pacientes utilizam o espaço analítico de duas formas distintas: como o espaço concreto onde estão e como um potencial espaço onde eles sustentam desejos e experiências psíquicas primitivas que as suas capacidades egoicas ainda não conseguem actualizar. Citando o conceito de espaço potencial de Winnicott (1967), no texto “ O lugar do espaço cultural” ele afirma:

No principio o bebé tem superiormente experiências intensas no espaço potencial entre o objecto subjectivo e do objecto objectivamente percebido, entre extensão-eu e o não-eu. Este espaço potencial está na área intermédia entre o não ser nada mas eu e seus seres objectos e fenómenos fora do seu controlo omnipotente.

Todo o bebé tem a sua própria existência favorável ou desfavorável. A dependência é máxima. O espaço potencial acontece somente em relação a um sentimento de segurança/confiança da parte do bebé que é a confiança dada à segurança da figura materna ou a elementos comportamentais. Segurança sendo a evidência da confiança que começa a ser introjectada (p.100), (Khan, 1989. p.98).

Winnicott não examinou o setting analítico em termos desta hipótese. Parece que esta consulta de jogo de rabisco dá-nos um conjunto vivo de como uma criança usa o papel como espaço potencial no sentido de privar sozinha com Winnicott. O espaço potencial do papel é um espaço partilhado onde ambos Winnicott e a criança, também actuam mutuamente neste “momento significativo” quando a experiência da criança pode ser interpretado à criança (citado por Khan, 1989)

O exercício clínico mais interessante de como um paciente cria o espaço potencial secreto, segundo Khan, é dado por Mário Milner (1969) no seu livro “*The Hands of the Living God*”.

Milner descreve como a sua paciente Susan fez um esboço na noite antes da sua primeira consulta. A paciente não tinha mencionado ou mostrado o seu esboço a Milner durante cerca de 10 anos de análise. Na sua discussão do esboço da Susan, Milner não elaborou esta necessidade por Susan, ao princípio, retirar em secreta privacidade fora do setting analítico. Em oposição ao jogo de rabisco de Winnicott com a criança, Susan, quando ela começou pela primeira vez a esboçar, pode partilhar os seus esboços com Milner somente depois deste acontecimento. Susan usa o espaço potencial do papel como uma parte essencial da sua “auto-cura” usando a frase de Milner. Algo a partir da tal experiência analítica total foi interrompido pela Susan, para ser actualizado mais tarde no espaço potencial do papel.

Citando André Green (1973), Khan (1989) refere a nova tendência da interpretação no conceito de Freud de acção diferida. Green afirma:

Uma maior capacidade da estrutura psíquica é a capacidade para cortar, suspender uma experiência, quando ela ainda esta em curso (continua a decorrer). Isto não é com a intenção de observar a experiência como funcionamento da consciência mental, mas desligar/cortar esse estado atento em vez de recriá-la, uma vez mais tarde à sua maneira. É importante ver que este desligar ou divisão

interna é a pré condição para o estabelecimento de promover um terreno arenoso por associação. Nós devemos distinguir o momento da experiência e o momento no qual começa a ser significativo.

Parece que para Susan, no princípio, a experiência de si própria na situação analítica torna-se significativa somente como um segredo. O segredo do seu rabisco na sua própria privacidade isolada. O espaço potencial do seu papel capta e articula este segredo.

Khan (1989) apresenta um outro caso clínico para mostrar como uma jovem rapariga criou um segredo e o usou como espaço potencial onde ela pode continuar a ser, mantendo-se um pouco à parte do seu mundo interno (vida interna) ou existência familiar no mundo externo.

Carolina, chegou num estado bastante confuso e agitado. Tudo o que me pode dizer na primeira consulta foi como o seu marido a tinha abandonado, deixou-a da maneira mais brutal e humilhante uma semana antes. Ele tinha-a deixado para ir viver com outra mulher. Ela continuava a repetir, "Ele destruiu-me!" ela chorava intensamente e constantemente. Eu parei perante a sua incapacidade de me contar. Ela estava muito fechada para mim enquanto durou as cerca de duas horas de consulta, mesmo enquanto estava sentada a minha frente. Eu tinha sido informado pela referência de consulta que ela foi a um médico e na semana passada não estava em condições para trabalhar. Por outro lado este sentimento de que não poderia contar-me, cresceu em mim no decorrer do tempo de consulta um sentimento de convicção que Carolina sentiu segurança e válida no espaço da minha sala de consulta. Foi esta convicção tardia que me persuadiu a dizer a Carolina que estava pronto para levá-la a um tratamento analítico se ela assim o desejasse. Carolina aceitou a minha oferta com a ausência de resposta.

Carolina voltou às suas sessões 5 vezes por semana com uma pontualidade quase assustadora. Esta ausência de resistência deixou-me um indício como aquilo que lhe estava a acontecer, dentro ou fora da análise. O seu movimento de alteração dos estados de humor era perigosamente volátil. Felizmente encontrei um físico/médico com grande habilidade para cuidar medicamente de Carolina. Teria sido impossível para mim manter a Carolina em análise ou na vida sem cuidados medicamentoso providenciados pelo meu colega físico. Carolina não era uma paciente silenciosa. Ela criou veementemente o queixume: " O meu marido destruiu-me", ou ela chegava a um estado maníaco e fala selvaticamente acerca de

tudo e todos no seu meio. Depois de uns três meses de análise, eu não sabia mais de acerca de quem era Carolina do que aquilo que sabia na primeira consulta.

Era muito tentador interpretá-la a sua ausência, ou para usar a frase citada de André Green, a sua interrupção de experiência no setting analítico como resistência, a partir da ansiedade ou suspeita hostil. Havia um sabor distinto de secreto em todo o seu comportamento na análise e eu decidi respeitar isso, como seu direito e sua privacidade. Depois uma vez a Carolina teve um acidente. Não viu a mudança de luzes no trânsito e bateu com o seu carro noutra a sua frente. Um cortês gentleman saiu do outro carro para ver o dano do sucedido. Carolina ficou tão sem recursos na situação que ele se ofereceu para levá-la a almoçar no dia seguinte e tratar do assunto. Ele ficou "tocado" por ela. Carolina é uma rapariga com bom e vistoso aspecto de 37 anos, e ela tem um entusiástico desamparo na sua maneira de ser que se torna atractiva. Assim dentro de uma semana vivia do cuidado do novo amigo na sua casa. Isto induziu um grande alívio, remédio e respeito, quer para o médico quer para mim. Os seus estados de humor eram tão excessivos que tínhamos começado a pensar seriamente em interná-la. Com o encontro do seu novo amigo isso tornou-se desnecessário. Ele era profundamente devotado a ela e tinha uma paciência de Job com as suas excentricidades. No momento em que Carolina começou esta relação uma nova pessoa começou a emergir do seu ser.

Carolina esteve casada cerca de seis anos e viveu submetida a um jovem marido excessivamente cruel e delinquente. Agora ela começava a agir, sair a testar o amor e cuidado do seu amigo com veemente vingança. Ela confundiu os motivos dele e era violentamente furiosa. Ela colocava-o nas situações sociais mais embaraçantes. Felizmente para toda a gente à volta, o seu amigo tinha uma capacidade extenuante para conter e tolerar os aborrecimentos que lhe causava. Na análise o seu choro mudou do "fui destruída pelo meu marido" para "eu perdi-me algures na minha vida". Não tenho intenção de discutir aqui esta fase de tratamento. Gradualmente, Carolina começou a personalizar uma existência coerente e os seus humores tornaram-se relacionados com as suas acções (começou a relatar as suas acções). Foi neste estado quando tinha 9 meses de tratamento que um dia chegou à sua sessão e antes de se deitar fez uma pausa e disse: "Eu agora sei o que se passa comigo! Eu estive escondida de mim mesma" Ela deitou-se e continuou. "Eu nunca lhe disse o que eu fiz quando eu tinha 3 anos e meio. Ela contou-me como um dia foi buscar dois candelabros de prata da sala de jantar de sua mãe e os enterrou no jardim. Foram feitas várias buscas na tentativa de os encontrar. A polícia foi chamada e eventualmente o seguro pagou o seu preço. Eram um objecto valioso. Ela tinha a noção do que se estava a passar na casa acerca dos candelabros mas nunca disse nada. Uns cinco meses mais

tarde deste acontecimento os pais mudaram-se para uma casa nova numa cidade diferente. Este episódio foi esquecido. Depois, um dia quando ela tinha 9 anos de idade, durante as férias, os pais voltaram com ela a uma visita à casa velha, que facilmente encontraram, os novos ocupantes eram seus amigos. Quando toda a gente tomava chá, Carolina foi ao Jardim, desenterrou os candelabros e devolveu-os aos seus pais. Ela concluiu o acontecimento lentamente “ real inferno interrompeu-se e o meu pai deu-me uma grande tarefa! ”.

Nas semanas seguintes a esta comunicação, Carolina estava disponível para relatar detalhadamente as circunstâncias familiares que envolviam o seu acto. Quando Carolina tinha 3 anos a mãe teve um parto prematuro de gémeos e sofreu toxemia de gravidez. Todo o clima da casa tinha mudado. Contrataram uma enfermeira para tratar dos gémeos que eram duas meninas. A mãe caiu numa profunda depressão e durante anos foi incapaz de tomar parte activa na vida familiar. Os pais não tiraram férias até à visita à velha casa , no verão em que a mãe começara novamente a trabalhar. Foi depois disto que a paciente tinha desenterrado os candelabros e deu-os de volta aos seus pais.

Desde muito cedo do seu tratamento eu tinha reconhecido a partir das escolhas de Carolina a privacidade das suas angustias/excentricidades dentro ou fora de análise. Havia um risco definitivo envolvido, o qual era a sua necessidade e pedido que eu tomasse, pela prescrição clínica, cobertura e contenção (em termos de tempo e espaço) para ela poder transcrever o que for que ela enriqueceu depois no seu modo/ caminho caótico e tempestuoso. O que foi agravando esta situação foi a capacidade de Carolina para trabalhar durante esta fase; ela tinha desistido do seu trabalho e estava trancada consigo mesma todo o dia. O seu amigo ia para o trabalho cedo e voltava tarde ao fim do dia. Por causa do seu confuso estado mental, eu não podia ter a visão real da sua existência diária. Não somente cada sessão era um acontecimento isolado, sem principio nem fim, mas era também uma confusão de pequenos bocados, bizarra e peças das suas percepções envolvidas em afectos voláteis. Enquanto eu tinha este sentimento de Carolina estar a fazer um uso muito privado do espaço analítico e, gradualmente até de mim como pessoa. Mas ela mantinha isso estritamente só para si própria. (Khan, 1989, p.99-107).

Este autor argumenta, na sequência das suas análises, que uma pessoa pode esconder-se de si própria em sintomas ou pode ausentar-se num segredo. Aqui, o segredo promove a um espaço potencial onde uma ausência é mantida em animação suspensa. Khan (1989) sugere um paralelismo com a tendência anti-social de Winnicott

(1956), em que o segredo acarreta a esperança que um dia a pessoa, conseguirá sair, em que seja capaz de sair para fora disso; ser encontrada e encontrar, tornando-se assim uma pessoa completa partilhando a vida com outros. Khan (1989) recorda que Pontalis chamou a atenção para este assunto, já enunciado nas cartas de Freud a Fliess: “o que é essencial de novo na minha teoria é que a memória está presente não apenas uma vez mas sim várias vezes”.

O que foi ainda mais revelador para a compreensão da função do segredo foi, segundo Khan, o comentário de uma carta de Laplanche e Pontalis: “Esta ideia pode levar à visão que todos os fenómenos que têm a ver com a psicanálise são vistos sob o signo da retroactividade ou então mesmo uma ilusão retroactiva. Isto era o que Jung referia quando falava de fantasias retroactivas: de acordo com Jung o adulto reinterpreta o seu passado nas suas fantasias construindo expressões simbólicas dos seus problemas actuais. Neste ponto de vista a reinterpretação é uma forma que o sujeito tem de escapar das exigências da realidade presente através de um passado imaginário, (p.112).”, (Khan, 1989, p.105).

Khan considera também que a questão de acção diferida sugere um conceito de temporalidade, que o ajudou a compreender melhor o caso de Carolina antes dela lhe dizer o seu segredo. Considerando que poderia interpretar o seu modo envolvente de se expressar de diversos tipos de fantasia, mas tal facto era para si inexpressivo. Segundo este autor, não houve elaboração retroactiva, psíquica ou simbólica, ou qualquer experiência. Só posteriormente começou a ver como o segredo de Carolina ajudou a sua consciência a escapar no seu próprio passado. Carolina, na análise de Khan, viveu no momento aqui e agora afectos explosivos e comportamentos ao acaso. Pode-se ver agora o que era o seu misterioso/secreto interior ou a sua própria fantasia reprimida. Servia para re-arranjos intermináveis, incessante

reorganização e para compensar a ilusão retroactiva. Mas o que assenta num segredo, simultaneamente, mantinha-a afastado do enriquecimento de qualquer tipo de elaboração. Assim, Khan, considera erróneo o sublinhar que os candelabros simbolizavam a sua boa relação precoce com a sua mãe, como inicialmente tinha interpretado. O que era importante para Carolina foi o acto de os enterrar e não qualquer significado simbólico que poderiam ter. Este acto concretizado e encapsulado num segredo, no ponto em que o seu crescimento na mutualidade com a sua mãe foi interrompido. O espaço potencial do segredo aprisionou este facto e manteve-o congelado. Mas também afastou, desarrumou, Carolina de estar apta para elaborar ou corrigir em termos de novas experiências. O acontecimento, acrescenta o autor, estabelecido deste tipo na topografia psíquica não está dentro nem fora da pessoa. A pessoa não pode dizer “ eu tenho um segredo dentro de mim”. Ela é o segredo, enquanto no decurso da sua vida, a sua vida correr ela não tomará parte disso.

Este autor salienta que estes pacientes têm uma tendência para a submissão, tornando-os receptivos para qualquer interpretação que os faz sentir culpabilizados. Khan defende a sua ideia, referindo que se mantém ao lado de Deleuze, que verdadeiramente protesta a versão de vida vivida nas fantasias da mãe. Afirmando que tal interpretação de fantasias cria uma realidade pseudo-psíquica na qual o paciente fica devotado. Para estes pacientes poderem partilhar o seu segredo com o seu analista é necessário uma atmosfera de mutualidade/reciprocidade (Khan, 1989). Este autor recorda Winnicott em que a partilha do segredo remete-nos para aquela “experiência de mutualidade”, que é a essência da capacidade da mãe em se adaptar às necessidades do bebé. Comparando, Khan (1989) afirma que “o que disponibilizou Carolina a partilhar o seu segredo foi a minha capacidade para conter e agarrar toda confusão e risco que o seu comportamento perpetuava dentro e fora de análise ao longo dos

primeiros oito meses assim como a minha capacidade de deixá-la usar a sala de espera num modo privado para o vazio do fim-de-semana na análise.”. Acrescenta ainda que “a criação de um segredo cria um vazio (citando Green, 1973) na mente das pessoas a qual separa reactivamente com todos os tipos de acontecimentos bizarros, intrapsíquicos ou interpessoais.”. Citando Deleuze, Khan refere que esses pacientes têm de estar disponíveis a partilhar a sua experiência, não meramente relatar em termos de fantasia ou verdadeiros movimentos sintomáticos. Assim sugere Khan (1989) que o que “foi importante em Carolina quando ela deixou coisas para trás, tais como o guarda chuva ou a caixa de chocolates, ou um livro, foi o acto de os deixar. Foi este acto que eu esperei por ela e modestamente partilhado até ela estar preparada para o partilhar mutuamente (reciprocamente). Eu tentei um exemplo em como uma criança retirada ela própria num segredo quando a vida quotidiana com a sua mãe foi-se abaixo/quebrou e como ela gradualmente lidou com isso em análise. O segredo é somente uma forma de encapsular tais experiências.”, (p.107). Esta pseudologia fantástica muitas vezes providencia semelhante espaço potencial a uma pessoa. E muitas vezes, conclui o mesmo autor, durante a análise até sonhos esquecidos repetitivamente têm esta função.

Nas suas pesquisas Khan encontrou uma autobiografia de Carl Jung “*memories, dreams, reflexions*”, a qual considera como “uma interessante corroboração da minha hipótese de que o segredo pode promover um espaço no qual a ameaça da vida quotidiana de uma criança pode estar ou ser suspendida intacta. Jung relata como na sua infância, quando ele começou a associar com os seus colegas descobriu que eles alienavam-no de si próprio. Na adolescência “a minha desunião comigo próprio e a incerteza no mundo em larga medida conduziu a uma acção a qual nessa altura foi um pouco incompreensível para mim”, (Jung citado por Khan, 1989, p.107).

Jung esculpiu um boneco do seu monarca em duas polegadas, envolveu-o em algodão, colocou-o no fundo de uma caixa a qual ele chamou de “sótão proibido” da sua casa. Escreveu cartas ao boneco numa linguagem secreta e de tempo a tempo ele ia ao “sótão proibido” para as deixar lá com o boneco.

Jung (1963) concluiu a sua narrativa: “O significado destas acções, ou como eu as posso explicar, nunca me preocupou. Eu contentei-me com o sentimento de “newlywon security”, e fiquei satisfeito em possuir algo que ninguém sabia e ninguém podia ter. Era um segredo inviolável o qual nunca seria traído, por segurança da minha vida dependia disso. Porque é que isso era assim eu nunca me questionei. Era simplesmente assim. Esta possessividade do segredo tinha um poder formativo muito forte no meu carácter: eu considerava isso o factor essencial do meu crescimento de rapaz (pp. 35-5).”, (citado por Khan, 1989, p.107).

Ogden (1989) acredita que o desenvolvimento de uma sensibilidade analítica implica primeiramente um aumento da capacidade do analista em sentir os momentos mais vivos de uma sessão analítica de uma forma visceral, de ser capaz de ouvir que uma palavra ou expressão foi usada, foi revigorada (cita Frost, 1918, p.697) de um modo interessante e inesperado; de reparar que um olhar de um paciente na sala de espera é acanhado, de quem pede desculpa ou irado; de ter sensibilidade para se aperceber que uma mensagem deixada no atendedor de chamadas parece perigosa mas também sedutoramente misteriosa; de experimentar de um modo físico que um período de silêncio equivale a estar deitado com a sua esposa ou esposo, que ele ou ela amou durante muitos anos, mas que agora parece uma pessoa estranha.

Nos seus esforços para utilizar a experiência na relação analítica, Ogden depara-se com uma grande dificuldade: muito do que sente enquanto se encontra com um paciente não é, numa

primeira fase, consciente. É aqui que se encontra um dos maiores paradoxos da prática analítica. Para fazer um trabalho analítico, o analista tem de ser capaz de experimentar e raciocinar de um modo o mais completo possível sobre como é estar com um paciente. No entanto, na sua maioria estas experiências são inconscientes. O analista sente-se inicialmente e por mais algum tempo mais envolvido por estes sentimentos predominantemente inconscientes do que por pensamentos, sentimentos e sensações conscientemente criados por si. Uma grande parte do meu trabalho passa pelo esforço de transformar a experiência do EU ["I-ness"], ou seja, do eu como sujeito não consciente, em experiência do Mim ["me-ness"], do eu como objecto do escrutínio analítico.

Para complicar estas questões ainda mais, a experiência deste autor, em cada situação analítica é em grande parte um reflexo de um tipo específico de construção inter subjectiva inconsciente que o paciente e ele estão prestes a criar. O tipo de compromisso inconsciente com o paciente a que se refiro resulta na criação de um terceiro sujeito, o "terceiro inter subjectivo analítico". A experiência do analista e do paciente no resultante do terceiro analítico representa uma base empírica, um receptáculo de experiência inconsciente para o qual o analista e o paciente contribuem e do qual eles individualmente retiram durante o processo de criação da sua própria experiência da relação analítica.

Ilusão e Fusão

Milner (1979) aproxima-se da designação de Fenichel, considerando o simbolismo como um pensamento pré-lógico. O trabalho de Milner incide sobre a ilusão e a fusão, desejando, em particular, examinar quais são as condições para que o objecto primário e o objecto secundário são confundidos e considerados como sendo uma só e mesma coisa. Pretendendo conjuntamente o estado emocional de qualquer um que viva a experiência desta fusão e as condições que a rodeiam susceptíveis de a facilitar, ou de interferir sobre ela; com efeito, estudar qualquer coisa das condições internas e externas, que tornam possível a descoberta do familiar dentro do não familiar .

Este processo de fusão ou de identificação para ser pensado tem de recorrer ao conceito de fantasma e de ilusão. O primeiro porque “é somente no fantasma que dois objectos são confundidos em um só”. Mas este conceito “não é suficientemente específico para dissimular a simultaneidade do fenómeno”. O termo ilusão “é igualmente indispensável uma vez que este implica a existência duma relação com um objecto vivido, externo, mesmo se este objecto é fantasmático, uma vez que a pessoa que cria esta fusão crê que o objecto secundário é o objecto primário”, (Milner, 1979).

Visando uma melhor compreensão e o sentido desta questão do termo ilusão, Milner considera útil examinar o seu desenrolar numa obra de arte. “Tendo por base o interesse no papel representado pelos seus limites. O limite destaca o carácter diferente da realidade que está situada no seu interior, da tal que é exterior; mas um quadro temporal-espacial destaca também o carácter particular da realidade duma sessão de psicanálise. E para a psicanálise é a existência deste

enquadramento que torna possível o pleno desenvolvimento desta ilusão criadora que os psicanalistas chamam de transfer.”, (Milner, 1979). Deste modo, a ideia central tendente da técnica psicanalítica é que “uma melhor adaptação ao mundo exterior se desenvolve finalmente através desta ilusão.”

Parece que as implicações desta ideia para a teoria psicanalítica encontram o seu desenvolvimento, particularmente, no que diz respeito ao papel do simbolismo na relação analítica.

Considerando a dinâmica do processo, o conceito de angústia manifesta-se claramente necessário. Melanie Klein colocou muito a tónica sobre o facto que é o terror do objecto primitivo ele próprio, bem como a sua perda, que conduz à procura de um substituto. Mas é também necessário encontrar um termo para exprimir a experiência emocional que é a descoberta do substituto, e aí, o termo êxtase poderá ser útil.

Milner (1979), tenta clarificar um outro conceito muito importante que é o de «objecto primário». O debate psicanalítico sobre a formação do símbolo, actualmente mais convergente, considera que “ «o objecto» primário que o bebé (criança) procura reencontrar é uma fusão de si e do objecto, tal como boca e seio fundidos num só. Desta maneira, o conceito de fusão está presente, simultaneamente na situação primária, entre o eu e o objecto, e na situação secundária, entre a nova situação e a anterior.”

Imaginação, Símbolo e Percepção

A imaginação é simbolização e a percepção é identificação, como refere Malrieu (1996); indicam “alguns problemas vividos pelo sujeito, mas sempre de forma indirecta”, tal como nas artes ou poesia.

A imaginação, segundo este autor, é “uma forma afectiva primária” que “precede a percepção, afirma-se como o acto de percepção e procura outros preceitos”:

“Antes da percepção há sempre um afecto – uma necessidade, um desejo, um receio, um sentimento”.

“A percepção continua a ser necessária para dar vida à imaginação e faze-la progredir”, (Melrieu, 1996, p.106) .

Acrescenta ainda que “O imaginário assenta no símbolo: este é simultaneamente obra e instrumento. Ele culmina no resultado da projecção e na descoberta das correspondências” (Malrieu, 1996, p.125).

A construção do símbolo realiza-se entre o sinal e o signo. O signo por sua vez, mais objectivo tem uma intenção de comunicar com a realidade exterior. O símbolo refere-se a um movimento afectivo, “um estado da pessoa que é momentaneamente comunicável”. O signo é o significado do símbolo”.

A projecção está ligada à identificação, porque ao imaginar eu imito, logo o acto de imaginação é uma projecção.

No Reino das Fadas

A criança enquanto vai ouvindo um conto de fadas começa a formar ideias de como criar ordem dentro do caos que é a sua vida interior. Os contos de fadas sugerem não só o isolamento e a separação dos aspectos disponíveis (Bettelheim, 2003).

“Porque a vida das crianças é por vezes muito desconcertante, a criança precisa mais do que ninguém que lhe dêem a possibilidade de se compreender a si própria neste complexo mundo que vai enfrentar”, (Bettelheim, 2003, p.12). Para o poder fazer vai necessitar de ajuda para criar um sentido coerente no meio de um turbilhão de sentimentos. Refere o mesmo autor que “a criança precisa de ideias sobre como por a casa interior em ordem e, nessa base, conseguir dar certo sentido à sua vida.”,

No seu livro *Psicanálise dos Contos de Fadas*, Bettelheim explica porque é que os contos de fadas contribuem tanto para o crescimento interior da criança. Os contos de fadas representam, em fantasia, o processo de um saudável desenvolvimento humano e tornam atraente para a criança esse desenvolvimento.

Nos seus estudos Bettelheim verificou a importância e o êxito no enriquecimento da vida interior da criança, e que “começam onde a criança realmente está, no seu ser psicológico e emocional”. As histórias de contos de fadas remetem para as “suas severas tensões interiores de uma maneira que a criança inconscientemente compreende (...) e proporcionam exemplos de soluções, tanto temporárias como permanentes, para as dificuldades prementes”.

Os contos de fadas “oferecem à imaginação da criança novas dimensões que seria impossível ela descobrir só por si. Mais: a forma e a estrutura dos contos de fadas sugerem à criança imagens através das quais ela pode estruturar os seus devaneios, e com isso orientar melhor a vida.”.

Através de um conto de fadas a criança pode conseguir um entendimento de modo a dominar as suas tensões psicológicas, não através de uma compreensão racional do seu inconsciente mas através de uma maior familiaridade com “este meio de devaneios”; identificando-se com os personagens e com as situações apresentadas. Este autor defende sempre que nunca se deve explicar o conteúdo racional implícito no conto, a criança não deve aceder à compreensão do inconsciente. Isso seria deveras prejudicial porque a criança necessita, para resolver as suas tensões e tendo em conta a sua capacidade de compreensão da vida, exactamente do segredo do conto de fadas, o que está implícito – o que lhe dá espaço e tempo de situar naquela história e retirar para si o que mais lhe provém.

“A criança acomoda o conteúdo inconsciente a fantasias conscientes, que então lhe permitem lidar com esse conteúdo.” Este autor reforça a ideia de que a criança necessita essencialmente de “sugestões, em forma simbólica, sobre como lidar com estes obstáculos para chegar sem risco à maturidade.”

Nos contos de fadas temos personagens boas ou más, não são ambivalentes como na realidade somos – bons e maus ao mesmo tempo. Estas personagens polarizadas, tal como a polarização domina o espírito da criança, permitem à criança compreender facilmente a diferença entre ambos os pólos, coisa que ela não poderia fazer facilmente se os protagonistas fossem apresentados mais próximos da

realidade, com as complexidades das pessoas reais. Só posteriormente, quando a criança é dotada de uma personalidade mais firme baseada em identificações positivas, poderá compreender a diferença entre as pessoas e optar por aquilo que quer ser.

Estes contos oferecem a garantia de que a criança receberá auxílio nos seus esforços realizados no mundo exterior e que terá a sua recompensa. E, como são acontecimentos de “há muito, muito tempo atrás” permite à criança ter esperança de um futuro melhor, por outro lado centram-se nos processos de mudança. Os contos de fadas “começam onde a criança de momento se encontra e sugerem onde ela deve ir- com ênfase no próprio processo.” A criança compreende intuitivamente que estas histórias não são reais mas que também não são falsas; “ os contos de fadas descrevem por forma imaginária e simbólica os passos essenciais do crescimento e da obtenção de uma existência independente.”, (Bettelheim, 2003, p.96-97).

O conto de fadas ajuda-nos a compreendermo-nos melhor, tal como na história refere o autor, “os dois lados os dois lados das nossas ambivalências são isoladas e projectadas uma na outra. Podemos visionar estas ambivalências melhor quando as pressões instintivas do id se projectam (...) no viajante, que sobrevive onde todos os outros são destruídos, e trás de volta, ainda por cima, tesouros nunca vistos.”.

Uma outra característica dos contos de fadas é a questão numérica. Quer a nível consciente quer inconsciente os números “representam gente: situações e relações de família”. Sabe-se que “o «um» representa em relação ao mundo, tal como a referência popular ao «número um» o confirma. «Dois» significa um duo, um casal, como em amor ou nas relações maritais. «Dois contra um» representa

parcialidade, mesmo superação irremediável numa competição.”, (Bettelheim, 2003).

Este autor acrescenta que a nível inconsciente e em sonhos «um» “pode representar o próprio, tal como (...) no consciente ou – especialmente com crianças – o pai ou a mãe dominadora. (...) No espírito da criança «dois» representa geralmente os dois pais, e «três» a própria criança em relação aos pais mas não aos seus irmãos. (...) Qualquer que seja a posição da criança dentro do grupo de irmãos, o número três refere-se a ela própria.”

Num conto de fadas quando o filho é o terceiro, a criança “facilmente se identifica com ele, porque dentro da constelação familiar mais básica, o filho é o terceiro na escala, independentemente de ele ser o mais velho, o do meio ou o mais novo dos irmãos.”

“O conto de fadas oferece à criança a esperança que um dia o reino será seu. Uma vez que a criança não acredita conseguir isso sozinha o conto diz-lhe que forças mágicas surgirão para a ajudar. Isto dá “as esperanças, sem as quais essa fantasia seria extinta da realidade crua.”, (Bettelheim) Como estes contos prometem o triunfo que a criança deseja é psicologicamente convincente como um conto «realista» nunca pode vir a ser.

E como o conto lhe promete o reino encantado a criança está apta a acreditar tudo o resto que o conto lhe transmite; que terá de sair de casa para o encontrar, que não será logo, que passará por provações, que não poderá realizar isso sozinha e que precisará de ajuda, e que para garanti-la terá que dar satisfação a determinadas exigências. E ainda, como refere Bettelheim, “porque a promessa final coincide com os desejos da criança de vingança e de uma existência gloriosa, o conto de fadas enriquece-lhe a fantasia de forma sem par.”

Os heróis são activos e lutadores, são ricos de significado, geram esperança e promovem a mudança. Começam regra geral num regaço materno e a libertação do espaço materno carece de ajuda (Conceição Costa, 1997) em que os pais têm um papel determinante. É importante também o desprendimento que a criança tem em se separar para crescer - estabelecer a ruptura para se libertar.

Nos contos de fadas os “estados íntimos do espírito são traduzidos por imagens e acções.”, (Bettelheim, 2003). Assim como quando a gata borralheira fica órfã não é dito que sofria muito pela sua perda e se sentia só, mas que chorava todos os dias e se confinava sozinha aos trabalhos da cozinha. Verifica-se que nos contos de fadas “os processos interiores são traduzidos por imagens visuais.” Quando o herói se depara com situações difíceis de resolver e que parecem não ter solução, não se descreve o seu estado psicológico, mas o conto mostra-o perdido numa densa e escura floresta sem saber a saída.

Portanto sabemos que o conto contém mensagens secretas, que estabelece um diálogo com a criança, a um nível que é difícil de se entender e justificar, mas é um diálogo bem conseguido. É uma vivência que a atinge na sua interioridade e lhe permite a “arrumação da casa em desordem”. A criança aprende, com os contos de fadas, que terá que lutar contra as adversidades que a vida lhe apresenta e que não se poderá furtar a elas. Se enfrentar com coragem e determinação essas dificuldades, muitas vezes injustas e inesperadas, conseguirá ultrapassar os obstáculos e sair vencedora.

Como refere Costa existem “milhões de motivos” para se contarem estes contos, acrescentando que através destes a criança conseguirá a vitória sobre aquele que é mais forte do que ele. Ora é aqui que a criança se situa no mundo dos adultos ou dos mais velhos.

Os contos são importantes porque transmitem fascínio e isso nós vimos nos olhos das crianças a brilhar – e na sua preocupação com o (seu) herói.

Objectivo

Pretende-se verificar se perante um símbolo, qualquer, a criança só vê um símbolo ou se perante um e qualquer símbolo vê algo mais, uma história, a sua história. Ver se a criança é capaz de projectar a sua ilusão.

Um símbolo é um espaço transitivo que permite a projecção da fantasia.

A história permite à criança a ilusão.

As crianças retiram do enredo das histórias ou o segredo.

Através da ilusão (imagens apresentadas) a criança a recria os seus símbolos e interpreta-os.

O facto de a criança contar uma história é condicionado pela capacidade de identificação de estabelecer uma relação simbólica.

Problema

É o símbolo ou a história que permite a ilusão?

Um símbolo é um símbolo ou é um espaço transitivo que permite a projecção da fantasia?

O que é que as crianças retiram das histórias, o enredo ou o segredo?

MÉTODO

Sujeitos

A amostra é constituída por um grupo de 10 crianças, de 5 anos de idade, a frequentar o ensino pré-escolar da Fundação CEBI, sendo 5 rapazes e 5 raparigas.

As crianças a foram indicadas pela educadora, mediante entrega de autorização dos pais para a realização da entrevista, consoante terem terminado as actividades diárias.

As crianças não tinham nenhum problema de linguagem nem de desenvolvimento, estavam perfeitamente no seu grupo. Eram consideradas comunicativas e criativas pela educadora.

Procedimento

Foi solicitada autorização à instituição – Fundação Cebi – para a realização das entrevistas. Foi também solicitada a autorização dos encarregados de educação para se realizarem as entrevistas às crianças.

As entrevistas realizaram-se em sala anexa à sala que as crianças frequentam diariamente no estabelecimento de ensino. Era o entrevistador que ia buscar a criança à sala e a levava de volta à mesma.

Criou-se um instrumento novo.

Retiraram-se imagens de alguns livros de histórias infantis, após ter sido feita uma selecção, e apresentaram-se às crianças seguindo os critérios do teste projectivo Children's Apperception Test (animal figures) - C.A.T. - de Léopold Bellak.

Previamente recolheram-se imagens, dentro do mesmo enquadramento gráfico, de diversos livros de histórias tradicionais infantis. Imagens que pretendiam ser apelativas nas suas cores e configuração. Escolheram-se algumas imagens que foram categorizadas segundo os fundamentos teóricos do C.A.T.

As imagens foram tratadas através de suporte informático. Primeiro foram digitalizadas a partir de livros e posteriormente foram impressas em papel fotográfico.

Realizou-se um pré-teste com dez imagens categorizadas, das quais se seleccionaram seis. As imagens retiradas consideraram-se desnecessárias porque indicavam uma semelhança e repetição relativamente à temática apresentada mas mesmas, tendo em conta o conteúdo apresentado pelas crianças. Os resultados do pré-teste eram indicadores de que as crianças perante as imagens apresentadas contavam histórias e com conteúdo que identificava a temática envolvida. No pré-teste analisou-se também a sequência das imagens apresentadas.

As entrevistas foram realizadas segundo o modelo de aplicação do C.A.T.. A consigne foi previamente descrita e foi dita ao entrevistado e não lida. As imagens foram apresentadas pela ordem pré-definida, numeradas de 1 a 6.

Estabeleceu-se uma relação empática e pediu-se autorização aos entrevistados para gravar (ou tomar notas) as suas histórias. Posteriormente as histórias foram transcritas.

Os resultados das entrevistas foram sujeitos a uma análise de conteúdo (qualitativa).

A leitura do conteúdo das comunicações efectuada por este tipo de análise pretende realçar um sentido que se encontra em segundo plano e não só realizar uma leitura “à letra”. “Procura-se uma correspondência entre as estruturas semânticas ou linguísticas e as estruturas psicológicas ou sociológicas dos enunciados.”, (Bardin, 1977, p.41). Pretendendo-se verificar a maneira como o simbolismo é vivido pelos indivíduos perante o objecto.

Instrumento

O C.A.T. surge na sequência de uma discussão sobre problemas teóricos sobre a projecção e sobre Thematic Apperception Test - T.A.T., entre Lópold Bellak (autor principal) e Ernest Kris Tendo este sugerido a ideia do C.A.T., uma vez que para as crianças entre os 3 e os 10 anos os melhores sujeitos de identificação são os animais em vez de pessoas. Isto é sobejamente conhecido desde Freud ter escrito e estudado a historio do Pequeno *Hans* – “*A fobia de uma criança de 5 anos*”.

O C.A.T. é constituído por 10 imagens e aplicável a crianças entre os 3 e os 10 anos, de ambos os sexos, as imagens são numeradas e apresentadas pela ordem crescente. É um teste projectivo ou método “perceptivo” como lhe preferem chamar os autores, ou seja, “*um methoded’investigation de la personnalité par, l’étude de la signification dynamique dès differences individuelles dans la perception de stimuli standardisés*” (Manual do C.A.T., p.7)

O referido teste pretende compreender a relação entre as crianças e as personagens e a tendência mais importante da sua vida. As imagens pretendem remeter a problemáticas particulares, anteriormente estudadas e identificadas no manual. Essas problemáticas são próprias das etapas do desenvolvimento infantil. Por exemplo, como a criança se vê face aos seus pais e irmãos, no seio familiar, como vive a questão do complexo de Édipo, da agressividade, da masturbação e da autonomia.

A literatura sobre esta área é sobejamente conhecida, tal como a aplicação e respectivos estudos sobre este teste. Não faz parte do

nosso objectivo alongarmo-nos aqui sobre o C.A.T., mas recordar que o referido teste, fundamentado e estudado, serviu de ponto de partida para a criação do nosso instrumento de trabalho e para seguir o nosso objectivo. Mostrar que perante um outro estímulo (símbolo) que se apresente à criança ela se envolverá o suficiente para contar uma história; conseguirá estabelecer uma relação entre si e as personagens, num espaço em que projectará a sua fantasia. O nosso instrumento foi estudado e pensado com base nestes pressupostos, segundo o mesmo procedimento de aplicação, utilizando a mesma consigne.

Consigne: “Nós vamos fazer um jogo em que poderás contar uma história a partir de umas imagens. Deverás dizer o que se passa e o que os animais fazem.”

Em determinados momentos poderemos questionar a criança sobre o que se passa na história, antes e de seguida.

Categorizações

Pretende-se aqui mostrar como foi feita a correspondência entre as categorizações das imagens do C.A.T. e as categorizações das imagens criadas para o nosso instrumento.

C.A.T.

1. Problemática da nutrição/orais
2. Rivalidade de irmãos
3. Atitude da criança face a figuras parentais e a maneira como os percebe
4. Resposta da criança face aos pais e a maneira como os percebe (complexo de Édipo)
5. Resultado da impressão das primeiras respostas sexuais observadas (cena primitiva) – fantasma de ver os pais deitados
6. Fantasma de agressão
7. O modo como o mundo o aceita
8. Estar só à noite
9. Masturbação
10. Higiene e modo como os pais reagem

Temos 6 imagens

1. Um pato sentado na palha com uma casca de ovo partida e rachada atrás de si.
2. Sete animais diferenciados em festa a fazer música, uns maiores outros mais pequenos, numa ilha com uma

árvore na ilha e outra na água; ao fundo avistam-se uns rochedos/ilha na água.

3. Um pássaro num ramo de árvore despido e um gato no chão a mostrar os dentes, numa paisagem de montanhas e neve
4. Dois coelhos (masculino e feminino – distinguindo-se pelo laço; um laço grande cor de rosa em cima da cabeça de um coelho e um laço pequeno azul colocado no pescoço do coelho) lado a lado, atrás de um tronco deitado no chão e um terceiro mais pequeno a espreitar atrás de uma árvore – à noite com estrelas.
5. Um pato numa toca de árvore e um cão à entrada da toca
6. Um cisne a observar a sua imagem reflectida na água de um lago e três cisnes a voar (um não se vê a parte do pescoço e cabeça)

A Escolha das Figuras remete-nos para:

1. O nascimento – está só com a casca e a palha, de olhos abertos, quem são e onde estão os pais; o conforto da palha que poderá aquecer, a alimentação – as necessidades básicas.
2. A alegria e a cor, muita vivacidade – com os parceiros num grupo, actividade de grupo (música), a individualidade no seio do grupo, quem é ele e quem é o outro; o elemento água à volta que nos reporta a uma leveza, à maternidade, ao encontro de si mesmo; as árvores como símbolo de vida e crescimento.
3. O gato enorme de boca bem aberta e com os dentes afiados; o pássaro pequeno na ponta de um ramo despido, com

rachas e fissuras; um pássaro com expressão frágil, desprotegido, que nos lembra que está indefeso e um gato com expressão de que vai atacar. Estão nas montanhas cobertas de neve, a vegetação é escassa. O gato está ao nível do pássaro, embora apareça ligeiramente atrás do pássaro ele é muito maior.

4. A cor dominante é escura e aparecem luzinhas a brilhar, que nos indica a noite; as árvores e vegetação do bosque; os dois coelhos identificados pelos laços como masculino e feminino, num primeiro plano só os dois atrás de um tronco, lembra-nos as tocas e o acasalamento; num segundo plano aparece um coelho mais pequeno, sem diferenciação de sexo, a espreitar atrás de uma árvore (só se vê a cabeça e as mãos) – tem a língua de fora e expressão marota. Os coelhos do primeiro plano estão de costas para o de segundo plano – o que poderá indicar que não sabem da presença do terceiro.
5. O pato dentro de uma toca (tronco de árvore) está sozinho e com expressão assustado (olho arregalado, penas esvoaçantes, a sombra do pato é maior que ele; o cão aparece a espreitar para dentro do tronco (deitado no chão) mas tem expressão dócil, é um cão com que tem um dente de fora (será que o cão só tem um dente ou tem outro escondido?) e com os olhos baixos a olhar para o pato – que irá acontecer, como irão resolver esta questão parece questionar a imagem. Vêem-se umas patas de outro animal em cima tronco e umas palhas que nos lembra a vida existente fora do tronco vazio.
6. Um cisne observando-se, observando a sua imagem reflectida nas águas de um lago - em destaque – envolto (em primeiro/segundo plano) em vegetação que parece crescer, e

uns cisnes em cima (terceiro plano) a voarem atrás uns dos outros, vão embora.

Correspondência

1. Identificação/figuras parentais
2. Rivalidade de irmãos/ os pares/ integração no grupo
3. Agressividade
4. Complexo de Édipo/fantasma /cena primitiva
5. Relação de amizade/ como percebe as figuras parentais
6. Como o mundo o aceita – independência / autonomia

PARTE II – APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

**“ Aliar o sensível, a objectivação e a não inferência,
com o imaginável e o dedutível”**

Jean Laplanche (1987)

As crianças exprimem os seus sentimentos instituais de diversos modos não habitualmente ditos "simbólicos" aos meios ditos "comummente" "simbólicos" do jogo, desenho, modelagem, escrita e palavra – como se fizesse anteriormente falha, ou sofresse uma distorção precoce, e de um modo privilegiado, em vez de um sintoma genuíno, o resto da adaptação da criança é dita normal.

Segundo o Dicionário do Pensamento Kleiniano, "o trabalho de Klein com crianças enfatizou a função da fantasia e a sua técnica utilizou brinquedos no setting psicanalítico, para realçar a expressão de fantasias. O brincar tal como a associação livre, os sonhos e a actuação (acting out) foram encarados como expressões de fantasia."

"...a liberdade de brincar podia substituir as associações livres, e as fantasias expressas no brinquedo eram " a mesma linguagem, o mesmo arcaico filogeneticamente adquirido modo de expressão com que estamos familiarizados nos sonhos "(Klein, 1926 p.134).

O brincar como expulsão

Um conflito interno era exteriorizado através da expulsão e, dessa maneira, mais tolerável. Searl (1929) comentou "que as fantasias são sempre melhores ou piores que a realidade "(p.289), de maneira que, enquanto tendemos a ser inconscientes daquelas que são melhores (devaneios, as que são piores tendem a ser exteriorizadas, a fim de serem mitigadas. O brincar, portanto, possui um aspecto que é desesperado e é, de facto, uma forma de defesa - expulsão ou projecção. esta função do brincar é bastante pessimista e sombria. Ele não é divertido, mas destina-se a fornecer alívio, que contribui

em grande medida para o prazer que deriva do jogo (Klein, 1926, p.133).

"Quando a criança passa da passividade da experiência para a actividade do jogo, ela entrega a experiência desagradável a um dos seus companheiros de jogo" (Freud, 1920, p.17) - exteriorização da culpa inconsciente.

Apresentação e Interpretação dos Resultados

De seguida apresentamos os resultados das histórias contadas pelas crianças. Criou-se uma tabela igual por criança, onde se pode ler a categoria, o conteúdo e a classificação.

Zorro

Definição (Categoria)	Conteúdo (Frases)	Classificação (Ausente /Presente)
Identificação/ figuras parentais	“Um pato a sair do ovo.” “A galinha chocou.”	Presente
Rivalidade de irmãos/ os pares/ integração no grupo	“Estão todos numa praia” “Leão, girafa, urso, elefante, leão, hipopótamo, passarinho, pintainho, passarinho.” “Amigos”	Presente
Agressividade	“O gato pensava que ia comer o passarinho e depois o gato não conseguiu comê-lo porque ele estava um bocadinho longe.”	Presente
Sexualidade Complexo de Édipo/ fantasma /cena primitiva	“Eles estão a jogar às escondidas” “ Para não lhe verem aquele bocado da orelha” “Porque não era para ver?” “Um coelho estava escondido atrás de uma árvore e um coelho e uma coelha estavam escondidos atrás do tronco de uma árvore”	Presente
Relação amizade	“O pintainho foi ter com o cão”, “estava triste porque tinha perdido a mãe “porque não eram iguais”	Presente
Como o mundo o aceita – independência / autonomia	“Decidiram eu queria ir. Aquele estava-se a rir para o avô”	Presente

Princesa Azul

Definição (Categoria)	Conteúdo (Frases)	Classificação (Ausente/ Presente)
Identificação/ figuras parentais	“pintinho a nascer” “o ovo rebolou, a mãe dos patinho agarrou no ovo e pôs no outro ninho” “Mãe, pai, patinho. Patinha feia e o pai”	Presente
Rivalidade de irmãos/ os pares/ integração no grupo	“A vender na festa do elefante, disse que que vai ser amigo do leão que também vai fazer uma festa como ele.”	Presente
Agressividade	o piupiu morreu e a mãe do piupiu ficou triste	Presente
Sexualidade Complexo de Édipo/ fantasma /cena primitiva	“lobo mau comeu” “o lobo mau tinha morrido” “a ratinha está triste”	Presente
Relação amizade	“e não pode” “O ladrão era o patinho mais velho” “o patinho feio estava mais feio” “ajudou o cão a ser grande”	Presente
Como o mundo o aceita – independência / autonomia	“os cisnes foram amostrar a cara”; “os outros continuam a voar”; “ um cisne ficou mal porque roubaram- lhe uma coisa”; “o nariz mais gordo”; “Porque ‘tava a comer e dizia muitas mentiras como o pinóquio”; “os outros cisnes ‘tavam a voar disseram que ‘tava a crescer o nariz como o pinóquio”	Presente

Harry Potter

Definição (Categoria)	Conteúdo (Frases)	Classificação (Ausente/ Presente)
Identificação/ figuras parentais	“ficou admirado porque não era deles ... ficou triste” “viu um outro patinho igual e ficou muito contente”	Presente
Rivalidade de irmãos/ os pares/ integração no grupo	“ele fez anos”, “vieram todos”, “tesouro” “três montinhos” “para irem dar aos outros”	Presente
Agressividade	“tava muito aflitinho”, “com a boca aberta para comer o passarinho ...comeu o passarinho”, “os maus ... caíram... os bons foram felizes para sempre”	Presente
Sexualidade Complexo de Édipo/ fantasma /cena primitiva	“três ...dois coelhinhos que eram namorados, eram amantes”, “ o bebê estava a espreitar debaixo da árvore”, “ficaram com o bebê”, “mano”, “as meninas para brincar aos penteados”, “os meninos foram comer uma fatia de bolo”	Presente
Relação amizade	“ perdeu da mãe”, “queres ir comigo encontrar a tua mãe”, “obrigada por me teres ajudado”	Presente
Como o mundo o aceita – independência / autonomia	“Ele pensava que era um bocadinho feio porque as outras pessoas não gostavam dele”, “os outros” “também eram um bocado feios”, “não conseguia voar”, “cresceu e conseguiu ir atrás deles”, “gostaram muito dele”	Presente

Picatshu

Definição (Categoria)	Conteúdo (Frases)	Classificação (Ausente/ Presente)
Identificação/ figuras parentais	“é o pintainho a coisa”; ““tá perdido o pintainho”; “passou para lá onde a mãe ‘tava e depois a mãe viu uma pata do pintainho”; “também viu uma pata da mãe depois juntaram-se”	Presente
Rivalidade de irmãos /os pares /integração no grupo	“estava com os seus amigos”; “depois cada um tinha um instrumento para tocar e depois riram-se”	Presente
Agressividade	“um passarinho encontrou um gato mau e o gato comeu. Depois o gato em vez de comer o passarinho comeu o gelo. Depois encontrou uma árvore e arranhou”; “encontrou uma árvore e arranhou”; “arranhou as árvores todas e depois o pintainho”; “depois cada um pensou, o passarinho pensou em matar o gato e o gato pensou em matar o passarinho”; “gato foi atacar os outros pássaros todos”	Presente

Sexualidade Complexo de Édipo/ fantasma /cena primitiva	“Primeiros os dois, três coelhinhos, os dois que estavam no pau olharam para a lua e riram”; “a brilhar porque os três coelhinhos limpavam tudo”; “perguntava por um buraco que a bancada tinha para os mais pequenos e depois eles espreitaram e havia muitos brinquedos para eles os três perguntava por um buraco que a bancada tinha para os mais pequenos e depois eles espreitaram e havia muitos brinquedos para eles os três”	Presente
Relação de amizade	“ o pássaro deixou entrar o cão para a casa dele”; “o cão e o pintainho comeram”; “Eram filhotes da mãe”; “foram comprar outro rolo para a máquina fotográfica”	Presente
Como o mundo o aceita – independência / autonomia	“encontrou o pai pato e depois escreveu umas letras”; “o super homem a voar”;	Presente

Palhaço

Definição (Categoria)	Conteúdo (Frases)	Classificação (Ausente/ Presente)
Identificação/ figuras parentais	“pintainho começou a nascer depois a mãe estava a chegar e viu o filho e levou o filho a passear.”	Presente
Rivalidade de irmãos/ os pares/ integração no grupo	“encontrou muitos animais muitos amiguinhos cantarem, fizeram uma canção, muito felizes”	Presente
Agressividade	“abriu a boca e fez miau; Estava quase a fugir e quando o gato gritou muito mais alto o passarinho fugiu, foi à procura da mamã”	Presente
Sexualidade Complexo de Édipo/ fantasma /cena primitiva	“de noite o pintinho foi para casa encontrou um coelhinho e uma coelhinha. Eles não eram amigos e agora já são e ‘tá aqui outro que também não era e já é”; “Este tem a língua de fora”; “A coelhinha e o coelhinho moram juntos. Eles têm laço, a menina tem na cabeça e menino assim”	Presente
Relação amizade	“O pato estava a esconder da mãe dele e o pato foi à procura dela”; “porque gostava dele e encontrou”; “a brincar às escondidas”	Presente
Como o mundo o aceita – independência / autonomia	“ele vai assustar e vai ter de voar só que os amigos dele não gostam dele. Às vezes gostam.”; “sempre a ralhar com eles e ele”; “é o pai deles. Este é a mãe e esta é a filha”	Presente

Bruxa

Definição (Categoria)	Conteúdo (Frases)	Classificação (Ausente/ Presente)
Identificação/ figuras parentais	“Nasceu do ovo”; “parece um pato”	Presente
Rivalidade de irmãos/ os pares/ integração no grupo	“Um pássaro a tocar e uma girafa a cantar com microfone. Um urso a tocar tambor. Um hipopótamo e um leão a ouvir e um elefante também a ouvir. Eles estão na praia”; “o hipopótamo está a ser amigo do leão porque eles antes não eram amigos. O elefante também é amigo do leão. A girafa também é amiga do leão	Presente
Agressividade	“Passarinho ‘tava na árvore. O gato disse “miau” para o passarinho para ele voar” ; “o gato abriu a boca e disse ‘miau’”; o gato foi lá a fugir e depois apanhou-o e caçou-o.”; “os senhores mataram um gato e um passarinho”; “depois o gato aproximou deles e amarrou-os”	Presente
Sexualidade Complexo de Édipo /fantasma /cena primitiva	“Uma coelha e um menino estavam a esconder e depois um ratinho escondeu-se atrás da árvore iam para a casota deles escondidos para não serem ninguém.”; “esconderam-se debaixo daquela árvore”; “dormiram atrás de uma floresta para ninguém vê-los”; “tinha carro para três, 3 cadeiras, e a mãe coelhinha também tinha e fizeram uma corrida de carros”; “ganhou o coelho pai, carro azul, a mãe tinha um carro cor de rosa e o ratinho também tinha um carro cor de rosa.”	Presente

Relação amizade	““ Quem és tu?”. E depois o cão disse: “ eu sou o dentuço”. O pato “posso ser amigo dele?”. E depois o dentuça disse assim “como te chamas?”; “eu não tenho pais, nem mãe nem pai” e depois ele, o cão disse assim: “isto é uma cabana na árvore”. O cão disse assim só com um dente “ eu só tenho um dente” – “ eu sou um pato” só tenho um bico”.”	Presente
Como o mundo o aceita – independência / autonomia	“nasceu o bebé, onde estava o bebé”; “eles foram chocar e depois nasceu de dentro da barriga. E depois os outros passarinhos foram a voar um bebé, todos os bebés. Um hipopótamo, um elefante uma girafa, todos.”; “foi a voar muito depressa porque ia ter com as suas amigas para ir a uma festa dos bebés. A festa era muito longe”. E depois a festa era muito divertida tinha um baile”; “olha os mares vão para o rio muito depressa!”	Presente

Romano

Definição (Categoria)	Conteúdo (Frases)	Classificação (Ausente/ Presente)
Identificação/ figuras parentais	“a mãe ‘tava a guardar o ovinho”; “começou a nascer e começou a andar; as patas, a cabeça, as pestanas, os olhos, o pescoço, a barriga e o rabinho.”; “a crescer algum tempo”	Presente
Rivalidade de irmãos/ os pares/ integração no grupo	“um elefante que andava a passear encontrou uma girafa, um leão, um rinoceronte, um piuu, um ursinho e dois passarinhos. Entretanto começaram a brincar e a tocar as músicas preferidas deles”; “Começou a desaparecer as nuvens e eles, a girafa, o rinoceronte, o leão, o urso, o elefante, o urso e os dois passarinhos começam a ir para casa.”	Presente
Agressividade	“um gato que andava a apanhar um passarinho”; “O gato continuava a apanhar, mas começou a ficar muito frio e o gato teve de ir para casa e depois o passarinho ficou no seu ninho sossegado”; “pássaro foi saindo do ninho”; “ Começou a sair o gelo e começou a ficar tudo normal”; “o sol a dar raios”	Presente
Sexualidade Complexo de Édipo/ fantasma /cena primitiva	“uns coelhinhos que andavam à procura de comida mas de noite não podiam deixar o filho sozinho e o filho foi com eles”; “coelhinhos começaram a brilhar”;	Presente
Relação amizade	“um cão que queria comer um patinho”; “o patinho foi ficando triste e o cão também porque o patinho disse “não”.; “depois o cão começou a brincar com o gato só que a cãozinha começou a nascer filhos ‘tavam na casota da mãe.”	Presente

Como o mundo o aceita – independência / autonomia	“tavam a voar no céu um ‘tava a ir para norte outro ‘tava a ir para Portugal e outro ‘tava a ir par o norte só que encontrou um amigo”; “A outra parte da margem era os cisnes que ‘tavam no porto a arranjar comida”	Presente
---	--	----------

Palhaço Rico

Definição (Categoria)	Conteúdo (Frases)	Classificação (Ausente/ Presente)
Identificação/ figuras parentais	“Ovo saiu da casca.”; “porque a mãe dele deixou-o sozinho, porque ele não saia da casca”, “buscar comida”	Presente
Rivalidade de irmãos/ os pares/ integração no grupo	“a brincar”; “aos músicos”; “eram amigos”	Presente
Agressividade	“O gato quer comer o passarinho”; “o passarinho não conseguia voar”; “ o gato comeu-o.”	Presente
Sexualidade Complexo de Édipo/ fantasma /cena primitiva	“estavam com medo”; “porque ‘tava escuro”	Presente
Relação amizade	“cão que queria ajudar o passarinho”; “O passarinho não queria porque tinha muito medo”; “para ele não ficar com medo”	Presente
Como o mundo o aceita – independência / autonomia	“a ver ao espelho; ver se tava lindo”; “a ver se encontravam comida”	Presente

Deusa

Definição (Categoria)	Conteúdo (Frases)	Classificação (Ausente/ Presente)
Identificação/ figuras parentais	“o pai ficou chateado porque ele não era como os outros e depois a mãe foi-se embora com os outros e deixaram-no lá sozinho e depois ele começou a chorar”; “apareceram uns patinhos e uma mãe cisne e era a mãe dele”; “tapou-os com as asas”; “a mãe a andar e iam atrás da mãe”	Presente
Rivalidade de irmãos/ os pares/ integração no grupo	“tavam a fazer música”; “barulho e depois a mãe assustou-se e foi-se embora”; “mãe a andar”; “todos a andar”; “os patinhos acordaram e os animais também.”	Presente
Agressividade	“um gato abandonado que queria matar um passarinho”; “”; “não aguentava com o peso dele na barriga e depois caiu”	Presente
Sexualidade Complexo de Édipo/ fantasma /cena primitiva	“Os coelhinhos e as coelhinhas e o cão”; “era Natal”; “. Os coelhinhos e as coelhinhas e o cão”	Presente
Relação amizade	“ele ficou com medo e saiu no outro lado e depois ele ia a correr”; “ele era pequenino e transformou-se num cisne”; “patinhos transformaram-se num cisne”; “a mãe ‘tava a ver coisinhas brancas neles e transformou-se num cisne.”	Presente
Como o mundo o aceita – independência / autonomia	“foi voar com os outros irmãos”; “voou atrás da mãe com os outros irmãos”; “o cisne não tinha medo”	Presente

Fada

Definição (Categoria)	Conteúdo (Frases)	Classificação (Ausente/ Presente)
Identificação/ figuras parentais	“quando a mãe chocou os ovos, os patos saem e depois vão ficar grandes”	Presente
Rivalidade de irmãos/ os pares/ integração no grupo	“um hipopótamo que andava a passear e encontrou um leão”; “uma girafa, um elefante, dois pássaros e um urso”; “A girafa ‘tava a tocar matracas o leão a brincar, o hipopótamo ‘tava a saltar, o urso ‘tava a tocar tambor, um passarinho ‘tava a ler”	Presente
Agressividade	“um gatinho subiu a uma árvore e depois viu um passarinho, fingiu que ia comê-lo para assustá-lo e ia quase caindo do ninho e depois foi a voar e apanhou o pelo do gato e deixou-o cair para o chão e o gato caiu na água e o passarinho riu-se muito muito e o gato foi-se embora”	Presente
Sexualidade Complexo de Édipo/ fantasma /cena primitiva	“dois coelhinhos que passeavam num bosque encantado”; “a brincar”; “encontraram um koala e depois brincaram muito muito muito, até ficar de dia e depois ficaram a saltar.”	Presente
Relação amizade	“encontrou uma casa e depois viu um cão e o cão não o queria lá e depois foi à beira do rio, bebeu água e viu-se um cisne”	Presente
Como o mundo o aceita – independência / autonomia	“encontrou uma casa e depois viu um cão e o cão não o queria lá e depois foi à beira do rio, bebeu água e viu-se um cisne”; “apaixonaram”; “foram brincar e encontraram muitos amigos e brincaram a atirar água.”; “No outro apaixonaram-se mas aqui não”.	Presente

Os resultados indicam que todas as crianças desta amostra criaram frases para a sua história que dizem respeito às categorias previamente definidas. Os elementos da imagem são identificados, com recurso às personagens existentes e também a outras não existentes, para criarem a sua história.

Análise e Discussão de Dados

Nesta amostra, de um modo geral,

Há crianças que identificam os elementos e são mais descritivas (Zorro, Palhaço, Palhaço Rico) e há crianças que contam histórias elaboradas, estabelecem diálogos entre as personagens (Princesa Azul, Picatshu, Harry Potter, Bruxa, Romano, Deusa).

Por vezes começam a sua história por “era uma vez” (Romano em todas as imagens, Fada) ou acaba “foram felizes para sempre” (Bruxa).

Verificam-se situações em que contam histórias relacionadas com as figuras das imagens anteriores “É do outro patinho que eu contei”, (Fada). Ou, no final, temos a surpresa de uma história introduzindo todas as figuras da sequência das imagens anteriores:

“nasceu o bebé, onde estava o bebé”; “eles foram chocar e depois nasceu de dentro da barriga. E depois os outros passarinhos foram a voar um bebé, todos os bebés. Um hipopótamo, um elefante uma girafa, todos. O, depois o mar começou a rodar, ‘tava a chover. E depois o pato foi a voar muito depressa porque ia ter com as suas amigas para ir a uma festa dos bebés. A festa era muito longe (...) era muito divertida tinha um baile, uma baleia e depois tinha um senhor que dava os bilhetes e depois iam brincar (...)”,(Bruxa)

Nota-se um recurso a outras histórias: o patinho feio (Princesa Azul, Romano, Deusa, Fada), o pinóquio (Princesa Azul), o lobo mau (Princesa Azul), a gota gotinha (Bruxa).

O recurso a outros elementos não presentes, por exemplo, o sol depois de resolver a questão entre o gato e o pássaro.

Nesta amostra, em particular,

Imagem 1

Quase sempre fazem referência ao “pato” ou “pintinho” a nascer, ou que nasceu. A mãe galinha ou pata não está na imagem mas aparece na maioria das histórias das crianças. Identificam o pato ou pintinho que nasceu do ovo e que foi chocado pela galinha, pela mãe, ou “a mãe dos patinhos agarrou no ovo”, “viu uma pata da mãe (...) a mãe viu uma pata do filho”, (Picatshu); “a mãe estava a chegar (...) e levou o filho a passear”, (palhaço). O pai por vezes também aparece nas histórias: “mãe, pai, patinho”, (Princesa Azul); “o pai ficou chateado”, (Deusa); e também há referências aos irmãos “patinhos”.

Há umas crianças mais contidas: “nasceu do ovo”; “é um pato”, (Bruxa); e as crianças que vivem a situação “a mãe ‘tava a guardar o ovinho e começou a nascer, e começou a andar, as patas, a cabeça, as pestanas, os olhos, o pescoço, a barriga e o rabinho”, (Romano).

Há umas crianças que justificam a ausência da mãe: “Ficou sozinho”, e encontram a resposta: “ficou sozinho” porque a “mãe foi buscar comida”, (Palhaço Rico). Há pais que abandonam os filhos: “não era igual aos outros (...) deixaram-no lá sozinho”, (Deusa), e depois chegam os pais verdadeiros.

Imagem 2

As personagens são sempre identificadas e em interacção “a tocar música”, são “amigos”, por exemplo: “um elefante que andava a passear encontrou uma girafa, um leão, um rinoceronte, um piupiu, um ursinho e dois passarinhos. Entretanto começaram a brincar e a tocar as músicas preferidas deles”; “Começou a desaparecer as nuvens e eles, a girafa, o rinoceronte, o leão, o urso, o elefante, o urso e os dois passarinhos começam a ir para casa.”, (Romano); “Estão todos numa praia (...) Leão, girafa, urso, elefante, leão, hipopótamo, passarinho, pintainho, passarinho. (...) Amigos”, (Zorro).

As histórias representam animação e boa disposição de um modo geral. Cada um tem o seu papel no grupo e na hora de terminarem as suas tarefas podem, então, arrumar e ir para casa. Sinais de comportamento social adaptado e de integração no grupo.

Imagem 3

As crianças identificam o gato que quer comer o passarinho, por exemplo: “gato pensava que ia comer o passarinho”, (Zorro); “gato mau”, (Picatshu). As vezes o pássaro foge: “o passarinho fugiu”, (Palhaço); outras vezes não: “o piupiu morreu e a mãe ficou triste”, (princesa Azul). Mas, “os bons foram felizes para sempre”, (Harry Potter) também acontece. O passarinho revolta-se: “O gato (...) comeu o gelo (...) o passarinho pensou em matar o gato” (Picatshu); “apanhou o pelo do gato (...) deixou-o cair na água e o passarinho riu-se”, (Fada). Outras vezes, o gato é incapaz: “ele estava um bocadinho longe”, (Zorro); “começou a ficar muito frio e o

gato teve de ir para casa”, (Romano); o feitiço vira-se contra o feiticeiro e “o passarinho (...) foi lá salvá-lo”, (Princesa Rosa).

Quando o passarinho fica a salvo aparece “o sol a dar raios”, (Romano) – a frieza da neve deixa de fazer sentido.

Imagem 4

Aparece a referência numérica. É evidente a hesitação entre os dois e o um – o dois e o três. O masculino e feminino também é identificado: “o coelhinho e a coelhinha”, (Palhaço); “Os coelhinhos e as coelhinhas”, (Deusa); ou pela cor “pai (...) azul (...) mãe (...) cor-de-rosa”, (Bruxa).

Há uma interacção especial entre dois e o terceiro é um elemento estranho ao casal: “Estão a jogar às escondidas”, (Zorro); “Os três, dois coelhinhos que eram namorados (...) o bebé estava a espreitar (...) as meninas (...) a brincar aos penteados, os meninos foram comer”, (Harry Potter); “os coelhos e as coelhinhas e o cão”, (Deusa); “os dois, três (...) os dois que estavam no pau olharam para a lua”, (Picatshu). “Uma coelha e um menino estavam a esconder depois um ratinho (...) tinha carro para três, três cadeiras”, (bruxa); “dois coelhinho (...) um koala”, Fada).

Também há maneiras de ficar ao pé dos pais: “uns coelhinhos andavam à procura de comida mas de noite não podiam deixar o filho sozinho e o filho foi com eles”, (Romano). E há aqueles que “estavam com medo (...) do escuro”, (Palhaço Rico).

Imagem 5

Há uma relação dinâmica entre o cão e o pato, a referência à mãe que não está e a inter-ajuda resultante de um sentimento de confiança: “o pintinho foi ter com o cão (...) estava triste porque tinha perdido a mãe”, (Zorro); estabelecem um diálogo: “perdeu da mãe (...) queres ir comigo encontrar a tua mãe? (...) obrigada por me teres ajudado”, (Harry Potter); ““ Quem és tu?”. E depois o cão disse: “ eu sou o dentuço”. O pato “posso ser amigo dele?”. E depois o dentuço disse assim “como te chamas?”; “eu não tenho pais, nem mãe nem pai” e depois ele, o cão disse assim: “isto é uma cabana na árvore”. O cão disse assim só com um dente “ eu só tenho um dente” – “ eu sou um pato” só tenho um bico”.” .

E mesmo que a mãe se zangue “ralhou com o cão, porque não queria lá visitas em casa” é uma festa: “o pássaro deixou o cão entrar na casa dele (...) comeram (...) gastaram o rolo da máquina fotográfica (...) foram comprar outro”, (Picatshu).

Às vezes não é o pato que está perdido mas é o “pato a esconder da mãe (...) porque a mãe às vezes estava a zangar com o pato”, (Palhaço).

Os pequeninos também ajudam os grandes a crescer: “Ajudou o cão a ser grande”, (Princesa Azul) e crescem com a ajuda dos grandes (amigos).

Imagem 6

Aqui surgem sinais das dificuldades inerentes à autonomia, as crianças sabem que têm que ir, têm que lá chegar, vencer adversidades e o conflito de gerações e “voar.

“Decidiram que queriam ir. Aquele estava-se a rir para o avô”, (Zorro); “Ele pensava que era um bocadinho feio porque as outras pessoas não gostavam dele”, “os outros” “também eram um bocado feios”, “não conseguia voar”, “cresceu e conseguiu ir atrás deles”, “gostaram muito dele”, (Harry Potter); “encontrou o pai pato e depois escreveu umas letras”; “o super homem a voar”; (Picatshu); “tavam a voar no céu um ‘tava a ir para norte outro ‘tava a ir para Portugal e outro ‘tava a ir par o norte só que encontrou um amigo”; “A outra parte da margem era os cisnes que ‘tavam no porto a arranjar comida” (Romano); “o pato foi a voar muito depressa porque ia ter com as suas amigas para ir a uma festa dos bebés”, (Bruxa).

PARTE III – CONCLUSÕES FINAIS

Conclusão Geral

A polarização das personagens permite a distanciação necessária e suficiente para a criança se identificar com elas. Se não fosse assim seriam muito próximas da realidade, com a ambivalência das pessoas reais – como as conhece – então, continuaria a ser angustiante para a criança a complexidade das pessoas e do mundo real.

As personagens não têm nome, como nos contos de fadas, há reis, rainhas e príncipes e princesas, madrastas, o pobre lenhador, fadas, bruxas e gigantes, que lhes permite assegurar um parentesco de proximidade, a diferença de gerações, o bem e o mal.

O facto de serem animais os personagens da história, permite-lhes que se situem num mundo que não é o deles, é o mundo dos animais, mas também sabem que é um mundo que lhes pode ser próximo. Os animais fazem parte do mundo dos homens. Recorrem ao seu mundo real e ao seu conhecimento do mundo para elaborar a sua história, estabelecer uma dinâmica relacional inter-mundos (por exemplo, os animais vão arrumar as coisas, tirar fotografias, vão às compras e ao baile, vão de carro e às festas de anos). Os animais também ficam sozinhos e os pais também “ralham”. Outras vezes levam os “filhos a passear” e “tapam-nos com as asas.”

A questão numérica surge nas histórias e na nossa imagem relativa à sexualidade. Como já referimos anteriormente, aparecem referências ao número dois quando falam do casal ou dos dois mais próximos, e ao número três quando incluem o terceiro que está sozinho, entra a criança e a sua relação com o mundo.

As imagens apresentadas serviram, a partir de uma ideia, como ponto de partida ou uma pista, para as crianças desta amostra conseguirem dar um sentido, elaborar uma compreensão dos elementos presentes, estabelecer uma ligação entre eles e dar-lhes um sentido. As crianças identificam os protagonistas, dizem o que fazem, o que vai acontecer, para onde vão e como acaba. É como se fosse um ensaio de uma história (criada e re-inventada por si) de um conto contado.

Verifica-se neste trabalho que o símbolo apresentado é um objecto transitivo que permite à criança projectar a sua fantasia. Esse símbolo permite a criação de uma área intermédia, um espaço potencial, que lhe permite uma identificação. A história permite à criança uma ilusão em que a criança retira o segredo da história.

Recordando Winnicott em que a adaptação da mãe às necessidades do bebé, quando suficientemente boa, dá a este a ilusão de que existe uma realidade externa correspondente à sua própria capacidade de criar; depois de proporcionar a ilusão, é preparada gradualmente a desilusão, temos uma tarefa de aceitar a realidade que se presume “nunca estar completa”.

A importância do segredo na história, o não dito, o que não é explícito mas que a criança subentende, utilizando recursos para criar um enredo. Podemos pensar na questão do segredo na relação analítica (caso Carolina), o segredo mantém-se ao longo da vida, vai sendo posto a descoberto consoante a sua realidade lhe permita fantasiar. Recordamos também o relatado sobre Jung e a sua possessão relativamente (a figura esculpida e escondida) ao seu segredo. O que nos conduz ao ponto de partida, a primeira possessão (Winnicott) o objecto transitivo. A criação de um espaço que permite criar e manter um segredo, algo só seu. Espaço esse que se poderá

pensar em termos do terceiro analítico – um espaço em que a pessoa possa relacionar-se com outra e viver o seu segredo. Winnicott indica o terceiro enunciado exigido pela existência da realidade interna e realidade externa, uma área de experimentação que mantém estas duas realidades interrelacionadas. Criando-se mutuamente.

A tensão entre realidade interna e externa é constante da vida e o “alívio dessa tensão é proporcionado por uma área intermediária de experiência que não é contestada. (...) Essa área intermediária está em continuidade directa com a área do brincar da criança pequena que se “perde” no brincar”, (Winnicott, 1975)

Através de um conto de fadas a criança pode conseguir um entendimento de modo a dominar as suas tensões psicológicas, parafraseando Bettelheim, para resolver as suas tensões e tendo em conta a sua capacidade de compreensão da vida, exactamente do segredo do conto de fadas, o que está implícito – o que lhe dá espaço e tempo de situar naquela história e retirar para si o que mais lhe provém. Descrevem por forma imaginária e simbólica os passos essenciais do crescimento e da obtenção de uma existência independente, centrando-se nos processos de mudança.

Os símbolos servem-nos para transformar o existente, criar o diferente e transitar para uma nova experiência e realidade.

Conclusão Final

Entre a Realidade e a Fantasia, a Arte da Ilusão.

Tal como o azul sobre o ouro, a dicotomia do masculino e do feminino, à procura da verdade, pensamos em Deus e temos como certeza a morte. O ser que nasce. O recém nascido cria pela criatividade despendida, e assim se faz Homem.

Quando o imaginário falha ... A psicopatologia surge como o falível da identificação projectiva. A psicose, como a impossibilidade de criar, transformar o insuportável do real e a patologia do irreal/ fantasia. O que nos conduz para o real/imaginário como consagrador da vida e como consagrador da morte. A morte mental de um não pensamento (Amaral Dias).

A fantasia como um pensamento contrariando o caminho para a morte e procurando um caminho para a vida.

A falta de fantasia como índice de falta de pensamento, um caminho para a morte. A identificação por fantasia, símbolo significado/ante, de formação da vida e do aparelho psíquico (Amaral Dias).

O Imaginário resulta da relação dinâmica entre, por um lado, a linguagem, e, por outro lado, o significante e o significado.

O contacto com I permite vivenciar a relação em R, I ou C. O não contacto com I implica uma condenação à aniquilação nem R, I ou C.

Segundo Freud poderemos considerar duas vertentes . Um espaço psíquico como metáfora ou realidade interna, que depende da natureza e qualidade das identificações, Um espacial/dramático, em

que este espacial está relacionado com a noção de espaço (continente fantasia).

O acto criativo permite a identificação – uma “internalização transmutante” (Bouchard) o que permite a sublimação.

A criatividade como o resultado do processo de identificação opõem-se à passividade do indivíduo que se sente um estranho. A necessidade criadora na procura do caminho para a vida.

A fantasia é como uma dança entre a criação e a vida. Cada um tem de andar a par e passo, envolvidos num equilíbrio oculto em que se vê somente o resultado.

Aplicação Prática

A importância dos contos para as crianças projectarem as suas tensões interiores; seja com os pais seja no infantário. A elaboração de contos (trabalho realizado por Pal no Reino Unido, citado por Bettelheim, 2003) por parte da criança permite-lhe projectar as suas fantasias, assim como trabalhar problemáticas relacionais no seio do grupo. As crianças podem criar as suas histórias, consoante as suas fantasias e representá-las no seio do seu grupo de amigos com a orientação dos educadores.

Estudos longitudinais a crianças a quem se contam histórias e a quem não se contam histórias. Fazendo uma comparação, verificando os efeitos das histórias na vida das crianças. A aplicação do General Inquirer pode ser uma alternativa quantitativa para obter mais dados científicos.

Referências Bibliográficas

- Bardin, L. (1971). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bellak, L. & Bellak, S. (1980). *A Manual for the Children's Apperception Test (Animal Figures)*, (7th ed.).
- Bellak, L. & Bellak, S. *Manuel du Test D'Aperception pour Enfants C.A.T. et du supplément C.A.T.-S.*, Traduction Centre de Psychologie Appliquée. Paris : Les Éditions du Centre de Psychologie Appliquée.
- Bleger, José. (1969). *Psicanálise e Dialéctica Materialista* (tradução). Lisboa: Galeria Panorama.
- Bouchard, F.(1973) IdéaI du moi et créativité. *Revue Française de Psychanalyse*, 5-6.
- Chevalier e Gheerbraut. *Dictionaire des Symboles*, . p.129
- Coimbra de Matos (2000). Sonho e criatividade. *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 19: 5-12.
- Cortesão, E.L. (1985) Elos significativos: a contribuição da psicanálise para a psicologia. *Revista Portuguesa de Psicanálise*,1, 17-30.
- Costa, M.C. (1997) . *No Reino das Fadas*. Lisboa: Ed.Fim de Século.
- Davidoff, L. (1983). *Introdução à Psicologia*. Rio de Janeiro: McGrawHill.
- Dias, C.A. (1992). *Aventuras de Ali-Babá nos Túmulos de Úr*. Lisboa: Fenda.
- Dias, C.A. (1995) *(A)Re-Pensar*. Porto: Ed. Afrontamento.
- Gilbert, J. (1979). Sublimações. Na apresentação da *Revue Française de Psychanalyse*, 5-6.
- Hinshelwood, R.D.(1992). *Dicionário do Pensamento Kleiniano*. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas

Iturra, Raul (1993). *O Imaginário das crianças*. Lisboa: Fim de Século.

Khan, Masud R. (1989). Secret as potencial space in *Hidden Selves Between theory and practice in Psychoanalysis* (pp.97-107). London: Karnac.

Khan, Masud R. (1989). *Alienation in Perversions*. London: Karnac.

Kris, E. & Kurz, O. (1988). *Lenda, mito e magia na imagem do artista*. Ed. Presença. Lisboa.

Laplanche, J. (1987). *Novos fundamentos para a psicanálise*. Lisboa: Edições 70.

Laplanche e Pontalis.(1990). *Vocabulário de Psicanálise*. Lisboa: Ed. Presença.

Malrieu, P. (1996). *A construção do imaginário*. Lisboa: Instituto Piaget.

Milner, M. (1979). Le role de l'illusion dans la formation du symbole. *Revue Française de Psychanalyse* (5-6)

Ogden, T. (1980). On the nature of schizophrenic conflict. *International Journal of Psychoanalysis*, 61, 513-533.

Ogden, T.(1982). *Projective Identification and Psychotherapeutic Tecchnique*. New York: Jason Aronson.

Ogden, T. (1985). On potencial space. *International Journal of Psychoanalysis*, 66, 129-141.

Ogden, T. (1997). Reverie e Metaphor. *International Journal of Psychoanalysis*, 78 (4),719-732)

Piaget, J. (1993). *A linguagem e o pensamento da criança*. São Paulo: Martins Fontes.

Pereira, F. (1999). *Sonhar ainda: Do sonho-desejo-realizado ao sonho emblemático*. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.

Person,Ethel (1996). *Pela força da fantasia*. Braga: Ed.Rocco.

Sá, Eduardo (1996). *Psicologia dos Pais e do Brincar*. Lisboa: Fim de Século.

Sá, E. (desc.). Fantasia e narcisismo. *Revista de Psicologia* 3-4.

Sanvic, Pascal. (2000). *À procura do ó-ó perdido*. Lua Cheia teatro para todos. Lisboa.

Segal, H. (1975). *Introdução à obra de Melanie Klein*. Rio de Janeiro: Imago.

Segal, H. (1993). *Sonho, fantasia e arte* – colecção Nova Biblioteca de Psicanálise. Rio de Janeiro: Imago.

Segal, H. (1994). *Conferências clínicas sobre Klein e Bion*. Rio de Janeiro: Imago.

Winnicott, D. (1971/1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago editora.

Winnicott, D. (1990). *Connaissance de l'inconscient in La nature humaine*. Paris : Ed. Galimard.

Winnicott, D. (1993) *Textos seleccionados da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves.

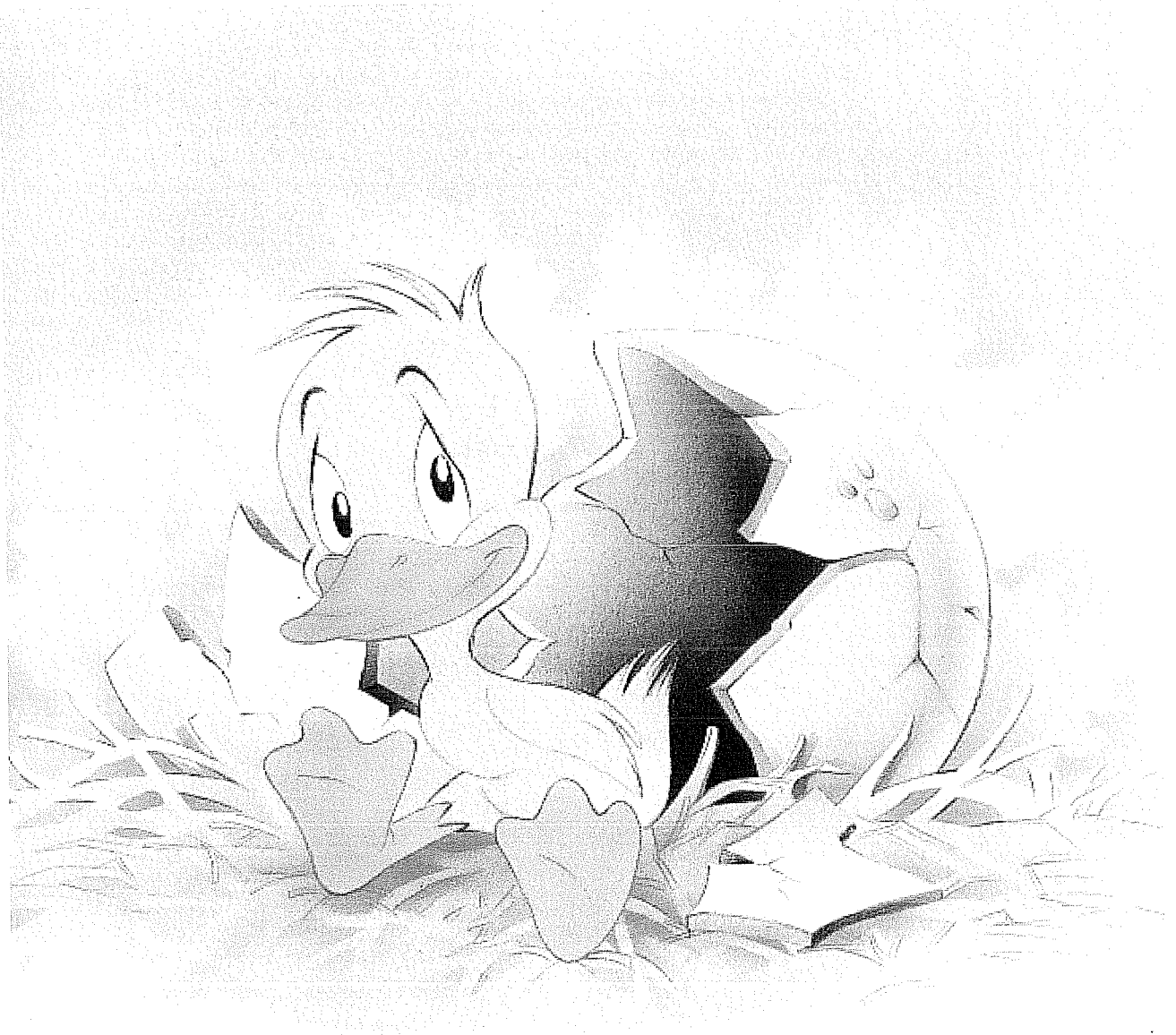
ANEXOS

Anexo A: O instrumento

Anexo B: As entrevistas

ANEXO A: Instrumento

6 Figuras













ANEXO B: Entrevistas

Zorro

- 1- Um pato a sair do ovo? A galinha chocou? O ovo partiu-se depois o pintainho saiu? Para ovo.
- 2- Sorri. Fazer uma banda de música, uma tem tambor? Urso, passarinho a ler? Livro? De histórias? Floresta mágica? Estão todos numa praia? Por um barco? Gostaram/? Gostam? Tocar instrumentos. Foram para a cama? Almoçar e ir para a cama? estão cansados? Leão, girafa, urso elefante, leão, hipopótamo, passarinho, pintainho, passarinho? Amigos.
- 3- Distancia-se, afasta o corpo. O gato estava a rugir ... ao passarinho. O passarinho estava a olhar e estava em cima de uma árvore e o gato estava em cima de um bocado de uma árvore? O gato pensava que ia comer o passarinho e depois o gato não conseguiu comê-lo porque ele estava um bocadinho longe? Estava vento ...depois o gato ia embora e via um passarinho na árvore? O mesmo? O passarinho fez barulho? Com o bico aberto? Ficou? O gato foi-se embora.
- 4- Essa é de bonecos ...? Eles estão a jogar às escondidas, um estava com a orelha torcida, toda para baixo e outra para cima? Para não lhe verem aquele bocado da orelha? Porque não era para ver? Estão a jogar às escondidas. Um coelho estava escondido atrás de uma árvore e um coelho e uma coelha estavam escondidos atrás do tronco de uma árvore? Um urso? Estava escondido deste lado (canto superior direito)? Sabem? (aponta coelho)? Um coelho. (Cansado)
- 5- Depois ele vem... esta agora é que eu pensei mal. O pintainho foi ter com o cão. Depois ele ficou triste porque tinha perdido a mãe e foi ter com um cão com dente de fora e estava outro cão atrás dele? Estava a pensar se ele ia para casa ou não? Foi (atrás)? (frente) Estava também cheio de medo do pintainho? O pintainho tinha medo do cão? Porque não eram iguais.
- 6- Este é dos cisnes. Um pato estava a ir ao fundo e um não, e os outros três estavam a voar. (?) Os que estavam a voar tinham as patas para trás e o pescoço para a frente, um com as asas esticadas outro com as asas para cima? A voar para Inglaterra? Decidiram que queriam ir. Aquele estava-se a rir para o avô que era este (da água)? Porque ele pensava que o avô não ia ao fundo? E depois também voou? A que estava-se a rir? Para Inglaterra? Foi ter com os outros. (avô)? Foi ao fundo? Ficou afundado depois.

Princesa Azul

1. Os pintainhos a nascer, estava a nascer e o patinho feio e depois a mamã dos patinhos zangou-se porque o patinho feio era diferente dos outros. E quando o patinho feio começou a chorar e foi para o lago (pato). A mamã disse que o patinho feio vai ser irmão dos outros. E depois a mamã disse que o papá vai conhecer o patinho feio. Depois quando o pai veio bateu à porta e disse aos patinhos feios que “temos um irmão”. O patinho feio deu um beijinho ao pai.

Depois o patinho feio foi para ao pé da outra mãe, mãe feia, porque ele nasceu num outro ninho. Depois quando nasceu, conheceu o pai o patinho feio foi no avião dos patinhos feios e conheceu os amigos que estavam na escola dele. Depois o patinho feio disse adeus aos amigos dele e foi para uma escola nova. Depois passou alguns dias e o patinho voltou para casa e depois o pai continuou a trabalhar ao pé da mãe e depois o patinho abriu a porta e entrou lá a avó e o avô. O patinho disse que a mamã estava muito gira e depois veio a tia e o tio e deram um beijinho ao patinho feio e depois a história já acabou-se? (Porque nasceu noutra ninho?) Porque o tio deu um pontapé no ovo, o ovo rebolou, a mãe dos patinhos agarrou no ovo e pôs no outro ninho? A mãe má não gostava dele e depois voltou para a casa dele era muito longe, de pauzinhos de madeira? Mãe, pai, patinho. Patinha feia e o pai, também era o patinho feio.

2. Fazer uma festa ao pé da praia numa rocha. Então quando o leão disse `tava ali uma floresta. Eles foram lá. O ursinho tocou e veio lá um leão mais mau. Quando o elefante disse que estava uma menina a tratar dele, o tigre disse que não era verdade, que era mais pequeno (laranja) ficou mais pequeno? Porque não `tava a comer? Depois ficou mais gordo e ficou amigo dos outros? O mar era mais giro porque estava a brilhar por causa do sol. Depois o pintainho disse que o ar era mais frio que nós temos de usar mais roupa de lã e o leão disse que tinha. O ursinho também tinha roupa de lã. A girafa disse que tinha uma mãe mais velha, saltou a pedra, a rocha e foi ter com a mãe dela, que era mais velha. O rinoceronte disse que tinha ali uma mãe que estava a beber água. O leão disse que voltava aqui outra vez? Tinha ido, começou a fazer uma festa com laranjas. Estava a vender frutos? A vender na festa do elefante, disse que vai ser amigo do leão que também vai fazer uma festa como ele fez.
3. O gato estava na rocha e tinha visto um piu e gritou e chamou a dona dele (do gato) e foi para o gelo lá ao fundo. O gato disse que o gelo estava mais frio do que no país dele que estava mais sol. E a dona dele foi ter com ele (gagueja) ao gelo e a dona voltou para casa? Ele ficou no gelo porque não conseguia ir porque não tinha pés de lã? E o pintainho conseguia voar porque foi para o gelo e conseguiu voar. Ele disse que teve, a dono mandou uns pezinhos de lã para o gelo e depois o gato calçou e voou e seguiu o pintainho, ai seguiu o piu-piu, ele voltou para as rochas porque ele correu do ninho e disse que a professora dele que era uma gata que ele portou-se mal, muito mal, porque ele comeu o piupiu, disse que `tá de castigo um mês. Ele já voltou para casa. A professora disse que já não` tá de castigo. Ele disse que voltava sempre para casa, ficou feliz, mas o piupiu morreu e a mãe do piupiu ficou triste e foi a casa do gato e mordeu-lhe para ver se ele gosta e comeu o gato e depois foi ter com a mãe do gato e foram lutar as duas. E disseram que `tavam no gelo e começou a derreter porque o sol estava quente e as duas mães brincaram na neve e depois os pais lutaram na neve? As mães tiveram outros gatos, não outras gatas. Depois os pais disseram que `tavam muito felizes não lutavam mais, estavam numa casa nova, vinham, as outras primas vieram visita-los e disseram que queriam café. As primas foram embora.
4. `Tavam numa floresta, lobo mau comeu os, um coelhinho, o cor de laranja, e a menina e a outra menina também ficaram juntas e havia outra floresta boa em que o lobo mau não podia ir lá porque tinha lá uns caçadores, e depois foram lá à

escola os dois coelhinhos, o cor de laranja está só escondido na barriga do lobo, e foram os dois para a escola, e foram para a flor. Onde o lobo mau tinha morrido. E na linha do comboio disse que ia para casa.(?) Com as mães, foram lá para ir para o parque para andar de escurrega e baloiço porque não tinham carro. E depois disseram que voltavam para o escurrega, que iam embora porque 'tava a chover e o escurrega 'tava molhado, e caiu uma gota gotinha, e a coelhinha apanhou a gota gotinha e depois apanhou uma flor e pôs lá a gota gotinha a dormir, e tinha encontrado um malmequer e disse que a gota gotinha lá muito tempo a dormir. E a coelhinha mais velha disse que 'tava contente e depois foram para casa e depois de casa a história acabou-se. (?) O coelho (?) Amigos(?) Encontraram a ratinha que estava ao pé da árvore. Estava a esconder-se dos dois coelhinhos? Porque estavam assustados, ele queria fazer um susto a eles e depois acabou-se a história (?) Porque eles estavam também ali escondidos e queriam apanhar a ratinha. Apanharam a ratinha, ficou tudo resolvido. A história acaba quando eles apanham a ratinha?? Contentes.? A ratinha está triste porque não vivia com ninguém depois ficou feliz, ficou com a mãe dos coelhinhos, ficou na casa dos coelhinhos muito tempo até os pais virem e agora acabou-se a história.

5. Esta a do cão, porque o cão queria passar este monte e não pode porque 'tava lá um patinho? Porque ali era a casa dele. E disse a mamã que estava lá um cão à espera de falar com a mãe, a mamã disse que em pouco tempo já não pode falar comigo, porque tinha lá o cão, tinha lá o pai para falar das reuniões, disse se tava a chover para ir ao parque, e disse as reuniões já não voltam para a outra casa, e chamou as primas para ir prender o ladrão que era o patinho. O ladrão era o patinho mais velho. Disseram que o patinho feio estava mais feio que ia para o ninho. O pai deu umas flores à mãe ? O patinho e o cão ficaram amigos e o cão foi para outra casa e encontram um cisne que ajudou o cão a ser grande e o cão disse que estava mais giro sem o cisne? O cão estava mais gordo e baboso? O patinho disse que já não volta a ser baboso.
6. Um dia mais lindo dos cisnes foram amostrar a cara num rio onde estavam lá sempre a passear. E um cisne disse não faz mal interromper (interrupção). Os outros continuam a voar. Um cisne ficou mal porque roubaram-lhe uma coisa, foi um perfume de homem e disseram que tava muito mal e depois foi comido por um leão ? Este (a ver-se na água). Primeiro tava bom e depois ficou mau? Porque tava a ver na água e tava a ficar com o nariz mais gordo e ficou a continuar mau? Os outros tavam a dizer que ele tava a ficar mau porque ele tava a ficar com o nariz mais gordo, mais mau, e o professor disse que ficou mais mau e tava a portar-se muito mau? Porque tava a comer muito e dizia mentiras como o pinóquio mas não é o pinóquio. Os outros cisnes tavam a voar disseram que tava a crescer o nariz como o pinóquio.

Harry Potter

1. Foi a mãe que teve um pintainho que não era dele que era de outras pessoas. Ele viu e ficou admirado porque não era deles? Ficou triste ... o pintainho? Ele saiu

de dentro? Do ovo e foi passear. Sozinho?(não encontrou ninguém?) depois se calhar no fim tava a pensar que ia encontrar a mãe ou os manos ? encontrou? Depois ficou a brincar. Depois quando viu um outro pintainho igual a ele ficou muito contente. Quando a mãe e os manos estavam a passar, o pintainho viu a bruxa má que era a pata que tava a por o ovo, ele foi dizer à mãe(?) foi o pintainho? Foi dizer à mãe quem pôs o ovo, que era a pata má ? Ovo, aquele pintainho que não era dela.

2. Foi um ursinho que tava a tocar tambor para irem para a festa porque ele fez anos. Depois os amigos vieram todos e depois a veio veio, a girafa, com uma coisa que tocava música (A girafa era a mãe?) sim. Um pássaro e a mãe do passarinho. A mãe tava a ler um livro a todos e o passarinho tava a fazer barulho e depois foram ao mar do rio? A mãe do passarinho estava a ler. Mar? porque vestiram um fato de banho e descobriram um tesouro, três montinhos dois mais um, um para os dois passarinhos, depois mais dois montes para a mãe do hipopótamo e depois mais outro para a mãe do leão e depois mais outro para a a mãe do elefante? Depois mais três para a girafa e para o filho que fez anos depois gastavam o dinheiro e iam lá buscar às pedras? Das pedras que encontravam no mar, tesouro? Tinham moedas, pedra para eles pegarem para irem dar aos outros (pedra?) porque tinham dinheiro (contentes?) sim.
3. Foi um passarinho que estava a cantar numa árvore e estava muito aflitinho para cantar e disseram-lhe que havia uma coisa má trás dele. Depois o gato mau tava lá e depois ‘tava com a boca aberta para comer o passarinho e depois ele comeu o passarinho. Depois o passarinho começou a cantar na boca dele e toda a gente ouviu e depois os donos deles vieram e mataram o gato e o passarinho ficou lá em casa na gaiola. Depois ontem à noite fritaram o gato. Como o gato tinha uns donos mágicos ele era mágico também, ele saiu do forno e depois os donos do gato foram lá dar umas conversas e as conversas eram más e porque um tinha fritado o passarinho e outro tinha fritado o gato. Passarinho? Os donos mágicos. Gato? Os donos bons, os donos mágicos eram maus. (Quem avisou o passarinho?) foi o passarinho que ‘tava quase a sentir um cheiro. Acabou? Os maus um dia foram passear e depois caíram e depois os donos bons foram felizes para sempre e depois o gato transformou-se em bom ficou com o passarinho.
4. Foram os três, os três, ai, os dois coelhinhos que eram namorados, eram amantes, foram à floresta, ouviram nas notícias que havia lá um bebé, o bebé estava a espreitar debaixo da árvore depois eles gostaram muito do bebé e o bebé também gostou deles e ficaram com o bebé. Numa casa que tinha uma piscina, uma varanda muita grande e depois tiveram um mano e depois jogavam à bola e depois quando fizeram anos tiveram uma festa e convidaram um menino para jogar à bola com o mano e uma menina para puzzle, e as meninas para brincar aos penteados, depois os meninos foram comer uma fatia de bolo e as meninas também foram.
5. É um cão que depois foi espreitar para um bocado de pau que era a toca do coelho. Depois havia lá um pintainho que se perdeu da mãe. Depois ele pensava que era uma casa que ninguém ... depois, o cão entrou lá (?) disse “estás perdido?” ele disse “sim” depois ele disse “queres ir comigo encontrar a tua mãe” disse o cão, depois eles encontraram o pintainho e depois o pintainho deu um

abraço à mãe e depois disse assim ao cão “obrigada por me teres ajudado” (amigos?) sim.

6. Era um patinho perdido olhou para a cara dele na água, ele pensava que era um bocadinho feio porque as outras pessoas não gostavam dele e depois ele viu os pássaros iguais a ele e também eram um bocado feios só que ele não conseguia voar porque ainda era pequenino depois foi para debaixo de água e bebeu muita água e depois cresceu e conseguiu ir atrás deles. Depois o pássaro estava atrás dele deu um encontro e disse “está aqui um pássaro novo é igual ao nosso” – disse o pássaro de trás. Depois eles gostaram muito dele e deram muita água a ele e muito milho. Amigos? Sim.

Picatshu

1. Se calhar é o pintainho a coisa. Se calhar ‘tá perdido o pintainho? Porque a mãe foi-se embora.? Para a cidade dos outros pintainhos? Porque não queria mais o filho (??) depois este passou para lá onde a mãe ‘tava e depois a mãe viu uma pata do pintainho? Depois o pintainho foi lá e também viu uma pata da mãe depois juntaram-se? Não fizeram mais nada.
2. Este (elefante) estava com os seus amigos e ‘tavam na praia a ... um ía mergulhar que era a girafa e depois encontraram um a flor que diziam que era um dente de um leão ? depois viram muita palha ? para eles comerem e depois cada um tinha um instrumento para tocar e depois riram-se. Encontraram uma montanha e subiram e depois esse elefante gritou ? porque não tinha a mãe nem o pai. E depois o elefante encontrou o tigre também e depois encontraram foguetes e depois tava a ler um livro (foguetes?) para eles comerem depois encontraram mais comida. Já está a história.
3. Humm... (careta) Depois um passarinho encontrou um gato mau e o gato comeu. Depois o gato em vez de comer o passarinho comeu o gelo. Depois encontrou uma árvore e arranhou. E ... e depois arranhou as árvores todas e depois o pintainho ... o passarinho e o gato pensaram e depois cada um pensou, o passarinho pensou em matar o gato e o gato pensou em matar o passarinho. E depois o gato partiu o pau onde o passarinho tava e o pássaro morreu e depois quando o pássaro morreu o gato foi atacar os outros pássaros todos. Depois como os outros pássaros voavam o gato tinha que se por em pé e não conseguia porque os pássaros voavam. E depois veio uma senhora e depois a senhora fez festinhas ao gato e depois o gato mordeu a senhora e depois encontrou um bocadinho de comida e comeu (o gato). E depois comeram, comeu o passarinho e o pássaro ficou muito grande e o gato ficou muito grande e ficaram os dois muito grandes.
4. Primeiros os dois, três coelinhos, os dois que estavam no pau olharam para a lua e riram. Depois tudo estava a brilhar porque os três coelinhos limparam tudo, subiram às árvores e limparam e depois encontraram muitas flores e estava tudo cheio de flores e depois eles passearam e foram a uma loja depois eles não chegavam à bancada e depois perguntava por um buraco que a

- bancada tinha para os mais pequenos e depois eles espreitaram e havia muitos brinquedos para eles os três (todos do mesmo tamanho?) sim. A história já está.
5. Depois o cão assustou o pássaro e depois o pássaro deixou entrar o cão para a casa dele. Quer dizer o pintainho! E depois havia muita palha e o cão e o pintainho comeram? Os dois juntos? (Assustados?) sim... E pensava que era um gigante e depois encontraram uma máquina fotográfica (olha para o gravador) e gastaram o rolo todo (assustado?) não (cão?) depois na palha encontraram muitos pintainhos e cães pequenos que eram filhotes (deles?) sim, do cão e do pinta ... ai. Eram filhotes da mãe. O pintainho que 'tá aqui depois chamou a mãe. Depois a mãe ralhou com o cão. Porque não queria lá visitas em casa. E depois foram comprar outro rolo para a máquina fotográfica e depois enganaram-se os dois porque a entrada era uma roda. E depois encontraram um dente de vampiro depois quando eles comeram o dente de vampiro ficou com muitos dentes. A história já está.
 6. Depois quando o pato foi à água ele viu que era uma sombra igual a ele, que 'tava na água e depois viu um pico, depois aquilo não era mesmo um pico, era uma relva que parecia um pico mas não era. E depois passeou, passeou e mais passeou e encontrou o pai pato e depois escreveu umas letras (?) que gostava de todos. E depois encontrou o super homem a voar com os outros pássaros, (voar?) o mundo dos reis leões. E depois encontraram uma flor e comeram uma flor que eles gostavam muito de comer flores. E depois encontraram um jardim cheio de relva e roeram a relva e correram à volta e ficaram todos tontos. A história já está (pato?) Depois o patinho gostou muito do pai e da mãe.

Palhaço

1. O ovo, o ovo ainda ainda 'tava arranjado e começou a partir e o pintainho começou a nascer depois a mãe estava a chegar e viu o filho e levou o filho a passear.
2. Depois encontrou muitos animais muitos amiguinhos cantarem, fizeram uma canção, muito felizes. Era um ursinho, um Girafa, um elefante, o leão, o pintainho, o hipopótamo cor-de-rosa.
3. Depois encontrou, o gato foi encontrou um passarinho abriu a boca e fez miau. Estava quase a fugir e quando o gato gritou muito mais alto o passarinho fugiu, foi à procura da mamã. Não tenho mais coisas para dizer aqui na história.
4. Quando estava de noite o pintinho foi para casa encontrou um coelhinho e uma coelhinha. Eles não eram amigos e agora já são e 'tá aqui outro que também não era e já é (?) este é amigo deste e este deste (lateral). Este tem a língua de fora (?) estes (2) têm quase a língua de fora só que não puseram (?) porque estava a ver ali quando olharam para ali (Pequeno) puseram a língua para dentro (Pequeno?) Ele quando acabou foi para ali foi logo para casa (outros?) foram ajudar ele ir para casa. A coelhinha e o coelhinho moram juntos. Eles têm laço, a menina tem na

cabeça e menino assim, A árvore caiu, eles ficaram árvore estava atrás, estava quase a cair só que não caiu. Não tenho mais nada a dizer.

5. Depois quando o pintainho foi para casa e ‘tava outro cão e não se via a cara ‘tava tapado. O pato estava a esconder da mãe dele e o pato foi à procura dela (gagueja) e ela disse para ele calar. A árvore ‘tava assim e o outro buraco ‘tava todo tapado e depois ficou sem ser tapado e ficou com dois buracos e depois o cão ‘tava a falar, depois o patinho disse para ele calar. Não tenho mais coisas para dizer. O pato esconder da mãe (?) porque a mãe às vezes estava a zangar com o pato. Ele e a mãe estavam a brincar às escondidas, ele ‘tava a bater (quem?) A mãe a fingir e ele a pensar que é a sério. O galo estava a fazer cocoró e acordou os animais todos.
6. Esta é uma pessoa só que ele ‘tava a olhar para a água e na água apareceu a cara dele toda e a boca, e depois quando alguém aparecer ele vai assustar e vai ter de voar só que os amigos dele não gostam dele. Às vezes gostam. Ele parece um pato (?) porque às vezes ‘tá sempre a ralar com eles e ele (baixo) é o pai deles. Este é a mãe (acima) e esta é a filha (a seguir atrás). Não tenho mais coisas a dizer.

Bruxa

1. Um pato. Nasceu do ovo. (?) nascido pelo ovo (?) parece um pato (?) tava a abanar e depois saiu.
2. Um pássaro a tocar e uma girafa a cantar com microfone. Um urso a tocar tambor. Um hipopótamo e um leão a ouvir e um elefante também a ouvir. Eles estão na praia. Na praia a cantar porque eles quiseram ir para a praia cantar (?) foram a pé. (?) Estão contentes. O leão está a dizer “tchau” e o hipopótamo está a ser amigo do leão porque eles antes não eram amigos. O elefante também é amigo do leão. A girafa também é amiga do leão mas também ‘tava a cantar também.
3. O gato a dizer miau ao passarinho. Passarinho ‘tava na árvore. O gato disse “miau” para o passarinho para ele voar. O gato ‘tava nas pedras. O passarinho não disse nada (?) Não porque ele só queria “piu piu piu”, o gato abriu a boca e disse “miau” (?) porque não sabia que aquilo era um passarinho (?) pensava que era uma gaiota. E o passarinho voou (?) para as montanhas e depois o gato foi lá a fugir e depois apanhou-o e caçou-o. E depois o gato foi para as árvores e não sabia onde tava a passar; tava lá nas montanhas, lá ao fundo (fala muito baixinho). O gato disse assim :”miau, não sei onde está o passarinho. O passarinho foi para outra cidade e depois começou a dar vento e disse “miau” ia para casa. A aluna disse assim ... (?)“O gato ajuda-me a apanhar” e depois o passarinho anda para a gaiola a dormir. E depois o gato tava a dormir na casota com ele. E depois foram ser amigos que já conhecia. E depois apareceu um rato lá na casota do gato e depois os senhores mataram um gato e um passarinho depois o gato aproximou deles e amarrou-os. Depois o passarinho foi amigo do gato também. ... (?) Ficam muito amiguinhos e ficaram feliz para sempre.
4. Uma coelha e um menino estavam a esconder e depois um ratinho escondeu-se atrás da árvore iam para a casota deles escondidos para não verem ninguém. E depois cortaram-se a árvore e depois esconderam-se debaixo daquela árvore. E depois eles dormiram atrás de uma floresta para ninguém vê-los. (?) ninguém viu. Depois os senhores, depois tava sol em senhores ali e eles tavam a ver o que passava lá na floresta, o ratinho também tinha uma namorada mas tava lá em casa (?). A casa da namorada era em Lisboa, era muito longe de Lisboa. E o ratinho tinha carro para três, 3 cadeiras, e a mãe coelhinha também

tinha e fizeram uma corrida de carros e a ratinha pequena chamou a mãe para casa (?) o ratinho tinha uma ideia (?) ganhou o coelho pai (Carro?) carro azul, a mãe tinha um carro cor de rosa e o ratinho também tinha um carro cor de rosa.

5. O cão, disse assim ao pato: “Quem és tu?”. E depois o cão disse: “eu sou o dentuço”. O pato “posso ser amigo dele?”. E depois o dentuço disse assim “como te chamas?”. “Chamo paatoo”. E depois o cão disse assim: “eu só tenho um aninho!”. O pato disse assim: “eu só tenho dois aninhos”. O pato tava dentro da casota dele, não sabia o que tava a passaaar. O cão entrou lá e o dono dele disse assim: “cão dentuça, cão dentuça, anda caçar animais “ e depois ele tava muito atrasado (?) o cão. E depois o dono dele pôs aqui palha na casota dele “onde tu moras?”, “ali naquela casa ao fundo” – Embala a contar a historia – e disse “eu não tenho pais, nem mãe nem pai” e depois ele, o cão disse assim: “isto é uma cabana na árvore “. O cão disse assim só com um dente “ eu só tenho um dente” – “ eu sou um pato” só tenho um bico”. (os pais?) morreram (?) ficou com o cão.
6. O outro pato estava na água, nasceu o bebé, onde estava o bebé(?) eles foram chocar e depois nasceu de dentro da barriga. E depois os outros passarinhos foram a voar um bebé, todos os bebés. Um hipopótamo, um elefante uma girafa, todos. O, depois o mar começou a rodar, tava a chover. E depois o pato foi a voar muito depressa porque ia ter com as suas amigas para ir a uma festa dos bebés. (?) a festa era muito longe lá para Lisboa. E depois a festa era muito divertida tinha um baile, uma baleia e depois tinha um senhor que dava os bilhetes e depois iam brincar (?) depois a amiga disse assim : “ anda anda” e depois ela não percebeu ‘tava aqui atrás e depois aconteceu que os senhores iam para o rio. Depois o pato disse assim aos seus colegas: “olha os mares vão para o rio muito depressa!”. E depois ficaram as ondas no pato. Não conseguia aguentar porque o pássaro ‘tava a afundar e depois todos ‘tavam a voar. Todos chegaram à festa e a Teresa não chegou. (?) Foi ter com os mares a voar E depois o mar a falar: “Quem és tu?”. “Eu sou a Teresa”. E depois disse assim: “Como te chamas?”- “Sou a gota, gota gotinha” e depois as outras amigas dizem assim: “olha porque não vens ter connosco à festa?”. E depois ela disse: “olha porque estou a falar com estas gotinhas”. Depois os amigos deles dizem assim: “ mas tu tens que ir à festa porque assim não convida”. E depois disse assim “porque não falas assim com a boca fechada?” – porque ele não sabia.

Romano

1. Era uma vez um patinho feio. Que o, que a mãe ‘tava a guardar o ovinho mas de repente o ovinho começou-se a mexer e começou a partir. Durante algum tempo começou a nascer e começou a andar. Começou a partir aos bocados durante um tempo e começou a nascer as patas, a cabeça, as pestanas, os olhos, o pescoço, a barriga e o rabinho. Durante, a crescer algum tempo e depois já nasceu.
2. Era uma vez um elefante que andava a passear encontrou uma girafa, um leão, um rinoceronte, um piuu, um ursinho e dois passarinhos. Entretanto começaram a brincar e a tocar as músicas preferidas deles. Via-se o mar às cores e as rochas mais as árvores num lago e durante algum tempo começaram a cantar as músicas preferidas e as algas ‘tavam no mar e o céu azul mais as nuvens brancas. Começaram a cantar. Ao pé do lago tinha umas ervas fofinhas cor de rosa e as arvores eram verdes e as algas eram verdes e a erva era azul e as flores eram amarelas. Começou a desaparecer as nuvens e eles, a girafa, o rinoceronte, o leão, o urso, o elefante, o urso e os dois passarinhos começam a ir para casa.

3. Era uma vez um gato que andava a apanhar um passarinho entretanto nas montanhas a neve ‘tava a derreter. O gato continuava a apanhar, mas começou a ficar muito frio e o gato teve de ir para casa e depois o passarinho ficou no seu ninho sossegado. As árvores começaram também a cair, o muro, bastou uma casa e uma árvore não cair (?) As montanhas entretanto foram-se juntando e foi aparecendo o sol, o pássaro foi saindo do ninho e o gato ainda estava em casa a comer o seu jantar. Começou a sair o gelo e começou a ficar tudo normal. O céu com as nuvens e o sol a dar raios. Já acabou.
4. Era uma vez uns coelhinhos que andavam à procura de comida mas de noite não podiam deixar o filho sozinho e o filho foi com eles e começou a brilhar as árvores, o chão, os troncos e as plantas, e os coelhinhos começaram a brilhar. Encontraram um bocado de comida, uma salsinha, e começaram a comer os três. Entretanto começou a aparecer o sol as nuvens e o céu azul. E acabou. O sol a dar raios e as estrelas começaram a desaparecer, os coelhinhos começaram a passear e acabou.
5. Era uma vez um cão que queria comer um patinho, o patinho foi ficando triste e o cão também porque o patinho disse “não”. O patinho feio começou a ir para a fora lá a voar. E o cão começou a desaparecer a ir para a casota dele na vizinha onde ele costuma morar. Viu-se um gato, palho (?) (em cima) com patinha tão pequenas e depois o cão começou a brincar com o gato só que a cãozinha começou a nascer filhos (?) ‘tavam na casota da mãe.
6. Era uma vez uns cisnes que ‘tavam a voar no céu um ‘tava a ir para norte outro ‘tava a ir para Portugal e outro ‘tava a ir par o norte só que encontrou um amigo. Entretanto as ervas começaram a crescer e o sol começou a dar raios à água azul. A outra parte da margem era os cisnes que tavam no porto(?) a arranjar comida, já acabou. (?) Era para eles comerem. Já acabou (amigos?) sim.

Palhaço rico

1. Ovo saiu da casca. Tá triste (?) o ovo (?) porque a mãe dele deixou-o sozinho (?) porque ele não saía da casca (mãe?) buscar comida (?) para o filho (?) para a mãe (?) ele saiu da casca (?) sim (comeu a comida?) sim.
2. ‘Tavam a brincar (?) aos músicos (?) animais (?) eram amigos(???) ... num barco.
3. O gato quer comer o passarinho ... (?) e o passarinho não conseguia voar (?) não (??) o gato comeu-o.
4. Eles estavam com medo (?) porque ‘tava escuro (?) coelhinhos (?) (?) (eram alguma coisa um ao outro?) ... (?) continuar com medo.
5. Era o cão que queria ajudar o passarinho. O passarinho não queria porque tinha muito medo. (?) (cão) não (?) Ajudar?) para ele não ficar com medo (?) isso (medo?) da palha que era muito grande.
6. Que ele ‘tava-se a ver ao espelho. Um pato (?) para ver se tava lindo (Lindo?) sim (?) pela água (sozinho?) não (?) foi estes amigos (amigos?) ‘tavam a ver se encontravam comida (encontraram ?) não (???) ‘tavam a ver se encontravam comida. Ele ‘tava a ver se ‘tava comida na água.

Deusa

1. É o patinho feio ... porque é daquela cor e a aquela cor é feia. É o patinho feio a nascer ... (?) o pai ficou chateado porque ele não era como os outros e depois a mãe foi-se embora com os outros e deixaram-no lá sozinho e depois ele começou a chorar 'tava a andar e continuava a chorar e depois encontrou outra vez os patinhos e continuava a chora. E depois e continuava a andar e continuava a chorar e chegou uma altura que ele parou e não havia mais caminho e depois olhou para a água e fez uma cara e depois fez um reflexo da cara dele. Depois apareceram uns patinhos e uma mãe cisne e era a mãe dele. Depois os outros ficaram todos contentes e eles ficaram lá a brincar com o patinho feio. E depois a mãe foi-se embora e levou eles e tapou-os com as asas. E depois eles 'tavam a brincar, a brincar e a dar mergulhos e a mãe a andar e iam atrás da mãe. E depois, não há mais e amostra a outra imagem.
2. Depois os animais viram o patinho feio e 'tavam a fazer música com a boca, com o tambor e com a maraca. O elefante 'tava a fazer com a tromba. E o passarinho pequenininho estava a fazer com a corneta. Depois 'tava muito barulho, muito barulho e depois a mãe assustou-se e foi-se embora. E depois eles iam continuar a dar os mergulhos e a mãe a andar na água e depois eles pararam de cantar as músicas e foram todos a andar e depois eles já 'tavam cansados porque passaram a noite toda a andar e foram dormir. Deitaram-se à sombra de uma árvore. Depois chegou o sol e os patinhos acordaram e os animais também. E depois fizeram outra vez barulho e a mãe cisne e os patinhos 'tavam a passear no mar e já não foram aquele sítio. Depois eles amostraram outra imagem.
3. Depois apareceu um passarinho e depois 'tava lá um gato abandonado que queria matar um passarinho. E depois ele abriu a boca porque queria comer o passarinho e depois ele comeu o passarinho e o passarinho morreu. E depois ele foi até lá ao fundo nas montanhas que tinham neve e depois já não aguentava com o peso dele na barriga e depois caiu. Ele caiu e ficou a dormir. Depois ele, o sol voltou, ele levantou-se e continuava o caminho das montanhas com neve. E depois ele chegou, ele chegou lá ao cimo e voltou para trás e foi lá às montanhas que não tinham neve, e continuou o caminho, que não era o caminho das montanhas mas o caminho de casa. E depois ele chegou à toca dele e foi buscar mais comida, à procura de mais comida, e depois ele encontrou a comida e pôs-se a comer a comida e voltou para casa e foi dormir porque já era de noite e era tarde. E depois amostram a outra imagem.
4. Depois chegou o natal. Os coelhinhos e as coelhinhas e o cão e viram as árvores cheias de luzes e depois viram as luzes porque era Natal. E depois olharam para o chão e o chão 'tava cheio de florzinhas a brilhar. E depois eles 'tavam com medo, eles viram aquilo cheio de coisinhas e pensavam que era uma coisa que aconteceu ali ... (?) coisinhas amarelas (?) porque causa das coisinhas amarelas e pensou que alguém tinha feito aquelas coisas e era mau e podia agarrá-las quando tivessem distraídas. E depois amostra a outra imagem. (medo?) Eles viram que era Natal.

5. Depois o patinho feio ‘tava dentro de uma coisa redonda e apareceu uma cara de cão. E depois ele ficou com medo e saiu no outro lado e depois ele ia a correr a correr, porque ele tinha muito medo, porque ele pensava que o cão ia entrar lá dentro e não conseguiu. E depois houve uma altura que ele ficou com as coisinhas amarelas porque ele transformou-se num cisne. E depois ele ... a mãe, ele foi ao pé da mãe e a mãe ficou admirada porque ele era pequenino e transformou-se num cisne e depois ele ficou sempre ao pé da mãe e os outros ainda eram pequenininhos. E depois ele, os patinhos transformaram-se num cisne uma certa altura e a mãe ‘tava a ver coisinhas brancas neles e transformou-se num cisne. E depois amostravam a outra imagem. (espreita por baixo desta).
6. Depois o patinho feio viu-se e já que tinha medo do reflexo da água e depois foi voar com os outros irmãos. E depois ele voou atrás da mãe com os outros irmãos e viram um tiro e viram que eram os caçadores e fugiram e depois o patinho feio, não o cisne não tinha medo, eles mandaram um tiro e ele escondeu-se e eles não mandaram o tiro para ele. E depois ele ‘tava lá o mais pequeno, deram um tiro e deram um tiro na cabeça e ficou com a cabeça sem um bocado dos pelos. E depois ele, ele, o caçador mandou um tiro parfa o cisne e não conseguia mandar o tiro para o cisne e mandou o tiro para o céu e caiu a arma que estava lá dentro (?) dentro da pistola (?) lá dentro (?) dentro da pistola (a arma estava dentro da pistola) – quem tinha? Arma (?) era o caçador. E depois a história acabou.

Fada

1. Um patinho diferente ‘tá a sair do ovo. Porque quando a mãe chocou os ovos, os patos saem e depois vão ficar grandes e gostam de ir à beira dos lagos, depois este patinho vai ficar um cisne. Depois este quando era pequeno foi para longe porque os irmãos só gozavam e depois ele foi para uma casa e encontrou um gato e uma galinha. A galinha disse assim “sabes rosnar como os patos” e ele disse que não sabia e o gato disse se ele sabia voar e ele disse que não sabia. E depois eles expulsaram-no da casa. e depois ele quando viu-se à beira dum lago viu-se um cisne. Depois já acabou.
2. Posso contar como eu quiser? Era uma vez um hipopótamo que andava a passear e encontrou um leão, e encontrou um leão. E depois encontrou uma girafa, um elefante, dois pássaros e um urso e à noite foram dormir. E depois acabou (?) A girafa ‘tava a tocar matracas o leão a brincar, o hipopótamo ‘tava a saltar, o urso ‘tava a tocar tambor, um passarinho ‘tava a ler – a B. também chamava a este um passarinho ?- (??) um pingüim. Tocar (?) porque eles gostaam (amigos?) eram.
3. Era uma vez um gatinho subiu a uma árvore e depois viu um passarinho, fingiu que ia comê-lo para assustá-lo e ia quase caindo do ninho e depois foi a voar e apanhou o pelo do gato e deixou-o cair para o chão e o gato caiu na água e o passarinho riu-se muito muito e o gato foi-se embora e acabou.

4. Era uma vez dois coelhinhos que passeavam num bosque encantado e andavam todo o dia a brincar e depois encontraram um koala e depois brincaram muito muito muito, até ficar de dia e depois ficaram a saltar. Já acabou.
5. É do outro patinho que eu contei. Era um patinho que 'tava à procura de comida e não havia comida para ele e 'tava quase a morrer à fome e depois encontrou uma casa e depois viu um cão e o cão não o queria lá e depois foi à beira do rio, bebeu água e viu-se um cisne. E já acabou. (gostou de se ver cisne?) sim.
6. Eh! Eh! Eh!
Depois encontrou uma casa e depois viu um cão e o cão não o queria lá e depois foi à beira do rio, bebeu água e viu-se um cisne A B. disse que eles se apaixonaram? Depois foram brincar e encontraram muitos amigos e brincaram a atirar água. (apaixonou?) não. No outro apaixonaram-se mas aqui não (?) na outra da minha escola. Vitória Vitória acabou-se a história amanhã há mãe.